

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**

**JOÃO VICTOR GOMES DE OLIVEIRA**

**O HOMEM EM CRISE: REPRESENTAÇÕES DE MASCULINIDADES COMO  
TECNOLOGIAS DE GÊNERO EM UM *E-BOOK* DO SITE *PAPODEHOMEM* (2017)**

**CURITIBA**

**2022**

**JOÃO VICTOR GOMES DE OLIVEIRA**

**O HOMEM EM CRISE: REPRESENTAÇÕES DE MASCULINIDADES COMO  
TECNOLOGIAS DE GÊNERO EM UM *E-BOOK* DO SITE *PAPODEHOMEM* (2017)**

**Man in crisis: representations of masculinities as technologies of gender in an  
e-book by *PapodeHomem*'s website (2017)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Tecnologia e Sociedade.

Área de Concentração: Tecnologia e Sociedade.

Linha de pesquisa: Mediações e Culturas.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marinês Ribeiro dos Santos.

**CURITIBA**

**2022**



[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Esta licença permite compartilhamento, remixe, adaptação e criação a partir do trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es). Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.



JOAO VICTOR GOMES DE OLIVEIRA

**O HOMEM EM CRISE: REPRESENTAÇÕES DE MASCULINIDADES COMO TECNOLOGIAS DE GÊNERO EM UM E-BOOK DO SITE PAPODEHOMEM (2017)**

Trabalho de pesquisa de mestrado apresentado como requisito para obtenção do título de Mestre Em Tecnologia E Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Área de concentração: Tecnologia E Sociedade.

Data de aprovação: 29 de Junho de 2022

Dra. Marines Ribeiro Dos Santos, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dra. Lindsay Jemima Cresto, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dr. Paulo Roberto Souto Maior Junior, Doutorado - Universidade Federal da Paraíba (Ufpb)

**Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 29/06/2022.**

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marinês Ribeiro dos Santos, por sua  
generosidade, seu acolhimento e sua paciência,  
valores sempre presentes em nossas trocas e que  
me marcaram profundamente.

## AGRADECIMENTOS

No texto *A coragem de ser você mesmo*, apresentado em um debate do qual participou em Lyon, na França, em 2014, e posteriormente apresentado como uma de suas “crônicas da travessia”, Paul B. Preciado (2020, p. 142) afirma que “a revolução atua através da fragilidade”. Por esse motivo, o filósofo deseja que as pessoas que o ouvem possam se mostrar frágeis e, assim, conseguir reinventar suas identidades.

Trago essa citação para, de modo pontual, refletir sobre os momentos difíceis vividos nos dois últimos anos, tanto coletiva quanto individualmente. A construção desta dissertação foi marcada pela pandemia de COVID-19, cuja gestão desastrosa em nosso país resultou, até maio de 2022, em aproximadamente 666 mil mortos. Com a indicação do isolamento social como a principal medida de contenção da pandemia, professoras/es e estudantes de todo o país tiveram de se adaptar, sem qualquer suporte do Governo Federal, ao modelo remoto de ensino. Em meio a esse cenário, tive um diagnóstico de depressão, doença com a qual aprendo, ainda hoje, a conviver.

Frente a tantas dificuldades, foram frequentes, em muitos dias, dúvidas quanto a minha capacidade de desenvolver o trabalho aqui apresentado. Nesse sentido, estes agradecimentos, embora breves, são dirigidos àquelas/es que, em meio a momentos de desesperança, ofereceram-me seu afeto e potencializaram minha fragilidade – pensada, aqui, em seu sentido mais revolucionário, como propõe Preciado (2020) –, ajudando-me a concretizar esta pesquisa.

Sou grato à Amanda Tavares, Maisa Carvalho, Manu Trevisani, Natalia Simões e Rodrigo Zanata, amigos que me acompanham desde os tempos de escola, pela caminhada conjunta ao longo de tanto tempo. À Amanda, em especial, agradeço por seu acolhimento na família Toninato Tavares, com seu amor incondicional. Obrigado, também, à Fernanda Sáhão, Ana Gabriela, Mariana Ornelas, Ana Carla Dias, Thais Abonizio e Vanessa Cristina, que me remetem à Universidade Estadual de Londrina (UEL), com suas infinitas perobas-rosas, à pracinha do Restaurante Universitário e a tantos momentos de alegria. À Amanda Lottermann, cujos abraços são como um refúgio, minha admiração por seus afetos, tão genuínos.

Minha gratidão à Isabeau Lobo, *ma Delphine*, pelas confidências e pelos poemas compartilhados, tão necessários para continuar a desejar o amanhã. Obrigado, Victor Morita, por sua escuta afetuosa e por sua generosidade, que me

emociona. À Regina Escudero, agradeço por sempre ter se mostrado disposta a me ouvir, contribuindo para o desenvolvimento de minhas ideias. Sinto orgulho por sua presença em minha trajetória acadêmica e sobretudo por sua amizade. Ao Deivid Santos, meu carinho e gratidão pela ajuda na construção de uma vida mais alinhada a meus valores. Agradeço, também, à Elza Pagani, por me ensinar que o coração vale muito mais do que o sangue, assim como ao Lucca Oliveira, por me motivar a sonhar (mesmo sem ainda saber disso) com dias melhores. E ao Renan Duarte, meu muito obrigado pelo último verão e por ter desejado se fazer presente além dele.

Sou imensamente grato ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) pelos esforços contínuos para construir espaços de reflexões críticas mesmo em cenários tão adversos. Em especial, expresso meu carinho pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciana Martha Silveira, que me sensibiliza com sua gentileza ímpar. Também não poderia deixar de citar a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudia Nociolini Rebechi, a quem admiro desde a graduação no curso de Relações Públicas da UEL e cujo convite despretensioso para participar do processo seletivo do PPGTE em uma tarde de agosto de 2019, no Manifesto Café, foi responsável pelo primeiro passo na direção desta pesquisa. Obrigado, ainda, à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lindsay Jemima Cresto e ao Prof. Dr. Paulo Roberto Souto Maior Júnior, cujos comentários generosos por ocasião de minha banca de qualificação foram valiosos para me ajudar a alcançar novas formas de enxergar esta dissertação.

Finalmente, expresso minha gratidão à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marinês Ribeiro dos Santos. Fico feliz ao constatar que seus ensinamentos sobre gênero, embora fundamentais para meu amadurecimento acadêmico, foram apenas uma parte do tanto que aprendi em nossas conversas no decorrer dos últimos dois anos. Obrigado por me encorajar a seguir em frente com a pesquisa sem desrespeitar meus processos, valorizando meu trabalho e me ensinando que boas perguntas são tão importantes quanto boas respostas.

O presente trabalho foi realizado com auxílio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), através do processo 133046/2020-6, na modalidade Mestrado – GM. Frente à progressiva desvalorização da ciência brasileira, enfatizo a importância da manutenção e expansão de apoios como esse para a produção de novos saberes e para a democratização do conhecimento.

*No meu corpo e no seu, um sem fim de rituais*  
Paulo de Tarso L. Brandão

#vacinasim  
#elenão

## RESUMO

OLIVEIRA, João Victor Gomes de. **O homem em crise**: representações de masculinidades como tecnologias de gênero em um *e-book* do site *PapodeHomem* (2017). 2022. 104 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2022.

Este trabalho tem como objetivo identificar e problematizar os pressupostos de gênero e sexualidade que balizam as representações de masculinidades presentes no *e-book As 25 maiores crises do homem (e como superá-las)*, lançado para venda em 2017, pelo site brasileiro *PapodeHomem*, e temporariamente compartilhado para download de forma gratuita em 2020. Para tanto, gênero e sexualidade são entendidos como produtos de práticas e discursos variados, configurando-se como construções contingentes. Sob essa perspectiva, os enunciados do livro são definidos como tecnologias de gênero, que exercem efeitos concretos sobre a realidade, contribuindo para a constituição das identidades dos sujeitos. As análises apresentadas privilegiam as narrativas que versam sobre relacionamentos românticos e sexuais, de forma a evidenciar sujeitos e práticas colocados em destaque. A partir das representações discutidas, ganha visibilidade a produção de uma identidade masculina normativa, pautada em valores androcêntricos e heterocentros, alinhados a prescrições essencialistas e individualistas. Os debates desenvolvidos visam contribuir para o questionamento de assimetrias e desigualdades sociais naturalizadas, salientando processos de subordinação que repercutem na produção de hierarquias entre as múltiplas formas de caracterizar as masculinidades.

**Palavras-chave:** gênero; representações; masculinidades; PapodeHomem; tecnologias de gênero.



## ABSTRACT

OLIVEIRA, João Victor Gomes de. **Man in crisis**: representations of masculinities as technologies of gender in an e-book by *PapodeHomem*'s website (2017). 2022. 104 f. Dissertation (Master in Technology and Society) – Postgraduate Program in Technology and Society, Federal University of Technology – Paraná. Curitiba, 2022.

This work aims to identify and discuss gender and sexuality presumptions that guide the representations of masculinities within the e-book *As 25 maiores crises do homem (e como superá-las)*, first released in 2017, sold by the Brazilian website *PapodeHomem*, and briefly made available for free download in 2020. In order to do so, both gender and sexuality are here understood to be products of varied practices and discourses, setting up to be circumstantial constructions. In this framing, the statements made on the e-book are understood as technologies of gender, with actual effect on reality, contributing to constitute the subjects' identities. The present analyses focus on narratives that deal with romantic and sexual relationships, in order to underline subjects and practices put in the limelight. Through the discussed representations, it becomes apparent that there is a construction of a normative masculine identity set through androcentric and heterocentered values, aligned to essentialist and individualistic prescriptions. These debates aim to contribute to the questioning of asymmetries and social inequalities taken as natural, emphasizing the subordination processes that produce a hierarchy between the multiple forms to characterize masculinities.

**Keywords:** gender; representations; masculinities; PapodeHomem; technologies of gender.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Divulgação, no <i>Facebook</i> do <i>PapodeHomem</i> , do compartilhamento gratuito do e-book <i>As 25 maiores crises do homem e como superá-las</i> , em abril de 2020 ..	15
Figura 2 – Cabeçalho da página inicial do <i>PapodeHomem</i> .....	26
Figura 3 – “Cardápio do dia” .....	26
Figura 4 – Rodapé da página inicial do <i>PapodeHomem</i> .....	27
Figura 5 – Visualização da seção “Fluxo” .....	29
Figura 6 – Reclamação de leitor no <i>Facebook</i> do <i>PapodeHomem</i> (2014).....	40
Quadro 1 – Classificação das questões abordadas no e-book <i>As 25 maiores crises do homem (e como superá-las)</i> (2017) .....	49

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2 CONHECENDO O <i>PAPODEHOMEM</i> .....</b>	<b>24</b>
<b>2.1 Estruturação do portal .....</b>	<b>24</b>
<b>2.2 “Somos assim tão pretensiosos?” – Reiteraões e disputas em torno de discursos sobre as masculinidades no PdH (2006-2016).....</b>	<b>30</b>
<b>3 DELINEANDO O HOMEM EM CRISE .....</b>	<b>44</b>
<b>3.1 “Ser homem não é nada fácil”: apresentação do <i>e-book As 25 maiores crises do homem (e como superá-las)</i> (2017) .....</b>	<b>45</b>
<b>3.2 “Você, homem hetero, não precisa fazer nada”: considerações sobre a heteronorma e perspectivas autocentradas de “empoderamento”.....</b>	<b>50</b>
<b>4 “SEXO É ENREDO E CONTEXTO”: PRESCRIÇÕES DE SEXUALIDADE NAS NARRATIVAS DO <i>E-BOOK</i>.....</b>	<b>62</b>
<b>4.1 “Ninguém precisa pegar ninguém”: tensionamentos a representações normativas de masculinidades .....</b>	<b>63</b>
<b>4.2 “Leia com voz de pinto”: o dispositivo da eficácia associado ao “marketing na hora da paquera” .....</b>	<b>76</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>92</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>99</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O que significa ser “homem” em nossa sociedade?

Esse é um questionamento fundamental para a construção desta pesquisa de mestrado, na qual serão analisadas as representações de masculinidades presentes em um *e-book* intitulado *As 25 maiores crises do homem (e como superá-las)*, originalmente publicado em 2017 pelo site brasileiro *PapodeHomem* (PdH). A partir das discussões da pesquisadora italiana Teresa de Lauretis (1994) sobre o gênero enquanto uma tecnologia política, o livro em questão é entendido como um artefato de relevância para a formulação de discussões a respeito dos processos de produção e transformação em torno das identidades masculinas, sendo essa uma temática de pesquisa com a qual venho me envolvendo já há algum tempo.

De fato, a pergunta que abre esta introdução pode soar, em um primeiro momento, repetitiva para alguém que já me conhece. Amigas e amigos a escutam já há alguns anos – mais precisamente, desde 2017, quando, enquanto estudante de graduação no curso de Relações Públicas da Universidade Estadual de Londrina (UEL), propus a realização de um documentário dentro da disciplina de Pesquisa de Opinião em Relações Públicas, à época ministrada pelo Prof. Dr. Daniel de Oliveira Figueiredo. Tal proposição se deu com base em um outro documentário, de origem norte-americana, intitulado *The Mask You Live In* (2015), que apresentava discussões quanto a estereótipos de masculinidades, analisando os efeitos desses estereótipos sobre os próprios sujeitos classificados como homens.

Um forte interesse com relação ao tema tratado se deu após ter assistido ao audiovisual mencionado, uma vez que percebia, nessas discussões, uma grande identificação com minha própria história de vida. Tendo crescido como alguém que sempre teve dificuldades para corresponder, já nos termos desta pesquisa, a pressupostos normativos de masculinidades, foi fascinante descobrir que as questões de gênero, afinal, não diziam respeito unicamente às mulheres (como eu até então acreditava), e que o próprio “masculino” poderia ser tensionado, questionado e submetido a processos diversos de (des)construção. Motivado por esses debates, decidi seguir um caminho similar em meu próprio documentário, cuja realização se

deu entre outubro de 2017 e janeiro de 2018, tendo sido lançado sob o seguinte título: *A masculinidade em questão: ser homem te define?* (2018)<sup>1</sup>.

Decidido a dar prosseguimento às explorações sobre a temática das masculinidades, continuei a estudá-la em meu trabalho de conclusão de curso, orientado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Regina Célia Escudero e desenvolvido ao longo de 2018. Intitulada *A masculinidade em questão: diálogos com os estudantes do Colégio Estadual Hugo Simas sobre o que significa ser homem*, a monografia se fundamentou na execução de ações comunicacionais, a partir de pressupostos do campo da comunicação pública, para fomentar debates acerca de questões ligadas às relações de gênero e, mais especificamente, às masculinidades, entre estudantes de ensino médio (homens e mulheres) do referido colégio, localizado em Londrina. Vale destacar, dentre as ações promovidas, a exibição, em uma versão editada, do documentário produzido nos meses anteriores<sup>2</sup>.

Considero importante explicitar, ainda que de modo breve, a trajetória que precede a realização desta pesquisa, uma vez que os trabalhos anteriormente realizados são indicativos daquilo que Teresa de Lauretis (1994) denomina de experiências, ou seja: as maneiras como os indivíduos, quotidianamente, buscam (re)construir o gênero (sempre dentro das possibilidades de suas realidades, mediadas por múltiplos marcadores sociais). É por meio das experiências que são construídas reificações ou tensionamentos aos referenciais androcêntricos que, conforme a autora, operam de modo a validar determinadas representações de gênero em detrimento de outras, que se tornam marginalizadas. Relembrar tais experiências passadas, portanto, ajuda a situar esta própria dissertação de mestrado, ainda que haja diferenças significativas entre as incursões acadêmicas anteriores e o trabalho aqui apresentado.

Efetivamente, por ocasião do processo seletivo para o ano de 2020 das turmas de mestrado e de doutorado do PPGTE, os objetivos indicados no projeto de pesquisa elaborado para a seleção se aproximavam daqueles formulados para o desenvolvimento de minha monografia. Após a admissão no programa, e motivado pela necessidade de propor reajustes ao projeto originalmente apresentado, decidi

---

<sup>1</sup> Finalizado com 51m11s, o audiovisual se encontra disponível no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=uVrQnVop-Z4&t=1235s>.

<sup>2</sup> Para mais informações sobre a pesquisa citada, conferir: OLIVEIRA; ESCUDERO, 2020.

realizar a leitura, ainda no primeiro semestre de 2020, do *e-book As 25 maiores crises do homem (e como superá-las)*, previamente mencionado.

Embora já conhecesse alguns trabalhos do PdH, um portal criado em 2006 pelo publicitário Guilherme Valadares e cujas publicações, como indica seu nome, são direcionadas a um pretense público masculino, chamou a atenção o compartilhamento gratuito do livro indicado, em função da pandemia de COVID-19. Vale dizer que, na ocasião de seu lançamento, em 2017, o livro foi lançado para *download* de forma paga, sendo que a publicação na qual ele era anunciado gratuitamente não se encontra mais disponível no site, tendo o *e-book* retornado à venda sob o custo de R\$ 49<sup>3</sup>. Continua a existir, todavia, um post<sup>4</sup> datado de abril de 2020, na página do Facebook do PdH, indicando sua disponibilização sem custos. Tal publicação pode ser conferida na imagem a seguir:

**Figura 1 – Divulgação, no Facebook do PapodeHomem, do compartilhamento gratuito do e-book *As 25 maiores crises do homem e como superá-las*, em abril de 2020**



**Fonte: PAPODEHOMEM (2016)**

<sup>3</sup> A compra do livro é feita através da plataforma Hotmart: <https://hotmart.com/product/fr/as-25-maiores-crises-do-homem-e-como-supera-las-papodehomem/B5902174M>

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/papodehomem/posts/10156900571301436/>

É pertinente notar o caráter contraditório da chamada feita, pois, ainda que tenha sido indicado que a obra em questão seria disponibilizada gratuitamente durante todo o período da pandemia, já alguns meses mais tarde, ainda em 2020, o acesso gratuito ao livro foi revogado.

De fato, esse é um aspecto indicativo de outras contradições identificadas em narrativas presentes nas publicações do *PapodeHomem* e no próprio *e-book*, como será evidenciado no decorrer desta pesquisa. É válido salientar que, com base nas contribuições do sociólogo jamaicano Stuart Hall (2016), teórico dos Estudos Culturais filiado ao campo do construtivismo social, tais discursos são compreendidos como práticas de representação, ou, em outros termos, como atos criativos que, através dos sentidos compartilhados, ajudam a construir a realidade, ao invés de simplesmente descrevê-la, atribuindo posições sociais específicas aos indivíduos. Logo, as representações exercem uma influência substancial sobre a formação das identidades dos sujeitos, que são entendidas não como núcleos estáticos, mas como construções em constante processo de transformação (HALL, 2016).

Sob essa perspectiva, para identificar e problematizar aspectos relativos às representações compartilhadas no *e-book* em termos das identidades masculinas, serão acionadas, nos próximos capítulos, discussões de teóricas/os que se debruçam sobre o gênero como uma categoria de análise em seus estudos. Destaca-se, nesse sentido, a noção de tecnologia de gênero, proposta por Teresa de Lauretis (1994).

A partir desse conceito, alinhado, como afirma a própria autora, à noção de Michel Foucault (1988) da sexualidade enquanto uma tecnologia<sup>5</sup>, Lauretis (1994) discorre sobre o gênero enquanto o produto contínuo tanto de representações quanto de autorrepresentações, ou, dito de outro modo, como o resultado de práticas e discursos variados, configurando-se como uma série de construções contingentes que exercem efeitos concretos sobre a realidade e sobre a constituição da subjetividade dos indivíduos. Trata-se de uma concepção que vai além da definição do gênero como tão somente as diferenças sexuais entre os sujeitos classificados como homens e mulheres, possibilitando, por conseguinte, a problematização de hierarquias entre as

---

<sup>5</sup> É pertinente apontar que a autora também destaca os distanciamentos de seu trabalho com relação às conceituações foucaultianas, salientando que elas não levavam em conta, precisamente, as especificidades de gênero nas vivências de homens e mulheres.

próprias feminilidades e as masculinidades<sup>6</sup>. A propósito dessa última categoria, vale dizer, aliás, que as identidades masculinas constituem, atualmente, um campo relevante de investigações, embora ainda não suficientemente explorado, como explicam os pesquisadores brasileiros Benedito Medrado e Jorge Lyra (2008, 2018).

No contexto nacional, o tema em questão tem sido pautado em pesquisas acadêmicas e discussões políticas desde o final da década de 90. Anteriormente a esse período, as discussões sobre gênero aqui travadas se referiam majoritariamente às mulheres e à “condição feminina”, sendo os estudos sobre o HIV e a AIDS uma exceção a esse cenário. Homens que mantinham relações homoafetivas ocupavam um lugar de destaque nessas pesquisas, ainda que raramente elas se debruçassem sobre os seus processos de socialização, contribuindo para uma compreensão “do” homem enquanto um sujeito universal. Um marco para o aprofundamento nas investigações quanto às identidades masculinas foram as discussões, em alta nas décadas de 1980 e 1990, quanto à caracterização e ao valor da categoria “mulher” para as pautas feministas, além de debates, também no âmbito desses movimentos, quanto ao “patriarcado” e a possíveis contribuições dos homens para a transformação desse sistema (MEDRADO; LYRA, 2008, 2018).

No que tange ao conceito de “patriarcado”, a antropóloga brasileira Adriana Piscitelli (2002) explica que sua formulação e utilização remetem aos movimentos e discussões teóricas feministas situados após os anos 1960, em especial aos debates propostos por feministas radicais. Cunhada de modo a indicar o caráter histórico da dominação masculina experimentada pelas mulheres, essa categoria, embora tenha se mostrado “útil do ponto de vista da mobilização política” (PISCITELLI, 2002, p. 15), possibilitando a compreensão de que as condições de subordinação feminina não deveriam ser vistas como um fenômeno natural e imutável, mostrou-se problemática em função dos pressupostos reducionistas que a guiavam. Anterior ao conceito de gênero – que também apresenta suas próprias disputas e reformulações no decorrer do tempo –, ela pressupunha uma dominação masculina universal, baseada em uma concepção global e unitária de poder, sem qualquer especificidade em termos de tempo ou espaço. De modo similar, o sujeito “mulher” que seria alvo dessa supremacia

---

<sup>6</sup> A título de curiosidade, as discussões de Lauretis, a partir da conceituação apresentada, são marcadas sobretudo por análises fílmicas, buscando compreender os efeitos das representações cinematográficas de feminilidades, enquanto uma tecnologia de gênero, sobre as mulheres.



trans-histórica derivava de uma formulação também reducionista, sendo fundamentado exclusivamente nas perspectivas e demandas de mulheres brancas.

Sob esse entendimento, a própria categoria “homem” foi, paulatinamente, complexificada e dissociada de perspectivas reducionistas, conferindo destaque e legitimidade aos estudos sobre as subjetividades desses indivíduos. Estabelecendo uma comparação com as análises centradas nas identidades femininas, o sociólogo brasileiro Pedro Paulo Oliveira (1998) aponta algumas especificidades das investigações sobre as masculinidades, dentre as quais uma maior participação dos próprios homens nos debates propostos, bem como um deslocamento do olhar com relação aos sujeitos privilegiados. A despeito de tais particularidades, é salientada, contudo, a relação intrínseca entre esses estudos e os debates feministas:

(...) não se trata de reivindicar uma diferença essencialista que, em última análise, trabalha subrepticamente para legitimar o *status quo*, e sim verificar como as abordagens da masculinidade podem acrescentar dados novos sobre as relações de gênero que o feminismo até aqui não aventou, ou se o fez, assim procedeu destacando alguns aspectos e negligenciando outros (sina de qualquer análise, mesmo as mais laboriosas e empenhadas) (OLIVEIRA, 1998, p. 11, *grifo do autor*).

Compartilhada também por Medrado e Lyra (2008, 2018), essa é a perspectiva crítica, no que tange aos discursos sobre as masculinidades, que baliza este trabalho. Tais identidades são, aqui, pensadas como múltiplas em suas formas de caracterização, sendo priorizadas, para o delineamento das representações a serem analisadas, as discussões de pesquisadoras/es alinhadas/os às críticas feministas. Além de Teresa de Lauretis (1994), destacam-se a feminista negra norte-americana bell hooks (2004)<sup>7</sup>, o pesquisador brasileiro Fernando Seffner (2016)<sup>8</sup> e a psicóloga

---

<sup>7</sup> É relevante dizer que os trabalhos de hooks (2004) são orientados pela utilização da categoria “patriarcado”. Sem ignorar as controvérsias em torno desse conceito, será estabelecido, para fins de análise, um alinhamento entre os pressupostos identitários masculinos classificados pela autora como “patriarcais” e os referenciais normativos aqui tratados como androcêntricos. Tal alinhamento se deve à maneira como a categoria “patriarcado” é articulada por hooks (2004), que o concebe como um sistema político de gênero complexo, cujas representações binárias exercem influência sobre os sujeitos desde o seu nascimento.

<sup>8</sup> As considerações de Seffner (2016) se baseiam na concepção de “pedagogias de gênero e de sexualidade”, da autora brasileira Guacira Lopes Louro (2013). O fundamento por trás dessa concepção é de que o gênero e a sexualidade são construídos através de pedagogias específicas, exercidas por instituições diversas, que colocam em circulação normas e discursos que simultaneamente elegem e excluem sujeitos e práticas sociais, podendo tanto acentuar quanto refutar as normas estabelecidas. Embora considere ser possível propor aproximações entre as concepções de Louro (2013) e a formulação do gênero como uma tecnologia, opto por priorizar as

brasileira Valeska Zanello (2018), dentre outras/os estudiosas/os que ressaltam, em suas investigações, a relevância dos diversos marcadores sociais para a constituição dos sujeitos, de modo a evidenciar os pressupostos normativos que operam sobre as masculinidades e provocam clivagens sociais entre os homens.

Quanto a esses pressupostos normativos, discutidos em detalhes ao longo do trabalho, cabe indicar, por ora, a organização das categorias “masculino” e “feminino” sob um viés essencialista, isto é: em termos binários e excludentes. Tal organização se fundamenta no entendimento da heterossexualidade como única possibilidade para os indivíduos em termos de relações românticas e/ou sexuais, acarretando a classificação de homens que se relacionam com outros homens como sujeitos “desviantes” dessa heteronorma, aqui compreendida como uma construção social. Além disso, ela também se encontra associada a prescrições específicas para as práticas sexuais, tendo, como um de seus efeitos, a valorização da potência sexual para os homens, que são frequentemente incitados a demonstrarem esse atributo (hooks, 2004; LAURETIS, 1994; SEFFNER, 2016; ZANELLO, 2018).

Assim, já durante a leitura inicial do *e-book*, alguns elementos de seus enunciados despertaram meu interesse. Em primeiro lugar, foi notável o alinhamento de suas narrativas a concepções restritivas de gênero, algo perceptível por meio da reiterada naturalização, nas representações compartilhadas, da identidade heterossexual, reforçando seu status privilegiado frente a outras identidades sexuais. Além disso, tais concepções também se fizeram notar por meio da interpelação, em diferentes discursos, a uma sexualidade ativa, apresentada como fundamental para a validação de uma identidade masculina, a despeito de algumas críticas, em enunciados específicos do livro, a essa mesma normativa. Destacou-se, ainda, a definição de “crise” sobre a qual a obra se baseia.

Como explica Guilherme Valadares (2017) em seus capítulos iniciais, esse termo é utilizado para se referir a situações potencialmente desestabilizadoras, que colocariam em xeque os “mitos heróicos” que, através de representações orientadas por comportamentos como demonstrações constantes de coragem e de controle, fundamentariam a construção identitária de um homem. Ao vivenciar uma “crise”,

---

proposições teóricas de Teresa de Lauretis (1994), de maneira a estabelecer diálogos entre seus apontamentos e as indicações de Fernando Seffner (2016). Para mais detalhes sobre a categoria de pedagogias de gênero, conferir SEFFNER (2016) e LOURO (2013).

contudo, esses sujeitos perceberiam que não conseguiriam corresponder a essas representações. Tais momentos, por conseguinte, são tidos pelo autor como “preciosos e raros”, uma vez que poderiam contribuir para o desenvolvimento pessoal dos homens, possibilitando-lhes “soltar certezas e teorias desnecessárias”. Para tanto, seria indispensável seu engajamento individual, expresso a partir de “escolhas, ações, força de vontade, resiliência, capacidade de se acolher e se colocar vulnerável, assim como sua paciência” (VALADARES, 2017, p. 9).

Cabe ressaltar, nesse sentido, que embora a possibilidade de agenciamento dos indivíduos seja um aspecto comum entre as diferentes concepções teóricas que norteiam este trabalho, foram constatadas, ao longo de todo o *e-book*, narrativas autocentradas, que não são contrapostas a perspectivas sociais mais amplas, mostrando-se problemáticas. Finalmente, foi observada, ainda, a existência de uma relação intrínseca entre os capítulos do livro e os discursos compartilhados em publicações do *PapodeHomem*, sendo a obra em questão, de fato, uma compilação de textos anteriormente publicados no PdH (VALADARES, 2017).

À luz da identificação desses aspectos, o *e-book As 25 maiores crises do homem (e como superá-las)* foi escolhido para o desenvolvimento desta pesquisa, compreendendo que, ao analisá-lo como uma tecnologia de gênero, poderiam ser apresentadas contribuições significativas para o desenvolvimento de reflexões acerca das representações de masculinidades presentes no imaginário social atual, cujas disputas de sentidos podem ser evidenciadas a partir das mudanças notadas nos próprios discursos compartilhados no *PapodeHomem* anteriormente à publicação do livro, entre os anos de 2006 e 2016.

Tendo feito essa opção, foi estabelecida, para fins de análise, uma categorização própria para as “crises” debatidas, uma vez os capítulos do *e-book* não dispõem de uma organização específica. As categorias formuladas serão indicadas a seguir, figurando, entre parênteses, o número de capítulos que as compõem: “Emprego e dinheiro” (3); “Hábitos não saudáveis” (3); “Envelhecimento e luto” (2); “Sociabilidade” (2); “Corpo e aparência” (2); “Paternidade” (1); e, por fim, “Relacionamentos românticos e sexualidade” (12). Serão privilegiados, nesta pesquisa, os capítulos que versam sobre relacionamentos românticos e sexualidade, posto que esse recorte, devido a seu grande número de “crises”, mostrou-se profícuo, em leituras posteriores do livro, para reflexões acerca dos elementos mencionados

nos parágrafos anteriores, que dialogam com os valores e atributos acionados para a produção de uma identidade masculina bem delineada nas narrativas discutidas.

Para o desenvolvimento de tais reflexões, é empregada a estratégia de leitura proposta por Teresa de Lauretis (1994) que considera o que ela denomina de *space-off*. Trata-se de uma metodologia de análise fundamentada em técnicas narrativas do cinema de vanguarda, a partir da qual a autora sugere o direcionamento do olhar para as representações de gênero através de “um movimento de vaivém” (p. 238) entre as representações dominantes, orientadas por referenciais androcêntricos, e os discursos que, invisibilizados, se localizam às margens das representações privilegiadas. Efetivamente, conforme a autora, o “outro lugar” das representações de gênero convencionais, com os sujeitos, narrativas e práticas que o compõem, é, na realidade, fundamental para a constituição dos discursos comumente validados. Sendo assim, essa “metodologia do olhar” mostra-se útil para colocar em questão os regimes discursivos que orientam os enunciados do *e-book*, permitindo questionamentos quanto ao que fica “fora de cena” de suas narrativas e colocando em evidência os sujeitos e práticas que são valorizados por esses enunciados às custas da invisibilização e subalternização de outros.

Com base nos apontamentos até aqui feitos, ampliados ao longo do processo de construção da pesquisa, é possível retomar a pergunta apresentada no início desta introdução, reformulando-a para os fins desta investigação. Considerando que é no campo da cultura que os sujeitos têm suas diferenças significadas e convertidas em desigualdades, e sendo o gênero um dos sistemas de classificação através do qual são atribuídos diferentes posicionamentos aos indivíduos nas hierarquias sociais (LAURETIS, 1994; SEFFNER, 2016), este trabalho, de certa maneira, também é norteado pelo questionamento quanto ao que significa “ser homem” em nossa sociedade. Contudo, tendo em vista as considerações até aqui apresentadas, o seguinte questionamento, agora mais direcionado, é proposto: quais pressupostos de gênero e sexualidade são acionados nos processos de caracterização das masculinidades nas narrativas sobre relacionamentos românticos e sexuais apresentadas no *e-book As 25 maiores crises do homem (e como superá-las)*?

Para responder a esse questionamento, esta dissertação tem como objetivo geral analisar o livro em questão, de modo a identificar e problematizar os pressupostos normativos de gênero e sexualidade que balizam as representações de

masculinidades em seus enunciados. Nesse sentido, são indicados os seguintes objetivos específicos:

- Apresentar o portal *PapodeHomem* e o livro *As 25 maiores crises do homem (e como superá-las)*, caracterizando aspectos de seus regimes discursivos em termos das relações de gênero;
- Situar as representações compartilhadas no *e-book* com relação a prescrições androcêntricas associadas aos relacionamentos românticos e sexuais;
- Destacar quais outros marcadores sociais podem ser observados nos discursos analisados, de modo a delinear os valores e atributos enfatizados nesses enunciados.

Além desta introdução, outros quatro capítulos compõem este trabalho. No segundo capítulo, *Conhecendo o PapodeHomem*, apresento o site PdH, visando discutir, através de publicações selecionadas, os regimes de representação de gênero que pautaram as narrativas do portal ao longo de sua primeira década (2006-2016). Evidenciando contradições nesses discursos no decorrer do período mencionado, são analisados os referenciais androcêntricos que inicialmente orientavam suas publicações, bem como as mudanças observadas (em alguma medida) com relação a esses referenciais, tensionados a partir de conflitos com um blog intitulado *Blogueiras Feministas*, no ano de 2011.

Já no terceiro capítulo, denominado *Delineando o homem em crise*, discorro sobre o *e-book As 25 maiores crises do homem (e como superá-las)*. O livro é situado com relação à trajetória do PdH, explicitada no capítulo anterior, de forma que são construídos paralelos entre seus discursos e as publicações previamente destacadas. Também são discutidos dois capítulos da categoria “relacionamentos românticos e sexualidade”, de modo a problematizar o entendimento naturalizado da identidade heterossexual que fundamenta as “crises” debatidas, bem como o caráter individualista das representações apresentadas.

Tais discussões são aprofundadas no capítulo seguinte, intitulado “Sexo é enredo e contexto”: *prescrições de sexualidade nas narrativas do e-book*. Com base sobretudo no conceito de “dispositivo da eficácia”, formulado por Valeska Zanello

(2018), analiso os demais capítulos do recorte proposto, ressaltando, em primeiro lugar, enunciados que se mostram dissociados, ainda que parcialmente, de definições essencialistas. Em seguida, são examinadas narrativas que, de maneira contraditória, acabam por reforçar esses mesmos pressupostos. Nessas análises, continuam a ser traçados paralelos com as publicações do PdH, além de serem exploradas, de maneira pontual, duas “crises” que extrapolam a seleção feita, sendo esse um recurso que ajuda a identificar outros marcadores sociais constituintes da identidade masculina idealizada por meio das representações do *e-book*.

Por fim, retomo, nas considerações finais, as principais questões problematizadas ao longo da dissertação, tendo como base os objetivos estabelecidos para o trabalho. São apontadas as contribuições trazidas pela pesquisa, assim como limitações identificadas e possíveis caminhos para investigações futuras, a partir dos temas debatidos.

## 2 CONHECENDO O PAPODEHOMEM

Neste primeiro capítulo, busco contextualizar o *PapodeHomem*, site a partir do qual foi publicado o livro *As 25 maiores crises do homem (e como superá-las)*, cujos enunciados serão discutidos de modo aprofundado nos capítulos seguintes da pesquisa.

O capítulo está organizado em dois subtópicos. O primeiro deles, *Estruturação do portal*, traz uma breve caracterização do PdH, definido como uma mídia de estilo de vida, e das seções que compõem o site, conferindo destaque a alguns enunciados que demonstram contradições com relação às motivações por trás de sua criação. Já no segundo item, intitulado “*Somos assim tão pretensiosos?*” – *Reiteraões e disputas em torno de discursos sobre as masculinidades no PdH (2006-2016)*, traço um panorama geral de publicações do portal ao longo de sua primeira década, de modo a delinear e problematizar os regimes discursivos que balizaram as representações de masculinidades compartilhadas no período mencionado.

### 2.1 Estruturação do portal

Como indicado anteriormente, o *PapodeHomem* foi criado em 2006 pelo publicitário Guilherme Valadares. Embora tenha sido inicialmente lançado como uma “*lifestyle magazine*”, no decorrer do tempo o site também foi promovido por motes como “a não-revista do homem”; “espaço exploratório do masculino”; e “é tempo de homens possíveis” (VALADARES, 2016). Embora detalhar cada uma dessas mudanças não esteja no escopo deste trabalho, vale ressaltar que essas diferentes maneiras de apresentar o PdH são indicativas de mudanças nas próprias narrativas do site, como será discutido no próximo item.

Com base nas considerações da pesquisadora brasileira Marinês Ribeiro dos Santos (2017), o site é definido como uma mídia de estilo de vida, cujos conteúdos ajudam a promover e colocar em circulação determinados padrões de gosto e de consumo, exercendo influência sobre os modos de viver e sobre as identidades dos sujeitos. Vale dizer que as mídias de estilo de vida, conforme a autora, costumam conferir destaque a algumas temáticas específicas, como hábitos alimentares, discussões sobre viagens, artigos de consumo e consumo cultural, cuidados com a

saúde e com o corpo, e, ainda, investimentos no local de moradia. Desse modo, ajudam a marcar posições identitárias por meio dos valores postos em circulação, atuando como uma espécie de “guia” que sugere aos indivíduos produtos, serviços e experiências a serem escolhidos. Nas palavras da autora:

São veículos que contribuem na (re)produção, reformulação ou dissolução de identificações sociais e culturais. A intermediação desempenhada pelas mídias de estilo de vida assume um caráter de voz de autoridade capaz de interpretar e traduzir, para parcelas particulares da população, conhecimentos e valores relacionados às escolhas que somos interpeladas/os a fazer no dia a dia. Logo, as mídias de estilo de vida ocupam um lugar chave na promoção de diferenciação social (SANTOS, 2017, p. 64).

Essa definição dialoga não apenas com as concepções de representações e identidades que norteiam esta pesquisa, mas também com a própria organização do portal. Atualmente, o PdH é definido como “um espaço de formação e transformação para homens” (PAPODEHOMEM), sendo que os posts compartilhados são categorizados em duas grandes seções: *Coleções*<sup>9</sup> e *Percursos*<sup>10</sup>. Enquanto a primeira apresenta grupos de artigos relativos a um mesmo tema (como “Cultura e arte”, “Cotidiano”, “Sexo”, “Relações” e “Comida”, a título de exemplo), a segunda traz textos notáveis por seu caráter instrutivo, concebidos em uma sequência específica de leitura. Tal característica pode ser observada a partir dos títulos de alguns dos “percursos”, como: “Para entender política”; “Como viajar mais, passo-a-passo”; “Para dar um grau na casa”; e “Como cultivar melhores conversas na web?”, dentre outros. As imagens a seguir ilustram a página inicial do site:

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://papodehomem.com.br/colecoes>

<sup>10</sup> Disponível em: <https://papodehomem.com.br/percursos>



Figura 2 – Cabeçalho da página inicial do *PapodeHomem*

Escolha dos editores

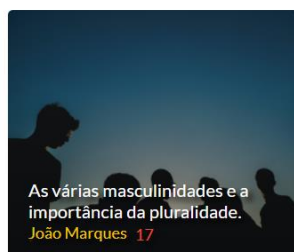
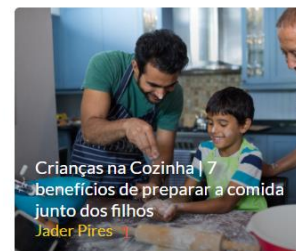
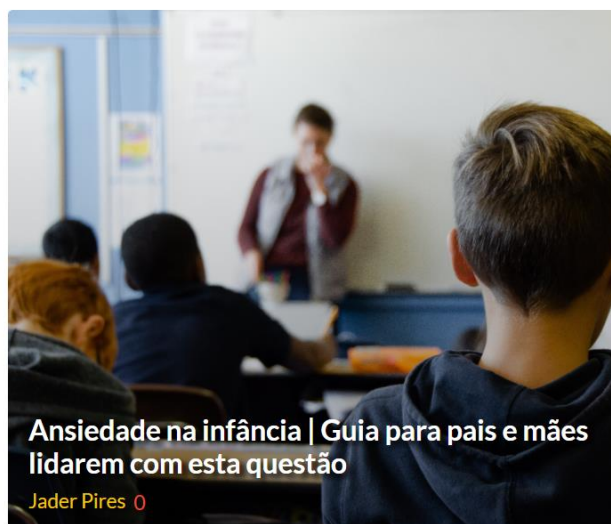
Fluxo

Melhor do PdH

Fonte: PAPODEHOMEM (2022)

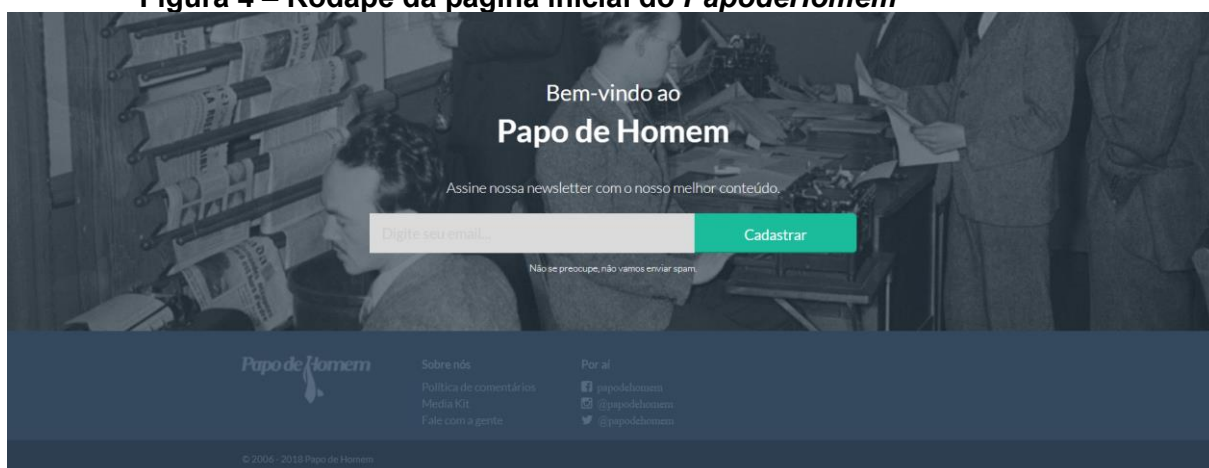
Figura 3 – “Cardápio do dia”

O nosso cardápio do dia:



Fonte: PAPODEHOMEM (2022)

**Figura 4 – Rodapé da página inicial do *PapodeHomem***



**Fonte: PAPODEHOMEM (2022)**

A partir dessas imagens, é possível observar que o *PapodeHomem* estende sua presença digital às plataformas *Twitter*, *Facebook*, *Instagram* e *YouTube*<sup>11</sup>, cujos conteúdos, acessíveis através de ícones de redirecionamento presentes tanto no cabeçalho quanto no rodapé do site, não se limitam à replicação de publicações do portal.

Especificamente com relação ao rodapé do site, chama a atenção a escolha da imagem apresentada, que remete a uma redação de jornal que aparenta ser composta unicamente por homens, tendo em vista os rostos dos sujeitos em primeiro e segundo plano, além dos ternos portados pelos outros indivíduos ali presentes. A exemplo do próprio título do portal, a escolha dessa imagem afirma a idealização de um público leitor masculino, ainda que, como ficará evidente a partir das discussões apresentadas, os conteúdos do PdH também tenham sido acessados, desde seus primeiros anos, por mulheres. Nesse sentido, é pertinente ressaltar que tampouco a equipe editorial do site se restringe a homens, uma observação igualmente válida para as/os colunistas que escrevem os artigos publicados.

Na seção *Nossa Visão*<sup>12</sup> (acessível através do cabeçalho do site), aliás, tais colunistas são definidas/os como uma “rede de autores voluntários” (PAPODEHOMEM), implicando não haver qualquer tipo de remuneração financeira

<sup>11</sup> Links de acesso às plataformas digitais do *PapodeHomem*, na ordem em que foram citadas: <https://twitter.com/papodehomem>; <https://www.facebook.com/papodehomem>; <https://www.instagram.com/papodehomem/>; e <https://www.youtube.com/user/papodehomem>

<sup>12</sup> Disponível em: <https://papodehomem.com.br/nossa-visao>

para essas pessoas. Os enunciados da seção *Contato*<sup>13</sup> dão margem para essa mesma interpretação, uma vez que destacam “o tempo e esforço das centenas de autores voluntários” para o sucesso do PdH. Entretanto, o caráter comercial do *PapodeHomem* torna-se aparente nessa mesma seção, uma vez que a página apresenta um kit de imprensa<sup>14</sup> divulgando aspectos comerciais do portal, datado de janeiro de 2017. Embora não haja uma indicação clara de quando se deu a última atualização da seção discutida, o público leitor do PdH é estimado em “2.000.000 pessoas”, sendo colocado em evidência aquele que seria o propósito do site:

Nos dedicamos a quebrar mitos, estereótipos e clichês, aspiramos produzir conteúdo que conduza a vidas melhores e mais satisfatórias – e não para acumular audiência. Essa é nossa razão de ser desde a origem do projeto, nos idos de 2006 (PAPODEHOMEM).

Quando contraposto a outras narrativas do *PapodeHomem*, é observado, nesse enunciado, o apagamento de tensionamentos e disputas de sentidos quanto às masculinidades e às feminilidades que são fundamentais na história do portal, bem como a tentativa de invisibilização de seus propósitos comerciais. Essas motivações, contudo, continuam a ser evidenciadas a partir de uma exploração atenta das demais seções do site.

Na seção *Anuncie*<sup>15</sup>, por exemplo, são listados projetos publicitários elaborados junto a empresas privadas renomadas, tais como o banco HSBC, a cervejaria Heineken e, ainda, a marca de refrigerantes Schweppes, dentre outras. Esses projetos se deram por meio de publicações patrocinadas compartilhadas no próprio PdH e, ainda que a produção de conteúdos voltados para o “acúmulo de audiência” seja um aspecto refutado nas narrativas oficiais do portal, são destacados, simultaneamente, os recordes de acesso a esses posts pagos, bem como o elevado número de comentários que essas publicações receberam. Diante dessas informações, então, chama a atenção o fato de não ser indicada qualquer remuneração para as pessoas que se dedicam a escrever os artigos publicados, como foi ressaltado.

Além de links de acesso às seções mencionadas, a página inicial do site traz uma seleção diária dos conteúdos compartilhados mais recentemente. Chamada de *Cardápio do dia*, a seleção é organizada pela equipe editorial do PdH e pode ser vista

---

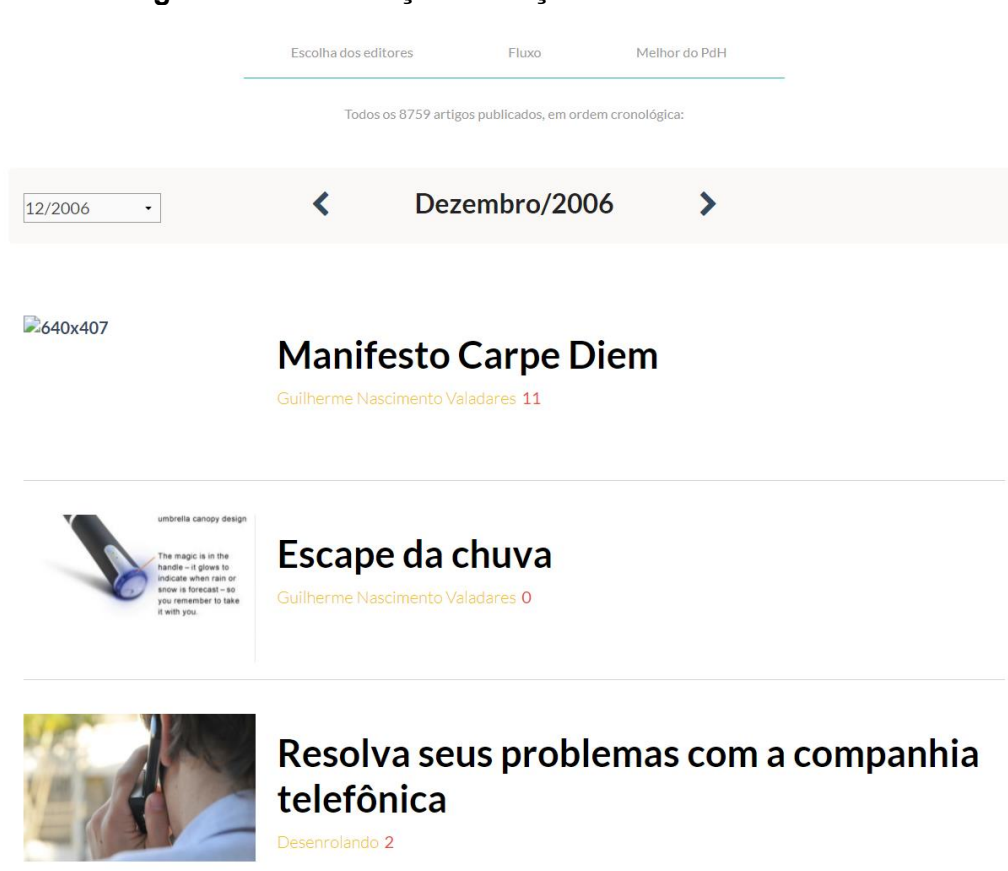
<sup>13</sup> Disponível em: <https://papodehomem.com.br/fale-com-a-gente>

<sup>14</sup> Disponível em: [https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/cdn-engage/MediaKit\\_Janeiro17.pdf](https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/cdn-engage/MediaKit_Janeiro17.pdf)

<sup>15</sup> Disponível em: <https://papodehomem.com.br/anuncie>

na figura 3, que permite observar, ainda, links de direcionamento a outras duas seções do portal. A primeira delas, intitulada *Fluxo*<sup>16</sup>, dá acesso a um registro de conteúdos do *PapodeHomem* desde seu lançamento, no final de 2006, até o mês corrente, maio de 2022. A imagem a seguir traz um exemplo de consulta a esse acervo, apresentando as primeiras publicações listadas em consulta ao mês de dezembro de 2006. É possível navegar entre meses e anos por meio do menu no canto esquerdo da página, bem como através das setas em torno do mês selecionado.

**Figura 5 – Visualização da seção “Fluxo”**



**Fonte: PAPODEHOMEM (2022)**

É importante explicitar que, a despeito da chamada “todos os 8759 artigos publicados, em ordem cronológica”, presente no topo da seção, nem todos os posts feitos nesse período se encontram disponíveis para consulta, como foi possível observar a partir da exclusão, indicada na introdução, da publicação na qual o *e-book As 25 maiores crises do homem (e como superá-las)* era compartilhado gratuitamente.

<sup>16</sup> Disponível em: <https://papodehomem.com.br/articles/flow>

Já a outra seção acessível por meio da página inicial do site, intitulada *Melhor do PdH*<sup>17</sup>, apresenta uma segunda seleção de publicações, que seriam destacadas pela equipe editorial do portal em função de sua qualidade. Não fica claro, contudo, quais são os critérios utilizados nessa seleção.

Tendo sido apresentada a estruturação atual do *PapodeHomem*, trago, a seguir, uma breve retrospectiva das representações de masculinidades apresentadas no PdH entre 2006 e 2016, discutindo em que medida os valores e atributos acionados nos posts destacados se alinhavam a pressupostos androcêntricos.

## **2.2 “Somos assim tão pretensiosos?” – Reiteraões e disputas em torno de discursos sobre as masculinidades no PdH (2006-2016)**

Proponho, neste item, uma discussão das representações de masculinidades nos posts do *PapodeHomem* no período que antecede à publicação do e-book *As 25 maiores crises do homem (e como superá-las)*. De modo específico, serão debatidas publicações compartilhadas entre dezembro de 2006 e dezembro de 2016, compreendendo a primeira década do portal.

Essas publicações foram selecionadas com base no recorte feito para a análise dos capítulos do e-book, tendo sido estudados os posts de três grupos específicos de artigos (ou “coleções”, conforme explicado previamente) do PdH, a saber: masculinidades<sup>18</sup> (com 172 artigos); sexo<sup>19</sup> (com 311 artigos); e sexualidade<sup>20</sup> (com 109 artigos)<sup>21</sup>. Em uma leitura inicial desses artigos, foi criado um registro contendo sua data de publicação, título, autoria e a “coleção” à qual o post pertencia. Cabe explicar que, não sendo esse o objeto principal da pesquisa, optei por eleger apenas um artigo de cada ano do período mencionado para a construção de um panorama das representações de masculinidades postas em circulação pelo site.

Embora breves, tais discussões mostram-se relevantes, posto que ajudam a situar o contexto de produção dos enunciados do próprio e-book, como será evidenciado por meio dos paralelos apresentados entre as representações do site e as representações do livro nos capítulos seguintes. Nesse sentido, foram escolhidas

---

<sup>17</sup> Disponível em: <https://papodehomem.com.br/colecoes/melhor-do-pdh>

<sup>18</sup> Disponível em: <https://papodehomem.com.br/colecoes/masculinidades>

<sup>19</sup> Disponível em: <https://papodehomem.com.br/colecoes/sexo>

<sup>20</sup> Disponível em: <https://papodehomem.com.br/colecoes/sexualidade>

<sup>21</sup> Os números indicados se referem a maio de 2022, período de fechamento desta dissertação.

publicações que oportunizavam um maior potencial de discussão com relação aos valores acionados na construção da categoria “homem/masculino” e, por conseguinte, de sua oposição binária, “mulher/feminino”.

Para começar, serão debatidos os enunciados do post de abertura do portal, intitulado *Lifestyle Magazine: um novo conceito*<sup>22</sup>. Nele, Guilherme Valadares (2006) apresenta a ideia de instituir aquela que seria a “primeira **Lifestyle Magazine** do Brasil” (VALADARES, 2006, *grifos do autor*), um projeto oriundo de motivações compartilhadas entre “um grupo de amigos”, cujo intuito seria buscar “o que a vida nos oferece de melhor”. De acordo com o autor, a vida, como “uma experiência plena”, poderia ser resumida através de algumas características específicas, que seriam evidenciadas pela revista online que acabava de surgir:

As grandes idéias, os lugares únicos, os carros dos sonhos, os eletrônicos dignos de um filme de James Bond, as mais belas mulheres, as festas inesquecíveis, o mais raro whisky, o mais apreciado prato, o estilo mais arrojado. O que existe de melhor no mundo vai aparecer aqui (VALADARES, 2006).

Defendendo a “causa” de “se viver intensamente”, o PdH se classificaria, nas palavras do autor, como um veículo alinhado ao “verdadeiro significado da expressão estilo de vida”, isto é: feito para “homens sem frescura” e produzido por “jovens com um mundo pela frente”, sem “censuras” ou “amarras” (VALADARES, 2006).

Para delinear de que maneiras a categoria “homem” é construída pelos enunciados de Valadares (2006), faz-se útil recorrer à relação entre enquadramento e *space-off* sugerida por Lauretis (1994), identificando tanto os atributos privilegiados pelo autor, quanto os sujeitos às margens da identidade idealizada nessas narrativas. Vale dizer que esse processo de deslocamento do olhar se mostra alinhado ao entendimento de que o gênero diz respeito a um conjunto de relações sociais, sendo problemática a compreensão das categorias “masculino” e “feminino” em termos totalizantes, como indicam Teresa de Lauretis (1994) e Fernando Seffner (2016). Efetivamente, é com relação a grupos previamente constituídos que a classificação arbitrária dos indivíduos em tais categorias se dá, sendo importante atentar-se à maneira essencialista como elas são tradicionalmente estruturadas:

---

<sup>22</sup> Disponível em: <https://papodehomem.com.br/lifestyle-magazine-um-novo-conceito>

As concepções culturais de masculino e feminino como duas categorias complementares, mas que se excluem mutuamente, nas quais todos os seres humanos são classificados formam, dentro de cada cultura, um sistema de gênero, um sistema simbólico ou um sistema de significações que relaciona o sexo a conteúdos culturais de acordo com valores e hierarquias sociais (LAURETIS, 1994, p. 211).

Tal perspectiva ajuda a tensionar práticas e identidades tradicionalmente privilegiadas, que, continuamente reificadas, acabam por serem tidas como “naturais”. Nesse sentido, merece atenção a problematização da heterossexualidade, posto que a naturalização dessa identidade sexual, como já foi indicado, é fundamental para a estruturação da masculinidade e da feminilidade em polos binários e excludentes, de modo a promover a noção de uma “continuidade” entre gênero e sexualidade.

Com efeito, Teresa de Lauretis (1994) salienta que a heteronorma se constitui, mesmo no âmbito de discussões feministas, como um referencial não discutido, o que contribui para que essa seja vista como a única manifestação legítima de desejo entre os indivíduos. Ainda que as problematizações quanto ao caráter historicamente construído da heterossexualidade sejam aprofundadas nas discussões do próximo capítulo, sua indicação já neste momento é importante, uma vez que essa prescrição normativa é reiterada nos enunciados da publicação *Lifestyle Magazine: um novo conceito*. Ao destacar que a recém-criada revista se dirigia a “homens sem frescura”, aos quais seriam exibidas “as mais belas mulheres”, Guilherme Valadares (2006) estava se inserindo em um registro discursivo heterocentrado, a partir do qual quaisquer manifestações de desejo romântico e/ou sexual contrárias à heteronorma passam a ser tidas como “diferentes” ou “desviantes”, constituindo identidades socialmente “marcadas” (SEFFNER, 2006).

Também se destacam outros elementos que ajudam a compor o estilo de vida “arrojado” do qual fala Valadares (2006), tais como “os lugares únicos”, “os carros dos sonhos”, “as festas inesquecíveis”, “o mais raro whisky” e, ainda, “o mais apreciado prato”. Trata-se de atributos que sugerem um caráter de exclusividade e de grandeza, indicando a valorização de práticas acessíveis apenas mediante recursos financeiros elevados. É perceptível, portanto, a apresentação de uma série de interpelações específicas, em termos de marcadores sociais variados, para que o público leitor almejado pela revista pudesse ser classificado como composto por “homens sem frescura”. Especialmente em termos de classe, os ideais de masculinidades

estabelecidos se distanciavam dos homens pertencentes, nos termos de bell hooks (2004), às classes trabalhadoras. Logo, embora Valadares (2006) termine a publicação com um chamado coletivo (“junte-se a nós e acompanhe essa jornada”), é possível afirmar a idealização de uma identidade masculina particular em seus discursos, fundamentada em prescrições essencialmente restritivas.

Com efeito, essas prescrições continuam a se fazer presentes em outros textos compartilhados no site no período analisado, sobretudo até o ano de 2011. Destaca-se, por exemplo, o post “*Amigo*” *fura-olho*<sup>23</sup>, no qual o autor Dr. Love (2007), autointitulado “consultor amoroso e cachorrão nas horas vagas”, instrui um suposto leitor do site a se portar como “chefe da porra da floresta” em situações nas quais ele e sua namorada estejam acompanhados por outros “machos”, demonstrando, de maneira agressiva (“bate as mãos no peito”), sua posse sobre a parceira e se afirmando, portanto, como “dono da situação”.

Tais enunciados se mostram em consonância com atributos que orientam, conforme bell hooks (2004) e Valeska Zanella (2018), a naturalização da associação entre masculinidades e atos de violência, como se tais atos fossem fundamentais para garantir o reconhecimento de um indivíduo como homem dentro de um marco androcêntrico. Efetivamente, a interpelação a uma postura constante de dominação, de modo a constituir uma posição de sujeito que, mesmo durante práticas sexuais, se encontra sempre no controle da situação, é apontada por essas autoras como um dos elementos constituintes de identidades masculinas normativas. Ademais, tendo em vista o caráter relacional das representações de gênero, faz-se pertinente ressaltar a forma como essa publicação interpela as mulheres a se engajarem em concepções românticas que estabelecem, como sujeitos ideais a serem buscados, homens cujos traços definitivos seriam a força, a impetuosidade e demonstrações de coragem.

Pressupostos similares são notados na publicação *A Higiene Como Diferencial Competitivo para Comer Mulher*<sup>24</sup>, de 2008, que traz as dicas de um leitor anônimo do site para os homens que estão se iniciando nos “prazeres da vida”. Direcionando-se a mulheres que o estiverem lendo, o autor as instrui da seguinte forma: “nesse texto vocês só têm a obrigação de me agradecer ao final”. Em seguida, é discutida a “nobreza de mijar sentado”, um ato que, por evitar “o cheiro de um banheiro de estádio

---

<sup>23</sup> Disponível em: <https://papodehomem.com.br/amigo-fura-olho>.

<sup>24</sup> Disponível em: <https://papodehomem.com.br/a-higiene-como-diferencial-competitivo-para-comer-mulher/>.



de futebol”, poderia ajudar a despertar tanto a “confiança” quanto o “tesão” das mulheres. Sobre esse comportamento, ainda, é esclarecido: “isso não te impedirá de ter o saco roxo e gostar muito de mulher”. Logo, um hipotético leitor do texto não deveria temer “virar homossexual” simplesmente por “experimentar uma mijadinha diferente”. No que tange a este último ponto, ainda que se possa argumentar que a narrativa em questão promova uma negociação com um comportamento tipicamente tido como feminino, “permitindo” aos homens que urinem sentados, trata-se, em última instância, de discursos que pressupõem uma natureza heterossexual para todos os homens, reforçando, por meio de seus enquadramentos, uma posição hierárquica inferior aos sujeitos dissidentes dessa norma (LAURETIS, 1994; SEFFNER, 2016).

Por sua vez, Daniel Bender (2009), no post *Mulheres perguntam*.<sup>25</sup>, discorre sobre a diferença nos comportamentos de homens e mulheres quando se veem perdidos em algum trajeto. Enquanto “eles” obedeceriam a uma “regra universal”, segundo a qual não precisariam jamais de qualquer tipo de ajuda porque “nunca se perdem”, as mulheres, por sua vez, seriam incapazes de se orientar por conta própria, não tendo outra escolha senão solicitar auxílio a outras pessoas. Na concepção de Bender (2009), “se dependesse das mulheres e sua mania de perguntar sempre, inclusive quando sabem onde estão”, dispositivos de orientação como bússolas, mapas e o GPS não teriam sido criados, uma vez que resultam da inventividade dos homens e de sua independência nata.

Afirmações parecidas, de cunho reducionista, são feitas por Leonardo Moura (2010) na publicação *A mulher que come homens*<sup>26</sup>. Chamando a atenção para a “vocaçãõ biológica” e para a “psique feminina”, que seria “muito anterior à cultura”, o autor refuta “a mentira sexual pós-moderna” de que mulheres poderiam se interessar por sexo casual, argumentando que “o” corpo feminino almejaria, indubitavelmente, “um macho para fecundar seu precioso óvulo e proteger sua cria”. Esse desejo seria a expressão da “natureza carinhosa feminina”, presente mesmo no caso de uma relação entre duas mulheres. Sobre esse último aspecto, Moura (2010) explica como, em comparação com casais homoafetivos, relações lésbicas seriam mais longas e mais propensas a demonstrações de afeto e de cuidado, ao passo que haveria, entre

---

<sup>25</sup> Disponível em: <https://papodehomem.com.br/mulheres-perguntam/>.

<sup>26</sup> Disponível em: <https://papodehomem.com.br/a-mulher-que-come-homens/>.

homens gays, uma “tensão sexual constante”, fruto de sua “psique tipicamente masculina”, que os compelia a serem “sexualmente vorazes”.

Com relação às duas últimas publicações mencionadas, alguns apontamentos se fazem relevantes. Em primeiro lugar, ambas têm suas representações de gênero fundamentadas em um regime discursivo essencialista, pautado na afirmação de diferenças binárias entre os sujeitos. Tanto Daniel Bender (2009) quanto Leonardo Moura (2010) idealizam uma masculinidade e uma feminilidade absolutamente opostas entre si, associando “a” masculinidade a características como o desenvolvimento tecnológico, a autossuficiência e o engajamento ininterrupto em práticas sexuais, ao passo que “a” feminilidade, seja em função das capacidades intelectuais limitadas das mulheres, ou, ainda, devido a suas “necessidades biológicas”, somente poderia se realizar de maneira plena com a ajuda dos homens. Especialmente para pensar esse último ponto, mostra-se útil uma crítica trazida por Teresa de Lauretis (1994), para quem a sexualidade é costumeiramente percebida como um atributo ou propriedade unicamente dos homens, acarretando a produção das necessidades e vontades das mulheres tão somente como uma projeção dos desejos “do” masculino universal, indiscutivelmente heterossexual.

Desse modo, o que se percebe nas narrativas até aqui discutidas é a construção de um “outro lugar” constituído por sujeitos e práticas que não se conformam à heteronorma, constantemente reforçada nos enunciados do portal e associada à atribuição de posições sociais específicas, inferiorizadas, não apenas a homens que se relacionam com outros homens, mas também às identidades femininas. Em contrapartida, uma masculinidade específica, fundamentada em referenciais normativos, é privilegiada. Tal enquadramento, contudo, é colocado em disputa a partir de 2011, a partir de uma publicação intitulada *Somos assim tão pretensiosos?*<sup>27</sup>.

Assinado por Guilherme Valadares (2011), o texto é iniciado com menções às discussões geradas a partir de um post anterior do PdH, cujo título, por sua vez, era *Qual a última vez em que elogiou uma mulher desconhecida abertamente?*. O autor se refere a essa publicação como uma “puta surpresa”, pois mesmo tendo sido escrita por ele “em 5 minutos”, uma discussão “espetacular” envolvendo um outro site,

---

<sup>27</sup> Disponível em: <https://papodehomem.com.br/somos-assim-tao-pretensiosos/>.

chamado *Blogueiras Feministas*<sup>28</sup>, foi gerada. Vale explicitar que o post *Qual a última vez em que elogiou uma mulher desconhecida abertamente?* foi excluído do acervo do PdH, não tendo sido possível consultá-lo. Foi possível acessar, contudo, uma publicação do *Blogueiras Feministas*, denominada *Mulheres, machos e blogs de sucesso*<sup>29</sup>, de autoria de Nessa Guedes (2011), que é mencionada por Guilherme Valadares (2011) no próprio post *Somos assim tão pretensiosos?*. A partir dessa publicação, é possível depreender o caráter do conteúdo que havia sido publicado pelo PdH e que foi posteriormente deletado.

Relatando experiências de assédio vivenciadas ao andar por locais públicos, Guedes (2011) expressa seu descontentamento com o texto excluído, afirmando categoricamente: “quero ter o meu direito de andar na rua tranquilamente, sem me sentir sob constante vigilância”. Referindo-se aos elogios feitos às mulheres pelos homens em espaços públicos como uma demonstração de poder masculina – em suas palavras, “uma forma muito sutil de dominação” –, a autora chama a atenção para a responsabilidade dos homens que escrevem em blogs voltados para o público masculino em geral, uma vez que enxerga esses sujeitos como formadores de opinião, capazes de influenciar os demais indivíduos com as opiniões compartilhadas (sendo esse um aspecto fundamental das mídias de estilo de vida, como já indicado). Retornando ao post *Somos assim tão pretensiosos?*, Guilherme Valadares (2011) expressa sua discordância quanto às críticas feitas por Nessa Guedes (2011), mencionando em tom satírico as autoras do *Blogueiras Feministas*:

As damas de lá devem estar batendo novos recordes de visitação, esse post dela está pegando fogo. Estão chamando nossos leitores de primatas, machistas, ac falos e tantos outros nomes criativos (VALADARES, 2011).

Dando continuidade a seu posicionamento, o criador do PdH argumenta que o portal teria surgido “de uma insatisfação ao vermos os homens serem encaixotados em estereótipos superficiais”, e que os conteúdos ali publicados não deveriam ser encarados como “uma verdade absoluta”. Valadares (2011) finaliza o texto com um

---

<sup>28</sup> Blog brasileiro, de caráter coletivo, voltado à discussão de pautas relacionadas aos movimentos feministas. Criado em 2010, atualmente é coordenado pela pedagoga Bia Cardoso e pela pesquisadora Thayz Athayde. Para mais informa es, conferir: BLOGUEIRAS FEMINISTAS.

<sup>29</sup> Disponível em: <https://blogueirasfeministas.com/2011/03/22/mulheres-machos-e-blogs-de-sucesso/>.

convite para que Nessa Guedes compareça ao “QG”<sup>30</sup> do *PapodeHomem*, reiterando: “não falo pelos outros, mas eu não acredito em igualdade entre os sexos - celebro abertamente as diferenças em meus textos, de forma direta ou indireta”.

As narrativas destacadas oportunizam algumas considerações. Em primeiro lugar, as críticas apresentadas por Nessa Guedes (2011) ajudam a compreender os apontamentos feitos por Teresa de Lauretis (1994) a respeito do gênero enquanto o produto não apenas de representações, mas também de autorrepresentações, ou seja: como construções sobre as quais os sujeitos têm, ao menos em termos relativos, capacidade de ação. Cabe frisar que as discussões sobre agenciamento, como será detalhado no próximo capítulo, devem levar em consideração os variados processos de negociação inerentes às experiências individuais, não podendo ser pensadas unicamente sob perspectivas autocentradas, como sinônimos de escolhas livres. De todo modo, os discursos compartilhados no *Blogueiras Feministas* evidenciam as tensionamentos possíveis com relação aos sentidos atribuídos às masculinidades e às feminilidades, chamando a atenção para as representações de gênero como um campo de disputas implicado na constituição de subjetividades.

A possibilidade de contestação aos sentidos vigentes, aliás, é indicada por Fernando Seffner (2016) e Stuart Hall (2016) como um dos aspectos fundamentais das análises centradas em representações culturais. Efetivamente, Hall (2016) explica:

(...) todos os sentidos são produzidos dentro da história e da cultura. Eles nunca podem ser finalmente fixados, estão sempre sujeitos à mudança, tanto de um contexto cultural ao outro, quanto em diferentes períodos. Não há, portanto, um ‘verdadeiro sentido’ único, imutável, universal (HALL, 2016, pp. 59-60).

Já com relação às réplicas de Guilherme Valadares (2011), destacam-se as contradições com relação ao surgimento do PdH, expressas na narrativa de que o site tinha por intuito se distanciar de “estereótipos superficiais”. Como vem sendo argumentado, as publicações do *PapodeHomem* eram, até então, orientadas por um regime discursivo essencialista, utilizando-se da naturalização de alguns sentidos – processo entendido, nos termos de Stuart Hall (2016), como efeito de certa fixação

---

<sup>30</sup> Abreviação para “quartel-general”, termo que também pode ser associado a demonstrações de poder e de virilidade, dialogando, dessa maneira, com preceitos normativos de masculinidades (hooks, 2004; SEFFNER, 2016; ZANELLO, 2018).

das formas de entender as diferenças, dificultando o questionamento dos fenômenos analisados – como uma de suas principais estratégias. No que tange às consequências do emprego dessa estratégia, vale lembrar, como ressaltado anteriormente, a invisibilização de sujeitos e práticas específicas, acarretando a percepção de desigualdades em termos de gênero como eventos naturais.

A despeito do tom satírico com que as críticas de Nessa Guedes foram inicialmente abordadas, foram notadas, a partir delas, o surgimento de discussões pautadas em menor medida por pressupostos androcêntricos no *PapodeHomem*, com possibilidades mais variadas de representações de masculinidades e de feminilidades. É possível citar como exemplo o post *O que é um homem? O que é uma mulher?*<sup>31</sup>, compartilhado em 2012 e redigido pela autora Jeanne Callegari, então colunista do *Blogueiras Feministas*. Em seus enunciados, Callegari (2012) dialoga com teóricas feministas como Margaret Mead e Simone de Beauvoir, além de questionar, através das experiências de figuras brasileiras como o psicólogo João W. Nery e da cartunista Laerte, a divisão essencialista de homens e mulheres em “caixinhas”. Reconhecendo a masculinidade e a feminilidade como categorias históricas, ela refuta a classificação de identidades sexuais como a homossexualidade e a bissexualidade como “anormais”, explicando de maneira didática:

Na nossa sociedade, as caixinhas são mais ou menos fixas. A criança nasce e já se decide qual gênero ela deverá ocupar. E a partir desse gênero, que comportamento deverá assumir. Rosa para elas, azul para eles. Algumas crianças se identificam com a caixinha a que foram destinadas. Como uma mulher que nasce com vagina, sente-se mulher, e gosta de transar com homens. Ou homem que nasce com pinto, sente-se homem, gosta de transar com mulheres. Muitas pessoas, porém, não cabem nessas prateleiras. As pessoas vêm com diversos “equipamentos”, os quais não significam que serão de determinado gênero, e o gênero não significa que ela gostará dessas ou daquelas pessoas. É tudo independente (CALLEGARI, 2012).

Em comparação com publicações do PdH nos anos anteriores, é percebida uma maior aproximação entre os enunciados de Callegari (2012) e as perspectivas teóricas que balizam esta pesquisa. É pertinente salientar, contudo, que as mudanças nos regimes discursivos do *PapodeHomem* se deram de maneira gradual, sendo evidentes, no decorrer do tempo, contradições nas representações compartilhadas. A

---

<sup>31</sup> Disponível em: <https://papodehomem.com.br/o-que-e-um-homem-o-que-e-uma-mulher/>.

título de exemplo, o post *Sangue, Suor e Tábuas | A caverna do homem #2*<sup>32</sup>, assinado por Bruno Passos (2013), ajuda a visualizar a manutenção de valores androcêntricos nas narrativas do portal. Relatando ter produzido, por conta própria, uma mesa para sua casa, o autor solicita aos leitores do site que compartilhem experiências similares, empregando alguns recursos linguísticos específicos:

Faz alguns meses, tive um pico testosterônico e resolvi fazer a mesa de casa eu mesmo, madeira, prego e lixa, mãos prontas a domar a madeira e adestrar o aço!  
Foi então que me dei conta... que franga eu era!  
O que antes de começar me parecia simples e boçal se tornou uma jornada engenhosa, digna das mais profundas criações da humanidade. Cacete como é difícil cerrar 4 troncos exatamente do mesmo tamanho! (PASSOS, 2013).

É perceptível o alinhamento de Passos (2013) a pressupostos binários de gênero por meio da utilização de elementos biológicos (“um pico testosterônico”) para justificar seus comportamentos, além dos verbos escolhidos para compor seu relato, como “domar” e “adestrar”, que podem ser associados a demonstrações de força e dominação, elementos centrais na fabricação de identidades masculinas normativas. A manutenção de uma hierarquia de gênero bem definida se faz notar, ainda, pelo uso do termo “franga”, através do qual é promovida a desvalorização tanto de mulheres quanto de homens cuja masculinidade seria posta em xeque pela incapacidade de apresentar os atributos destacados, sendo atribuída uma posição marginalizada a esses sujeitos (hooks, 2004; SEFFNER, 2016; ZANELLO, 2018).

É possível afirmar, por conseguinte, a existência simultânea de avanços e recuos com relação a ideais heterocentrados nas publicações do *PapodeHomem* a partir de 2011. Sob a perspectiva desse “movimento de vaivém”, no qual, como explica Teresa de Lauretis (1994), tensionamentos às normas de gênero dominantes se dão concomitantemente a novas formas de manutenção dessas mesmas prescrições, destaca-se o post *Papo de homem não é papo de hétero*<sup>33</sup>, no qual o autor Guilherme Valadares (2014) tece algumas considerações quanto às críticas feitas por um usuário, não identificado, na página do PdH no *Facebook*. A queixa principal do leitor,

<sup>32</sup> Disponível em: <https://papodehomem.com.br/sangue-suor-e-tabuas-a-caverna-do-homem-2/>.

<sup>33</sup> Disponível em: <https://papodehomem.com.br/papo-de-homem-nao-e-papo-de-hetero/>.

apresentada na imagem a seguir e compartilhada por Valadares (2014) no post mencionado, é a “falta de conteúdo hetero” no site:

**Figura 6 – Reclamação de leitor no Facebook do PapodeHomem (2014)**



**Fonte: PAPODEHOMEM (2014)**

Como mostra a imagem, a crítica recebeu uma réplica por parte de outro leitor do portal, identificado como Bruno Miné. Apontando que o site se propõe a ir além de “estereótipos e preconceitos”, tendo por intuito constituir um “espaço exploratório do masculino”, Miné refuta a concepção de que um homem, para ser validado como tal, deveria se engajar em relacionamentos heterossexuais. Por sua vez, outro usuário não identificado (supostamente o mesmo autor da publicação) afirma sua concordância com a ideia de que “o” masculino e “o” feminino representam esferas

antagônicas, absolutamente opostas, reafirmando que o PdH, por conseguinte, deveria apresentar “conteúdo hetero”.

Essa disputa em torno de uma identidade masculina idealizada se mantém nas próprias considerações de Guilherme Valadares (2014), que, no post *Papo de homem não é papo de hétero*, argumenta que a percepção da heterossexualidade como uma manifestação “correta” de desejo decorre de uma construção histórica. O autor salienta que “a homossexualidade como identidade desviante é, portanto, um conceito recente”, concluindo:

Masculino não significa hétero.  
É possível ser gay, masculino e, por exemplo, lutar MMA. O que você chupa ou deixa de chupar não define, por si só, o quão masculino ou feminino você é (VALADARES, 2014, *grifo do autor*).

A respeito desses enunciados, embora seja perceptível algum distanciamento de Valadares (2014) com relação a concepções normativas de masculinidades, também se faz notar o caráter reducionista de seus argumentos, que promovem a essencialização de homens que se relacionam com outros homens unicamente a suas práticas sexuais. Ao indicar que “o que você chupa ou deixa de chupar não define, por si só, o quão masculino ou feminino você é”, são ignorados atributos relativos a outros aspectos de suas identidades, sendo desconsideradas, ainda, as hierarquias que efetivamente existem entre as identidades masculinas, relevando os processos de exclusão e de violência sofridos por homens cujas práticas “desviam” da norma heterossexual (SEFFNER, 2016).

De todo modo, as narrativas apresentadas ajudam a constatar que as mudanças nos regimes discursivos do *PapodeHomem*, aqui associadas à publicação de Nessa Guedes (2011) no *Blogueiras Feministas*, não foram bem aceitas por todos os homens que integravam o público leitor do portal. Nesse sentido, os processos de negociação com relação a definições restritivas de masculinidades também puderam ser notados através do progressivo destaque conferido a debates com relação às consequências sofridas pelos próprios homens a partir dessas definições, como proposto por Guilherme Valadares (2015) no post *Masculinidade tóxica: comportamentos que matam os homens*<sup>34</sup>.

---

<sup>34</sup> Disponível em: <https://papodehomem.com.br/masculinidade-toxica-comportamentos-que-matam-os-homens/>.



O texto em questão traz uma crítica ao que o autor denomina de “a caixa do homem”, termo utilizado em referência a uma série de concepções que teriam como efeito a limitação dos comportamentos desses sujeitos. O autor destaca, como algumas dessas prescrições, demonstrações de força, poder, virilidade e homofobia; portar-se como um provedor para sua família; ocultar fraquezas e inseguranças; e, ainda, mostrar-se constantemente disponível para práticas sexuais. Tendo listado essas características, Valadares (2015) ressalta que “há muitas tensões envolvidas na experiência de ser homem”, argumentando, em seguida, que é possível “estrapalhar as paredes dessa caixinha limitante para que ninguém questione sermos mais ou menos homem por algo que fizemos – ou deixamos de fazer”. Reiterando essa possibilidade, o post é finalizado com uma pergunta, feita em formato de provocação: “coisa de macho, não?”.

Perspectivas similares pautam a publicação *Precisamos falar com os homens? [nosso primeiro documentário original]*<sup>35</sup>, de 2016. O audiovisual mencionado se trata de um projeto realizado pelo *PapodeHomem* em conjunto com a Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres (também conhecida como ONU Mulheres) e viabilizado pelo Grupo Boticário (sendo essa uma parceria que evidencia o caráter comercial do site, por vezes refutado em algumas de suas narrativas, como destacado previamente). Na publicação citada, Guilherme Valadares (2016) caracteriza o PdH como um portal cujo intuito seria investigar o que há “debaixo do tapete masculino”, de modo a identificar os principais sofrimentos vivenciados por homens brasileiros e gerar reflexões sobre “como sermos homens mais seguros de nós e de nossa masculinidade, em todos os campos da vida”, além de promover o engajamento dos homens em ações para combater as desigualdades de gênero. O documentário é relacionado a esses objetivos, sendo o post encerrado com o seguinte chamado:

E, aqui, deixamos um convite. Vamos, juntos, em busca desse mundo mais justo e equilibrado. Vamos rever papéis, conceitos e atitudes que já não nos servem mais. Vamos transformar realidades e construir um mundo novo (VALADARES, 2016).

---

<sup>35</sup> Disponível em: <https://papodehomem.com.br/documentario-precisamos-falar-com-os-homens/>.

Embora os dois últimos posts mencionados se mostrem relevantes no que tange à proposição de deslocamentos quanto a prescrições androcêntricas de gênero, chama a atenção a forma simplista como esses tensionamentos são apresentados. Como dito anteriormente, embora o agenciamento sobre as representações de gênero se constitua, do ponto de vista das autoras e dos autores que fundamentam esta pesquisa, como uma possibilidade efetiva, esse é um processo que demanda, nos termos de Lauretis (1994), atenção às complexidades de outros sistemas políticos, como os de raça e classe. Logo, apenas o reconhecimento do gênero como uma instância primária de classificação dos sujeitos, como faz Valadares (2015, 2016), mostra-se inócuo, sendo necessárias discussões aprofundadas quanto a outros marcadores sociais que exercem influência sobre as experiências dos indivíduos. Ainda nesse sentido, cabe lembrar a indicação da autora de que “a construção do gênero também se faz por meio de sua desconstrução” (LAURETIS, 1994, p. 209), isto é: mesmo quando formuladas sob olhares que se distanciam de pressupostos androcêntricos, prescrições de gênero continuam a existir, não sendo possível “estraçalhar”, ao menos por completo, “as paredes dessa caixinha limitante”, como sugere Valadares (2015).

Sob esse entendimento, é significativo que as limitações dos processos de negociação e de tensionamento nas representações de masculinidades do PdH sejam evidenciadas. Os apontamentos feitos ajudam a refletir sobre em que medida os deslocamentos notados efetivamente davam margem a novas possibilidades de construção do gênero, sobretudo para os homens que, a partir de suas multiplicidades de experiências, situam-se no “outro lugar” dos discursos tradicionalmente privilegiados. Esse processo de direcionamento do olhar fundamentado no *space-off* das representações analisadas se mantém no capítulo a seguir, cujo enfoque serão as narrativas do *e-book As 25 maiores crises do homem (e como superá-las)* (2017).

### 3 DELINEANDO O HOMEM EM CRISE

Como indicado no capítulo anterior, o *PapodeHomem* sofreu algumas transformações significativas ao longo de sua primeira década (2006-2016). Lançado por Guilherme Valadares (2006) como uma “*lifestyle magazine*”, o site, inicialmente pautado por um regime de representação alinhado a pressupostos androcêntricos, começou a apresentar mudanças em seus enunciados a partir de 2011, ano no qual foi apresentada, no *Blogueiras Feministas*, uma crítica de Nessa Guedes às representações normativas então dominantes no PdH, sobretudo tendo em vista a violência decorrente dos lugares atribuídos às mulheres nessas narrativas. Tais mudanças, como foi ressaltado, não implicaram o completo desaparecimento dos valores androcêntricos que eram, até então, característicos do PdH. Antes, elas são indicativas dos processos de tensionamentos aos quais as representações de gênero são constantemente submetidas. No que tange aos próprios homens, foi possível observar, progressivamente, o surgimento de discussões direcionadas a definições essencialistas de masculinidades, ainda que essas discussões não levassem em consideração outros sistemas políticos para além do gênero, mostrando-se limitadas.

Retomadas essas reiterações e disputas em torno das prescrições de masculinidades no *PapodeHomem*, este capítulo apresenta o e-book *As 25 maiores crises do homem (e como superá-las)*, que, uma vez lançado pelo portal em 2017, situa-se em meio a esse cenário de avanços e recuos com relação à predominância de representações normativas no site. Ganham relevo aqui, questões relacionadas à inferiorização de homens dissidentes da norma da heterossexualidade e à (re)produção de definições binárias de masculinidades e de feminilidades. Cabe lembrar, a propósito das narrativas que serão analisadas, a indicação de Teresa de Lauretis (1994) de que os processos de construção e reconstrução do gênero se dão através de múltiplas tecnologias. Nesse sentido, o e-book, a exemplo do próprio PdH, é situado dentre as variadas técnicas e discursos institucionais que têm a capacidade de “produzir, promover e ‘implantar’ representações de gênero” (LAURETIS, 1994, p. 228).

O capítulo está estruturado da seguinte forma: o primeiro item, “*Ser homem não é nada fácil*”: apresentação do e-book *As 25 maiores crises do homem (e como superá-las)* (2017), traz uma contextualização do livro, explicando e problematizando os motivos que levaram a seu lançamento, bem como a definição de “crise” proposta,

terminando com a indicação de quais serão as “crises” analisadas. Por sua vez, o segundo subtópico, intitulado “*Você, homem hetero, não precisa fazer nada*”: *considerações sobre a heteronorma e perspectivas autocentradas de “empoderamento”*, traz discussões quanto ao entendimento naturalizado da identidade heterossexual nos enunciados dos capítulos selecionados, evidenciando seu alinhamento a um regime heterocentrado de representação. Sob essa perspectiva, também analiso, nesse mesmo item, as representações de masculinidades presentes em duas “crises” específicas, que abordam, de modo problemático, a possibilidade de relações homoafetivas entre homens.

### **3.1 “Ser homem não é nada fácil”: apresentação do e-book *As 25 maiores crises do homem (e como superá-las)* (2017)**

Como estabelecido na introdução desta pesquisa, o livro *As 25 maiores crises do homem (e como superá-las)* é uma publicação em formato eletrônico, originalmente lançada pelo PdH para download mediante pagamento, em 2017, e que foi disponibilizada de modo gratuito durante um período limitado da pandemia de COVID-19, em 2020. Atualmente, é novamente requisitada a compra do e-book para que se possa acessá-lo. Organizada e editada por Luciano Andolini, um dos colunistas do PdH e atualmente editor do site, a obra conta com 25 capítulos, referentes a cada uma das “crises” abordadas, além de quatro capítulos introdutórios, assinados por Guilherme Valadares (2017), nos quais são indicadas as supostas motivações para a publicação do e-book, bem como o que se entende por uma “crise”. Por fim, Luciano Andolini (2017) traz, em um capítulo de encerramento, algumas considerações adicionais quanto às possíveis formas de se lidar com as situações discutidas.

Conforme Guilherme Valadares (2017), a ideia de criar o livro se deu a partir do recebimento contínuo de diversos pedidos de ajuda das/os leitoras do site. São citados, como exemplos, perguntas sobre como “entrar na maçonaria ou se tornar um garoto de programa”, dicas para “ajudar a esposa que enfrenta uma séria depressão”, conselhos solicitados por “aspirantes a empreendedores em busca de rotas para seus negócios” e, ainda, o pedido de uma mãe que “gostaria de ajudar o filho, cujo pai faleceu, a fazer sua primeira barba” (VALADARES, 2017, p. 7). O criador do PdH diz se identificar com esses supostos pedidos de ajuda, uma vez que reconhece neles “dores e dificuldades” comuns a todos os homens, ainda que esses problemas com

frequência sejam escondidos “pelo teimoso hábito de nos manter em silêncio”. Nesse sentido, é ressaltado que “ser homem não é nada fácil, ainda que tenha seus muitos privilégios” (VALADARES, 2017, p. 7). O “acolhimento” aos pedidos de ajuda recebidos pela equipe do site, então, remeteria à própria origem do *PapodeHomem*:

O PdH nasceu desse lugar, de homens dispostos a quebrar o silêncio. Veio ao mundo pelas dores desses homens, como um espaço de acolhimento, escuta e aprendizado coletivo. Não surgiu para ser um império de negócios, essa não é nossa vocação. É um projeto que flui e se transforma, assim como as pessoas que o mantém vivo (VALADARES, 2017, p. 8).

Faz-se presente, nesses enunciados, uma tentativa de fixação de sentidos para o contexto de origem do PdH, de modo a estabelecer uma concepção única quanto à sua criação. Com efeito, essa é uma estratégia discursiva empregada pela equipe do portal em outros momentos, sendo possível citar como exemplo as narrativas da seção *Anuncie* do site, problematizada no capítulo anterior. A respeito dessa seção, é pertinente lembrar a apresentação de alguns dos projetos publicitários desenvolvidos pelo *PapodeHomem* para grandes empresas, bem como o destaque conferido aos resultados propiciados para essas marcas, o que possibilita questionamentos à concepção de que o portal teria, como motivo único de existência, o “acolhimento” aos homens que integravam seu público leitor.

De maneira similar, cabe apontar os enunciados da publicação “*Precisamos falar com os homens?*” [*nosso primeiro documentário original*], também debatida no segundo capítulo e assinada por Valadares (2016). O autor salienta, nesse post, a necessidade de se “escutar, acolher e falar com os homens”, afirmando que o *PapodeHomem* teria, como propósito principal, a “transformação dos homens”. Vistos isoladamente, então, tanto os enunciados da introdução do livro quanto aqueles compartilhados no PdH poderiam causar a impressão de que as representações do portal se distanciariam, em sua totalidade, de concepções essencialistas de gênero. De fato, é válido frisar que a publicação de um *e-book* direcionado ao debate de dificuldades vivenciadas por homens é considerada relevante, posto que contribui, ao menos em parte, para o questionamento de uma prescrição normativa segundo a qual homens não poderiam expressar livremente seus sentimentos, demonstrando constantemente o controle de suas emoções. Essa prescrição é tratada em detalhes

tanto por bell hooks (2004) quanto por Valeska Zanello (2018), e será retomada de modo aprofundado no próximo capítulo desta pesquisa.

Entretanto, é fundamental que os valores de “acolhimento, escuta e aprendizado coletivo” elencados por Valadares (2017), tal como são apresentados pelo autor, sejam postos em xeque, uma vez que são ocultadas narrativas específicas do site, balizadas por regimes discursivos androcêntricos. Efetivamente, colocar em evidência essa e outras contradições ajuda a situar a afirmação de Stuart Hall (2016, p. 105) de que “a representação funciona tanto no que *não* é mostrado, quanto no que é mostrado” (*grifo do autor*). Em outras palavras, os sentidos produzidos dependem tanto do que está visível nos discursos analisados, quanto daquilo que não pode ser diretamente observado neles, sendo essa uma perspectiva que dialoga com a definição do *space-off* sugerida por Lauretis (1994) e com os debates aqui propostos.

Continuando a contextualizar o *e-book*, Valadares (2017) esclarece que as “crises” apresentadas se referem a situações nas quais circunstâncias adversas do cotidiano acabariam por frustrar as expectativas e vontades dos sujeitos, provocando sentimentos como “confusão, ansiedade e até mesmo desespero” (VALADARES, 2017, p. 8). Embora momentos assim possam ser vividos por qualquer indivíduo, é ressaltada a influência particular exercida por eles sobre os homens, cuja construção identitária se fundamentaria em um conjunto de representações específicas, assim explicadas:

Os mitos heróicos dos quais tanto ouvimos falar, seja em filmes, histórias em quadrinhos, videogames, costumam ter como protagonistas homens fortes, destemidos, que enfrentam e vencem seus desafios com bravura.

Quando crianças, brincamos de ser esses personagens. Quando adultos, é isso que devemos nos tornar. Ou, pelo menos, assim pensamos (VALADARES, 2017, p. 16).

Ao se perceberem incapazes de corresponder a essa representação, os homens entrariam, como dito, em um estado psicológico de sofrimento, muitas vezes prolongado por ações rápidas e impensadas. Por esse motivo, um dos objetivos do *e-book* seria contribuir para o desenvolvimento de sua “autonomia emocional”, sendo esse propósito associado à maneira como os momentos de “crise” são concebidos. A despeito do sofrimento gerado por essas situações, Valadares (2017, p. 9) considera

ser possível encará-las como “um maravilhoso e arriscado oceano de possibilidades”. Em suas palavras:

Pode não parecer, mas quando uma crise se instaura há um momento de grande riqueza. Significa que os meios utilizados por aquela pessoa para sustentar uma determinada identidade pararam de funcionar. Um castelo caiu (VALADARES, 2017, p. 19).

Em momentos assim, os homens seriam como “telas em branco” (VALADARES, 2017b, p. 19), com novas possibilidades de experiências, devendo o *e-book* ser entendido como “um parceiro em uma caminhada que necessita de sua presença” (VALADARES, 2017a, p. 9), uma vez que o comprometimento individual desses sujeitos constituiria um elemento indispensável para sua transformação. Faz-se notar, nesses enunciados, processos específicos de interpelação, já mencionados, que têm por base perspectivas essencialmente autocentradas.

A esse propósito, são notados paralelos entre os enunciados destacados e as narrativas de publicações do PdH. É o caso, por exemplo, do post *Masculinidade tóxica: comportamentos que matam os homens*, também assinado por Valadares (2015) e discutido no capítulo anterior. Nessa publicação, embora ressalte, de início, que “homens não são mais simples do que as mulheres”, o autor acaba por tratar de forma reducionista os complexos processos e marcadores envolvidos na produção das masculinidades, de maneira que as possibilidades de novas construções para essas identidades se tornam resumidas a uma questão sobre como oferecer, a um homem, um “leque maior de escolhas sobre como deseja ser” (VALADARES, 2015).

Retornando ao *e-book*, cabe apontar que a ausência de debates aprofundados quanto a esses processos é uma constante ao longo de toda a obra, acarretando, em última instância, a reiteração de concepções androcêntricas, como será evidenciado. No que tange às “crises” apresentadas, os capítulos derivam, conforme Valadares (2017), de posts do PdH, sendo escritos por diferentes autores, dentre os quais figura uma única autora. Uma vez que os capítulos não dispõem de uma classificação específica, foi proposta, para fins de análise, a seguinte categorização:

**Quadro 1 – Classificação das questões abordadas no e-book *As 25 maiores crises do homem (e como superá-las)* (2017)**

<b>Categoria</b>	<b>Título da “crise”</b>	<b>Autoria</b>
Emprego e dinheiro	“Perdi meu emprego e não consigo achar outro”	Luciano Andolini
	“Odeio meu trabalho (como mudar de carreira ou lidar com um trabalho ruim)”	Alberto Brandão
	Não sei controlar minhas finanças	Eduardo Amuri
Hábitos não saudáveis	“Não consigo parar de procrastinar”	Alberto Brandão
	“Não consigo me dedicar a nada”	Luciano Andolini
	“Não consigo largar o vício (álcool, pornografia, games)”	Luciano Andolini
Envelhecimento e luto	Estou ficando velho (crise de meia-idade)	Frederico Mattos
	Meus pais morreram (luto por pessoas queridas)	Guilherme Valadares
Sociabilidade	Sou tímido	Frederico Mattos
	Não tenho amigos	Luciano Andolini
Corpo e aparência	Sou feio	Frederico Mattos
	Estou insatisfeito com meu corpo	Débora Navarro
Paternidade	Vou ter um filho não-planejado (gravidez inesperada)	Rodrigo Cambiaghi
	“Fui traído”;	
	“Tenho medo de dar em cima de alguém”;	



Relacionamentos românticos e sexualidade	“Me divorciei”;	Luciano Andolini
	“Não consigo esquecer minha (ou meu) ex”;	
	“Não sei fazer minha namorada gozar (ou: sou ruim de cama)”	
	“Traí minha parceira e me sinto culpado”;	Frederico Mattos
	“Sou virgem”;	
	“Não tenho mais ereções (estou ficando brocha)”;	
	“Tenho ejaculação precoce”;	
	“Tenho pinto pequeno”	Danilo Gonçalves
	“Será que sou gay?”;	
“Não sou hétero e sofro preconceito”		

**Fonte: o próprio autor (2022)**

Com base nessa classificação, serão desenvolvidas análises centradas sobretudo nas “crises” da categoria “relacionamentos românticos e sexualidade”, sendo o primeiro ponto a ser discutido a concepção naturalizada a partir da qual a identidade heterossexual figura nessas narrativas.

### **3.2 “Você, homem hetero, não precisa fazer nada”: considerações sobre a heteronorma e perspectivas autocentradas de “empoderamento”**

Busco, neste item, evidenciar e problematizar a filiação dos enunciados do e-book a um regime discursivo específico, pautado pela caracterização do desejo heterossexual como um atributo naturalizado para a produção das masculinidades. Como já apontado, essa é uma prescrição questionada tanto por Fernando Seffner (2016) quanto por Teresa de Lauretis (1994), que a define como um “contrato heterossexual”, cujos efeitos são a manutenção de discursos e representações

excludentes por definição. De modo a aprofundar esses questionamentos, serão apresentadas algumas contribuições do sociólogo brasileiro Richard Miskolci (2003, 2005), que se dedica, em seus trabalhos, a tensionar as categorias de “normal” e “anormal”, situando-as como o resultado de práticas sociais contingentes.

Sob esse entendimento, o autor concebe a heterossexualidade como um regime de verdade ao qual os indivíduos devem se sujeitar para ter sua existência legitimada. A atribuição de um caráter normativo a essa identidade é relacionada por ele ao surgimento, no século XIX, do modelo canônico burguês de família, economicamente produtivo e biologicamente reprodutivo, através do qual a monogamia heterossexual foi instituída como o padrão de sexualidade a ser seguido por todos os sujeitos. Visando à negação das diferenças individuais, foram instauradas práticas, com frequência apoiadas por discursos científicos desse período, cujo intuito era estabelecer “uma duvidosa relação entre sexo e verdade”, de modo a fixar o modelo mencionado como um “tipo original” (MISKOLCI, 2003, p. 112), ou, dito de outro modo, como uma representação idealizada. Como consequência, indivíduos praticantes de comportamentos dissonantes dessa representação foram progressivamente classificados como “degenerados”:

O temor de degeneração pairou sobre o discurso que versava sobre os desvios do padrão burguês de sexualidade. No começo do século XIX, a masturbação era vista como o desvio mais problemático, mas progressivamente o alvo dos cientistas voltou-se para a mulher e, por fim, para o homossexual (MISKOLCI, 2003, p. 120).

Essas considerações dialogam com as investigações de Seffner (2016), posto que ambos os pesquisadores chamam a atenção, em tom crítico, para a artificialidade das identidades idealizadas, sobre as quais se fundamentam as assimetrias sociais. Efetivamente, Seffner (2016, p. 169) ressalta: “a norma é, paradoxalmente, aquilo que está sempre presente, mas poucas vezes enunciado claramente”.

Nos termos do *space-off*, então, o enquadramento promovido por esses estudiosos subverte o olhar dirigido às representações usualmente privilegiadas e por esse motivo não questionadas, de modo que o “o outro lugar” desses discursos passa a ser concebido como algo que possibilita focalizar com maior clareza as normativas em vigor. Trata-se de uma perspectiva condizente com os objetivos propostos para este trabalho, e que adquire maior relevância quando se considera, como explica Miskolci (2003), que as distinções entre “normalidade” e “desvio”, na atualidade,

continuam a organizar e regular as relações sociais, operando a partir de técnicas de controle variadas. Nas palavras do autor:

Essas categorias sociais criadas pelo discurso da degeneração não devem ser tomadas como dados nem se tornar objeto de teorias que buscam comprovar, normalmente em termos biológicos, sua existência. O que deve ser evidenciado é o caráter histórico de tais categorias, as quais não existiam como problema social antes da hegemonia social burguesa (MISKOLCI, 2003, p. 122).

Com base nesses apontamentos, vale voltar o olhar para as representações postas em circulação pelo *e-book*, de modo a destacar e tensionar seu caráter heterocentrado. Inicialmente, a heterossexualidade como um elemento idealizado nas narrativas compartilhadas se faz notar por meio dos títulos de alguns capítulos em específico, como *Não sei fazer minha namorada gozar (ou: sou ruim de cama)*, redigido por Luciano Andolini (2017), e *Traí minha parceira e me sinto culpado*, assinado pelo psicólogo Frederico Mattos (2017). Já no caso de outros capítulos, faz-se necessária uma leitura mais atenta para notar sua filiação a um regime discursivo heterossexista. É o caso, por exemplo, das “crises” *Fui traído* e *Sou virgem*, escritas, respectivamente, por Andolini (2017) e Mattos (2017).

Chama a atenção, ao examinar os enunciados desses capítulos, a inconsistência da linguagem utilizada. Por vezes são empregados termos não restritivos para tratar dos sujeitos envolvidos nas situações debatidas, como quando Andolini (2017, p. 27), ao discutir a possibilidade de uma traição, afirma: “não há como controlar o curso do desejo de uma outra *pessoa*” (*grifo meu*). Entretanto, ao argumentar, no final do capítulo, sobre a possibilidade de perdão em um evento como esse, é citada uma pesquisa estadunidense que aborda, de maneira particular, a traição entre casais heterossexuais:

Um estudo liderado por Jaime Confer, da Universidade do Texas em Austin, aponta que a chance de um homem perdoar uma traição da namorada é de 22% se for com outro homem. Porém, esse percentual aumenta para 50% se a traição for com uma mulher (ANDOLINI, 2017, p. 30).

A despeito do emprego, em um primeiro momento, de uma linguagem dissociada de representações heterocentradas, a alusão a essa pesquisa é significativa, posto que permite inferir que a “pessoa” mencionada pelo autor se

trataria, na realidade, de uma mulher. É válido ressaltar que nenhum dado quanto a traições entre homens que se relacionam com outros homens é mencionado, o que evidencia a exclusão desses sujeitos do enquadramento central do capítulo.

De modo similar, Frederico Mattos (2017), ao discutir possíveis inseguranças de homens com relação ao sexo na “crise” *Sou virgem*, emprega, de início, uma linguagem que não torna evidente o gênero do/a parceiro/a desses indivíduos. Essa estratégia pode ser verificada no seguinte trecho: “é, de certa forma, compreensível que você tenha receio, fique acuado, com a possibilidade de se aproximar de *alguém* ou de visualizar *alguém* tendo interesse sexual na sua figura” (MATTOS, 2017, p. 95, *grifos meus*). À medida em que o capítulo é desenvolvido, contudo, algumas contradições ajudam a perceber, mais uma vez, a produção de uma identidade masculina pautada pelo desejo heterossexual.

A título de exemplo, se em determinado momento o autor discorre sobre o possível medo de “ficar pelado na frente de *alguém*” (MATTOS, 2017, p. 99, *grifo meu*) na ocasião da primeira relação sexual, alguns parágrafos depois ele ressalta, de modo específico, a importância de se estabelecer “uma conexão com a *parceira*” nessa situação (MATTOS, 2017, p. 100, *grifo meu*). Cabe destacar, ademais, a recomendação de um post do PdH intitulado *13 sinais de que um menino se transformou em homem*<sup>36</sup>, também assinado por Mattos (2013) e patrocinado pela marca de refrigerante Schweppes. Convém ressaltar essa sugestão, primeiramente, pela sinalização de uma relação expressiva entre as narrativas do site e os enunciados do *e-book*, como já destacado. Para além desse aspecto, contudo, a publicação, como sugere seu título, se apoia na oposição binária “meninos versus homens”, assim justificada: “tem muita gente do sexo masculino por aí, mas pessoas que se portem de modo confiável e comprometido é um pouco mais difícil” (MATTOS, 2013).

Com efeito, é significativa a utilização da expressão “sexo masculino”, que remete a uma perspectiva essencialista de gênero, segundo a qual os sujeitos seriam definidos exclusivamente em função de suas características sexuais, pensadas em um marco heterossexista (LAURETIS, 1994; SEFFNER, 2016). De fato, a associação compulsória entre “masculinidade” e “heterossexualidade” pode ser notada no trecho

---

<sup>36</sup> Disponível em: <https://papodehomem.com.br/sinais-de-que-um-menino-se-transformou-em-homem>

a seguir do post, no qual são apresentadas orientações específicas quanto às práticas sexuais de um “homem de verdade”:

A verdadeira sensação de intimidade é sua meta. O sexo é um detalhe importante, mas não exclusivo para esse fim. Sua parceira é mais importante que sua vagina e o orgasmo é uma parte do espetáculo, não o show inteiro (MATTOS, 2013).

Embora seja posterior às críticas apresentadas por Nessa Guedes (2011) no *Blogueiras Feministas*, bem como ao texto *O que é um homem? O que é uma mulher*, no qual Jeanne Callegari (2012) discorre de modo crítico sobre a classificação binária das identidades de gênero e sexuais, é evidente a filiação dos enunciados do post *13 sinais de que um menino se transformou em homem* e, por conseguinte, das narrativas do e-book à heteronorma. De fato, a primazia da heterossexualidade sobre outras identidades sexuais pode ser observada mesmo em capítulos que se propõem a discutir relacionamentos homoafetivos, como é o caso das “crises” *Será que sou gay?* e *Não sou hétero e sofro preconceito*.

Redigidos pelo jornalista Danilo Gonçalves (2017), os capítulos em questão se destacam por serem os únicos a marcar, em todo o livro, uma identidade sexual, fazendo-o a partir de perspectivas individualistas de “respeito” e de “empoderamento”. O capítulo *Será que sou gay?*, por exemplo, é iniciado com uma referência ao primeiro artigo da Declaração Universal dos Direitos Humanos, elaborada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1948. Citando esse documento, o autor explica que “todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos”, sendo seu dever, portanto, “agir uns para com os outros em espírito de fraternidade” (GONÇALVES, 2017, p. 161). Com base na concepção de que “se nascemos livres, temos o direito pleno de exercer essa tal liberdade”, é proposta uma situação hipotética na qual um homem perceberia sua atração por outro homem. Diante desse cenário, o autor declara: “não encana, cara, se tem vontade vai e faz. Se é legítima a vontade, quem poderá impedir ou apontar dedos?” (GONÇALVES, 2017, p. 162).

No entendimento de Gonçalves (2017), deveriam ser deixados de lado os “contratos sociais” e as “categorias pré-estipuladas por algo ou alguém”, sendo essa uma relação que diria respeito unicamente aos homens envolvidos na situação. Ao realizar essas afirmações, contudo, o autor ignora as hierarquias sociais e as relações de poder que permeiam a construção das masculinidades, bem como as limitações

colocadas por essas estruturas a um agenciamento pleno dos sujeitos. Embora as identidades sejam caracterizadas, neste trabalho, como construções em processo, é imprescindível relembrar, como observa Seffner (2016, p. 151), que “é na tensão entre a agência e as representações socialmente construídas que cada indivíduo vai fabricando sua identidade, entre limites e possibilidades, negociações e imposições”.

Além disso, tendo em vista a indicação de Lauretis (1994) de que as implicações concretas das representações de gênero devem ser levadas em consideração nas análises das tecnologias que as produzem, é pertinente questionar de que forma os enunciados de Gonçalves (2017) se situam com relação à realidade efetiva, em nosso país, de indivíduos cujas vivências escapam à heteronorma. Para tanto, serão utilizados dados do *Relatório de Mortes Violentas de LGBTI+ 2021*, produzido pela associação *Acontece – Arte e Política LGBTI+*<sup>37</sup> e pelo *Grupo Gay da Bahia (GGB)*<sup>38</sup>.

De acordo com o relatório, foram registradas, apenas em 2021, 300 mortes violentas de indivíduos pertencentes ao grupo LGBTQIA+, sendo as principais formas de violências sofridas as seguintes: homicídios (221 ocorrências); latrocínios (34 ocorrências); e suicídio (24 ocorrências). Vale destacar que o documento chama a atenção para a subnotificação desses óbitos, provocada, dentre outros fatores, pela frequente desconsideração, por parte da mídia e por organizações do Estado (grupos fundamentais para a obtenção dos dados apresentados), da relação direta entre as identidades de gênero e de sexualidade e as experiências dos sujeitos, que incluem as opressões destacadas. Não obstante essa limitação, os dados indicados ajudam a contextualizar a gravidade dos efeitos do regime heterossexista que vigora em nossa sociedade, colocando em evidência as relações de poder que atribuem aos indivíduos classificados como anormais “uma posição de inferioridade e submissão na ordem social”, conforme Miskolci (2003, p. 124). Cabe, aqui, um diálogo com a concepção de “minorias sexuais” proposta por Fernando Seffner (2016), que frisa a relevância desse termo para refletir sobre as posições marginalizadas, nas representações culturais, dos sujeitos que não se enquadram nesse regime.

---

<sup>37</sup> Organização da sociedade civil com sede em Florianópolis, fundada em 2013, que tem por objetivo a promoção de ações artísticas, políticas e culturais, visando a defesa de direitos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais.

<sup>38</sup> Fundado em 1980, o GGB se configura como a mais antiga associação de defesa dos direitos de homossexuais no Brasil. Os Relatórios Anuais de Mortes LGBTI+ são produzidos e publicados pela organização desde 2011.

Além dos dados apresentados, essas posições de desigualdade podem ser notadas ao relembrar a reclamação de um leitor do *PapodeHomem* quanto à ausência de um suposto “conteúdo hetero” nas publicações do portal, como visto nas discussões sobre o post *Papo de homem não é papo de hétero*, de 2014. Ao retomar os enunciados da “crise” *Será que sou gay?*, as considerações feitas indicam não ser possível tratar de uma relação afetiva entre dois homens, mesmo que de forma imaginária, unicamente a partir do “sentido individual da questão”, como sugerido por Danilo Gonçalves (2017). Tendo em vista os elevados índices de violência que marcam a realidade de pessoas LGBTQIA+ no Brasil, mostram-se necessários questionamentos à concepção de que “se somos livres para executar nossas próprias ações, somos todos livres e ponto” (GONÇALVES, 2017, p. 162).

No entanto, esse foco autocentrado, a partir do qual as assimetrias entre as masculinidades são relevadas, continua a balizar as narrativas do capítulo. Frente à situação hipotética de “sair do armário”, por exemplo, o autor expressa o desejo de que os homens que o estiverem lendo “empoderem-se e também se libertem-se das amarras”, dizendo:

Essa grande revelação ao mundo costuma acontecer na fase mais próxima à pós-puberdade e início da vida adulta. Por quê? É quando o indivíduo começa a se dar conta da dimensão do enfrentamento e, em algum momento, sente-se empoderado por identificação com um igual ou por, pura e simplesmente, julgar que não dá mais para viver uma mentira (GONÇALVES, 2017, p. 163).

Ao caracterizar a situação em questão como uma “grande revelação”, ou, em outros termos, como algo a ser “assumido”, Gonçalves (2017) demonstra compreender as relações heterossexuais sob uma perspectiva a-histórica, isto é: como práticas que, ao contrário das relações homoafetivas, não necessitariam ser evidenciadas. Além das perspectivas teóricas até aqui acionadas, esse entendimento pode ser problematizado a partir das considerações da teórica estadunidense Eve Sedgwick (2007), que discute, em suas investigações, a figura do “armário”.

Apontando as repreensões construídas ao longo do tempo em torno da possibilidade de relações sexuais entre indivíduos de uma mesma identidade de gênero, a autora discorre sobre a constituição dessas práticas como objeto de ansiedade social, ressaltando sua formulação como um segredo a ser ocultado. Assim como Seffner (2016) e Miskolci (2003, 2005), Sedgwick (2007) salienta que o foco de

seus estudos reside não sobre os sujeitos cujos desejos e vontades, divergentes da “presunção heterossexista” predominante, são restritos à esfera privada de suas vidas, mas sobre aqueles que ajudam a produzir e reiterar as normativas excludentes. Nesse sentido, o “armário” é caracterizado por ela como uma representação simbólica fundamental para o regime de verdade da heterossexualidade, constituindo uma epistemologia que diz respeito sobretudo aos indivíduos cuja identificação como heterossexuais só pode se dar em relação a um exterior constitutivo classificado como “desviante”.

Tais apontamentos, em conjunto com os dados provenientes do *Relatório de Mortes Violentas de LGBTI+ 2021*, ajudam a demonstrar as limitações dos enunciados de Danilo Gonçalves (2017), cuja sugestão de que “a vida é mais colorida e divertida” (GONÇALVES, 2017, p. 164) fora do espaço do “armário” se mostra problemática. Por fim, merece destaque um último enunciado do capítulo. Dirigindo-se a homens heterossexuais que o estiverem lendo, o autor diz:

Você, homem hétero, que está fora dos perfis apresentados neste capítulo, fique tranquilo: você não é obrigado a fazer nada, apenas a aceitar que somos – todos os seres do Universo – livres e diferentes entre si (GONÇALVES, 2017, p. 164).

Por meio dessa afirmação, é reforçada a caracterização do *e-book* como uma tecnologia de gênero cujos discursos legitimam a produção e manutenção de prescrições normativas de masculinidades. Ao atribuir, a homens heterossexuais, uma posição de absoluta passividade frente às violências experienciadas pelos indivíduos considerados “anormais” em função de suas identidades sexuais, Gonçalves (2017) contribui para que essas identidades masculinas, historicamente inferiorizadas, continuem a ocupar o “outro lugar” dos discursos em circulação, desencorajando questionamentos quanto aos privilégios associados à heteronorma. Efetivamente, se os momentos de “crise”, conforme indicado por Guilherme Valadares (2017) na introdução do livro, devem ser vistos como possibilidades de transformação e aprimoramento, é pertinente questionar quem são os homens que seriam de fato beneficiados por essas representações.

A esse respeito, aliás, vale destacar a continuidade observada entre o enunciado destacado e as narrativas da publicação *Precisamos falar com os homens? [nosso primeiro documentário original]*, na qual Valadares (2016), apesar de afirmar a



possibilidade de constituição das identidades masculinas para além da heterossexualidade, discorre sobre proposições de mudança com relação às representações de masculinidades normativas de modo limitado, restringindo potenciais tensionamentos a essa identidade sexual. Nesse sentido, vale relembrar o seguinte apontamento:

Ficar apenas na constatação de que as masculinidades são plurais resolve poucos problemas, uma vez que pode deixar de lado os mecanismos de poder que permitem que algumas formas de masculinidade se constituam em hegemônicas, exercendo opressão sobre as demais (SEFFNER, 2016, p. 202).

Dando continuidade às análises sobre as narrativas do *e-book*, considerações similares podem ser feitas com relação ao capítulo *Não sou hétero e sofro preconceito*, no qual se faz frequente a utilização de uma concepção problemática de “empoderamento”, marcada por seu caráter autocentrado. Um exemplo dessa concepção pode ser visto no trecho a seguir, em que novamente é abordada a possibilidade de identificação com posições de sujeito divergentes da heteronorma:

Caso você tenha se apresentado até hoje como heterossexual para a sociedade, mas sabe que lá no fundo, a vontade é ser mais do que isso, empodere-se. Você pode ser o que quer – seja lá o que isso signifique, desde eventualmente usar uma saia até transformar/adaptar o corpo (GONÇALVES, 2017, p. 167).

De fato, pontua Gonçalves (2017), um homem cuja identidade sexual e/ou de gênero se distanciasse dos padrões normativos não deveria se sentir “vitimado” pela sociedade. Em suas palavras: “precisamos nos empoderar, ter a coragem de nos impor, seja você gay, bissexual, transgênero, não binário ou curioso” (GONÇALVES, 2017, p. 166).

No que tange às possibilidades sugeridas (como o uso de uma saia e transformações corporais), vale dizer que elas podem ser pensadas a partir do conceito de “experiências”, proposto por Teresa de Lauretis (1994) e explicado, na introdução desta pesquisa, como o conjunto de efeitos, hábitos, associações e percepções através dos quais os indivíduos interagem com o mundo, construindo suas autorrepresentações. São as experiências, conforme a autora, que possibilitam, mesmo que em nível local e micropolítico, mudanças na construção do gênero, constituindo possibilidades de resistência às representações androcêtricas. Cabe

frisar, contudo, que Lauretis (1994) chama a atenção, de modo crítico, para proposições de (re)construção do gênero orientadas por pressupostos universalistas, que, a exemplo das narrativas de Danilo Gonçalves (2017), não propõem discussões sobre os contextos socioculturais nos quais as experiências se dão.

Nesse sentido, são possíveis questionamentos às perspectivas de “empoderamento” propostas pelo autor, pautadas tão somente em ações individuais. As proposições da pesquisadora brasileira Joice Berth (2020) ajudam a pensar essa questão. Refutando uma visão liberal de sociedade, ela ressalta os processos de banalização em torno do conceito de empoderamento na atualidade. Para a autora, é necessário que esse conceito seja pensado sob um enquadramento processual, por meio de trocas constantes entre as esferas individuais e coletivas. Em seus termos:

Vale dizer que é importante se empoderar no âmbito individual, porém é preciso que também haja um empoderamento no âmbito coletivo. Quando falamos em empoderamento, estamos nos referindo a um trabalho essencialmente político, ainda que perpassasse todas as áreas da formação de um indivíduo e todas as nuances que envolvem a coletividade (BERTH, 2020, p. 153).

É somente por meio da interação entre essas esferas que grupos historicamente oprimidos podem se organizar para alcançar, como um todo, a emancipação, almejando, por meio de uma compreensão crítica de seus ambientes e de suas relações, a subversão das próprias estruturas que possibilitam a existência das assimetrias sociais (BERTH, 2020). É precisamente essa compreensão crítica, contudo, que se mostra ausente nas narrativas debatidas. Afirmando que “ser alguém fora de padrões estabelecidos não é sinal de ser vítima de algo”, Gonçalves (2017) propõe uma discussão quanto a situações de preconceito vivenciadas por um homem que não se identifica como heterossexual, utilizando-se de um exemplo localizado no ambiente de trabalho. Desse modo, diante do cenário hipotético de uma piada de cunho discriminatório feita durante uma reunião, a reação mais apropriada, visando “impor respeito”, conforme o jornalista, seria a seguinte:

Quando acontecer, para, respira e, se sentir necessidade, imponha-se no exato momento da agressão. Melhor se for com classe e elegância, mas se precisar ser em um tom de voz mais firme, você deve mostrar a convicção de que o deve fazer. Não é fácil, mas às vezes, é necessário ter o pé em um lugar e não arredar, ainda mais porque você sabe que tem o direito de estar ali tanto quanto os outros (GONÇALVES, 2017, p. 167).

Embora o autor reconheça a existência de opressões decorrentes das estruturas de poder heterossexistas presentes em nossa sociedade, suas afirmações se mostram, mais uma vez, limitadas. Para situar o enunciado destacado com relação aos apontamentos de Joice Berth (2020) sobre a perspectiva crítica do empoderamento, serão apresentados alguns dados do estudo *Demitindo Preconceitos*, realizado em 2015 pela consultoria paulistana Santo Caos, com o intuito de avaliar aspectos da inserção de 230 profissionais LGBTQIA+ de 14 estados brasileiros no mercado de trabalho.

Conforme a pesquisa, 53% das/os profissionais participantes disseram não declarar, ou declarar somente para algumas pessoas de seus ambientes de trabalho, sua identidade de gênero ou sexual. Quando o fazem, isso acontece, na maioria dos casos, entre colegas do mesmo nível hierárquico, e em apenas 32% e 2% dos casos, respectivamente, para chefes e gestoras/es de recursos humanos. Dentre os motivos listados pelas/os entrevistadas/os para não compartilharem tais informações, figura o receio de terem sua capacidade profissional questionada, bem como o medo de discriminação e de demissão. Com efeito, 40% desses indivíduos relataram já ter sofrido alguma situação de discriminação, tal como isolamento e exposição por parte das/os colegas de trabalho, além de experiências de assédio moral, em função de sua identidade de gênero e/ou sexual (SANTO CAOS, 2015). Em conjunto com as indicações de Berth (2020) e as demais perspectivas teóricas apresentadas neste item, os dados expostos permitem afirmar que, ao contrário do que sugere Danilo Gonçalves (2017), a defesa de uma identidade de gênero ou sexual diferente do que é estabelecido como a norma depende de mais do que simplesmente “classe”, “elegância” ou mesmo “convicção”, sobretudo em ambientes marcados por hierarquias acentuadas, tal como um espaço de trabalho.

Efetivamente, a ausência de problematizações políticas aprofundadas nos enunciados discutidos reitera o status normativo da heterossexualidade, demonstrando a centralidade desse atributo nas narrativas do *e-book*. Tendo

estabelecido, por meio das análises feitas, a heteronorma como um pressuposto fundamental das representações compartilhadas, busco discutir, no próximo capítulo, quais outros elementos e valores são acionados nos demais enunciados das “crises” selecionadas, continuando a situar a masculinidade idealizada com relação a prescrições androcêntricas.

#### 4 “SEXO É ENREDO E CONTEXTO”: PRESCRIÇÕES DE SEXUALIDADE NAS NARRATIVAS DO E-BOOK

Como estabelecido nos capítulos precedentes, representações binárias de gênero foram, no decorrer da trajetória do *PapodeHomem*, ora (re)produzidas nos posts do portal, ora questionadas em seus enunciados. Além disso, foi evidenciada a repetição de alguns aspectos tidos como problemáticos nestas publicações, também nos discursos do e-book *As 25 maiores crises do homem (e como superá-las)* (2017), dentre os quais se destacam concepções simplistas de agenciamento e de empoderamento dos indivíduos, bem como a naturalização do status normativo da heterossexualidade. Com relação a este último aspecto, decorre a exclusão de sujeitos (notadamente homens que se relacionam com outros homens) e práticas que não se conformam à heteronorma.

A partir desses apontamentos, este capítulo dá continuidade à análise das “crises” que versam sobre relacionamentos românticos e sexualidade. As discussões propostas se dividem em dois itens, tendo por base, além dos conceitos até aqui acionados para a discussão das masculinidades, a noção de “dispositivo da eficácia”, proposta por Valeska Zanello (2018). No primeiro tópico, cujo título é *“Ninguém precisa pegar ninguém”: tensionamentos a representações normativas de masculinidades*, ressalto as representações que contribuem para a formulação de identidades masculinas que escapam, ainda que parcialmente, de pressupostos androcêntricos. De forma breve, também são realçadas possíveis limitações dos deslocamentos identificados, sobretudo com relação à idealização de privilégios de classe.

Já o item seguinte, denominado *“Leia com voz de pinto”: o dispositivo da eficácia associado ao “marketing na hora da paquera”*, traz a problematização de elementos que se fazem notar principalmente nos discursos associados à sexualidade, chamando a atenção para como, de maneira contraditória, são promovidas definições essencialistas de masculinidades das quais o e-book em teoria busca se afastar, conforme seus próprios enunciados.

#### **4.1 “Ninguém precisa pegar ninguém”: tensionamentos a representações normativas de masculinidades**

As “crises” debatidas neste item são de autoria de Frederico Mattos (2017) e Luciano Andolini (2017). Dentre as temáticas abordadas pelos autores, encontram-se questões como traição, término de relacionamentos e dificuldades para abordar uma mulher romanticamente. Destacam-se, com relação a esses temas, alguns aspectos.

Em primeiro lugar, cabe apontar como os enunciados analisados contribuem para que os sujeitos que se identificam como homens conceituem de novas maneiras suas experiências afetivas, promovendo dinâmicas nas quais a posição de dominância masculina sobre as mulheres é deslocada. Mesmo que a monogamia heterossexual continue a figurar como um modelo idealizado nessas narrativas, são observados questionamentos quanto à manutenção da “honra masculina”, tradicionalmente tida como uma característica fundamental nos processos de interpelação vivenciados por homens.

Para compreender esse atributo e sua centralidade na constituição de masculinidades androcêntricas, mostram-se úteis as considerações de Valeska Zanello (2018) quanto ao que ela denomina de “dispositivo da eficácia”. A exemplo de outros conceitos empregados nesta pesquisa, trata-se de uma concepção que tem por base, como afirma a autora, as teorias foucaultianas. Os dispositivos podem ser entendidos como conjuntos de mecanismos variados (institucionais, físicos e administrativos) que, a partir das relações de poder e de saber de determinado momento histórico, atuam de modo a construir conhecimentos e subjetividades, disciplinando os sujeitos e regulando suas práticas. Por conseguinte, as tecnologias de gênero, ao produzir diferenças binárias entre os indivíduos, configuram-se como elementos integrantes das redes de dispositivos, contribuindo para o processo de disciplinamento dos corpos (ZANELLO, 2018).

Sob essa perspectiva, o dispositivo da eficácia se constitui, contemporaneamente, como um mecanismo dominante na fabricação de masculinidades em nossa sociedade, fundamentando-se em pilares identitários específicos, a saber: ideais de embranquecimento; a heterossexualidade como norma (cuja historicidade foi evidenciada no capítulo anterior); a identificação com valores burgueses; e, ainda, demonstrações de dominação, que se estendem tanto às

mulheres quanto a outros homens. São valores pautados em referenciais impostos pela colonização europeia aqui sofrida, expressos por meio das virilidades sexual e laborativa (ZANELLO, 2018).

Por “virilidade”, a pesquisadora visa se referir a um conjunto de valores e de comportamentos designados como ideais, de modo a conferir, aos homens que os apresentam, um status de perfeição. Vale dizer que, em consonância com os demais pressupostos teóricos aqui utilizados, é apontado por Zanello (2018) que esses atributos não se mantêm estáticos, mas se modificam historicamente, de acordo com as práticas culturais vigentes, sendo mais apropriado, portanto, falar de “virilidades”, no plural. No que tange às concepções de virilidades sexual e laborativa, então, algumas indicações se fazem pertinentes, sendo importante ressaltar, de início, sua relação com transformações sociais e políticas significativas ocorridas a partir do século XVIII.

A virilidade laborativa, como sugere seu nome, diz respeito à centralidade e valorização do trabalho remunerado, no âmbito público, para o reconhecimento social de um homem, um processo decorrente do avanço do sistema capitalista de produção (associado à revolução industrial em curso, no período mencionado, no continente europeu). Já a virilidade sexual, por sua vez, relaciona-se à difusão da concepção de dimorfismo sexual no século XIX, que provocou uma ruptura com a maneira como as diferenças anatômicas e fisiológicas entre homens e mulheres eram percebidas. Para explicar esse fenômeno, Zanello (2018) recorre às investigações do historiador estadunidense Thomas Laqueur (2001), explicando que, até então, tais diferenças eram enxergadas em termos de graus de perfeição, ou de “realização completa” do ser humano, expressos por meio de uma hierarquia fundamentada nos órgãos reprodutivos e baseada no padrão masculino.

Logo, acreditava-se que tanto homens quanto mulheres possuiriam pênis e testículos, sendo que a distinção entre esses sujeitos se resumiria ao fato de que, nos homens, esses órgãos seriam externalizados. A partir do dimorfismo sexual, passou-se a compreender que suas anatomias seriam fundamentalmente diferentes, sendo essa nova concepção utilizada para conferir um caráter supostamente natural às posições sociais desiguais que os indivíduos desses grupos ocupavam, tendo por base as características binárias de gênero que lhes foram atribuídas. Dentre essas características, salienta-se a perspectiva de que a atividade sexual masculina se

configuraria como uma necessidade fisiológica irrefutável, ou seja: como um “instinto”, controlável apenas em certa medida. Nesse sentido, o dispositivo da eficácia age de modo a interpelar os homens para que comprovem, o tempo todo, sua potência sexual (ZANELLO, 2018).

Tendo em vista o recorte proposto para o desenvolvimento desta dissertação, o dispositivo da eficácia será explorado sobretudo a partir de sua relação com a virilidade sexual, sendo a potência sexual, enquanto propriedade integrante desse conjunto de qualidades, discutida com maiores detalhes no item subsequente do trabalho. Cabe explicitar, contudo, que as virilidades sexual e laborativa são concebidas como construções estritamente relacionadas. Ambas são socialmente validadas através da quantidade, isto é: “quanto mais, mais *macho*” como enuncia Zanello (2018, p. 232, *grifo da autora*), acrescentando ainda que “um ‘verdadeiro’ homem seria assim um ‘comedor’ e um produtor/trabalhador/provedor”.

Ao discorrer sobre a virilidade sexual, a psicóloga esclarece que a “honra”, enquanto valor, não pode ser dissociada dos processos distintos de interpelação aos quais homens e mulheres estão sujeitos. Desse modo, é instituída uma relação direta entre a percepção social que se tem de um homem (sua legitimação enquanto uma pessoa “honrada”) e os comportamentos das mulheres com quem ele se relaciona, sendo dever delas se portar de modo “virtuoso”, ou, em outros termos, demonstrando-lhe obediência. Soma-se a essa obrigação o imperativo de comportar-se de maneira recatada, sendo a “virtuosidade” feminina (oposta, em uma visão essencialista, à avidez sexual implacável, tida como intrínseca à masculinidade) afirmada pela fidelidade absoluta com relação a seus parceiros. Torna-se possível afirmar, então, que sob pressupostos normativos de gênero a traição é concebida como um ato de motivações e implicações diferentes para homens e mulheres, sendo socialmente justificada para eles, ao passo que para elas, seria um comportamento indicativo da subversão de sua “pureza” (ZANELLO, 2018).

Como indicado previamente, no entanto, o que se nota nos enunciados de alguns capítulos do *e-book* é um processo de interpelação no qual novas dinâmicas de relacionamento, ao menos no que tange ao pressuposto da “honra masculina”, são encorajadas. Para exemplificar, o capítulo *Fui Traído* é iniciado com a afirmação de Luciano Andolini (2017, p. 25) de que “a linha que define a traição não é muito clara”, sendo refutadas explicações simplistas para essa situação:



No que diz respeito aos motivos, mil outras necessidades (que não são obrigação do parceiro em suprir) acabam aparecendo na frente da relação. Não, não estou falando de falhas de caráter (que, se for olhar por essa ótica, todos temos, já que ninguém passa a vida incólume de tomar atitudes das quais se arrependa depois), mas de crises de autoestima, inseguranças, tédio e até vontades justas, completamente normais, como a de sentir conexão humana (ANDOLINI, 2017, p. 28).

Sob esse entendimento, algumas prescrições e possibilidades são levantadas. Destaca-se, primeiramente, a indicação para que, face a esse cenário, os homens não fundamentem suas ações nos “padrões usuais de ressentimento, histeria e vingança”. Ressaltando as implicações legais de práticas como o compartilhamento de vídeos ou imagens íntimas, além da violência física, Andolini (2017) traz a orientação de que os homens busquem lidar com essa circunstância de forma calma, conversando com suas parceiras. A despeito de uma possível “sensação de humilhação pública”, fruto, na visão do autor, de práticas culturais que buscam inculcar nesses sujeitos “um receio de se ver exposto em uma falha em seu (suposto) papel de homem, de satisfazer e dominar plenamente uma mulher”, ele enfatiza: “é útil respirar fundo, evitar agressões desnecessárias e criar um clima favorável ao mínimo de diálogo” (ANDOLINI, 2017, p. 30).

Efetivamente, ainda que se trate de uma experiência dificultosa, a traição, a seu ver, não implica necessariamente o fim da relação. É possível, esclarece Andolini (2017, p. 29), que o casal se utilize dela “como escada para o crescimento mútuo”, ampliando a compreensão existente sobre suas dinâmicas. Por outro lado, acrescenta, esse evento também pode indicar um distanciamento entre os cônjuges difícil de ser superado. Em casos assim, o término da relação seria, de fato, a melhor escolha. Apesar do caráter ambíguo da afirmação apresentada ao final do parágrafo anterior, que permite questionar se existiriam situações nas quais algum tipo de agressão se faria necessário, é frisado que os homens não devem tentar exercer controle sobre suas parceiras, reconhecendo a complexidade do momento vivido. Vale destacar, de maneira específica, o seguinte trecho da “crise”:

Ainda que haja um imperativo, um discurso popular que diz que homem não deve levar desaforo pra casa e “jamais tem que aceitar ser corno”, um pouco de lucidez cai bem aqui. Como já falamos, as coisas não são preto no branco (ANDOLINI, 2017, p. 29).

Juntamente com os outros enunciados do mesmo capítulo ressaltados, tal afirmação se mostra relevante não apenas em função dos argumentos de Zanello (2018), mas tendo em vista, ainda, o fato de que a “honra masculina”, em nosso país, já se tratou de um bem jurídico protegido por lei, suscitando disputas quanto à sua validade que remontam ao período do Brasil Colonial e perduram até hoje. De fato, é pertinente destacar que apenas em março de 2021 a tese da “legítima defesa da honra” foi definida como inconstitucional pelo Supremo Tribunal Federal (STF), invalidando a utilização dessa justificativa pelas defesas de homens acusados de feminicídio ou agressões contra suas parceiras (AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIAS, 2021).

A perspectiva de atribuir maior profundidade à maneira como relacionamentos românticos são interpretados, conferindo novas posições de sujeito aos homens, também é observada em outros discursos do livro. Para exemplificar, na “crise” *Estou me divorciando*, também assinada por Andolini (2017), quando levantada a hipótese de um homem casado desejar manter seu relacionamento, sendo essa uma vontade não correspondida pela outra parte, é frisado ser “essencial respeitar o desejo do outro de partir, sob o risco de piorar ainda mais algo que já é complicado” (ANDOLINI, 2017, p. 192). Já no capítulo *Não consigo esquecer minha (ou meu) ex*, o mesmo autor declara: “seguir é também liberar o outro para seguir, parar de perturbá-lo, impedi-lo, controlá-lo” (ANDOLINI, 2017, p. 202).

Ao afirmar para os homens que seus desejos, no âmbito dos relacionamentos afetivos, não devem ser interpretados como inquestionáveis, o *e-book* pode ser entendido como uma tecnologia de gênero cujas representações colocam em xeque os sentidos que dão forma ao dispositivo da eficácia, conforme as definições de Valeska Zanello (2018), e, assim, conferem destaque a formas de relacionamento distintas daquelas associadas a uma identidade masculina androcêntrica. É relevante, a propósito, o deslocamento percebido com relação a outras narrativas apresentadas pelo *PapodeHomem*, como no caso da publicação “*Amigo*” *fura-olho*, de 2007, citada no segundo capítulo desta pesquisa, na qual o autor Dr. Love interpela seus supostos leitores a demonstrarem “mando” frente a suas namoradas, para que, na presença de outros homens, elas não deixem dúvidas sobre já terem um “dono”.

Retornando às narrativas do *e-book*, também as demonstrações de potência sexual, inerentes ao dispositivo da eficácia, são, ao menos em alguns dos enunciados,

alvos de questionamentos. Na “crise” *Tenho medo de dar em cima de alguém*, por exemplo, Luciano Andolini (2017) menciona contextos diversos, tais como reuniões de família e encontros com amigos, além de representações de cinema e televisão, nas quais a seguinte mensagem – “nem sempre sutil”, em seus termos – é compartilhada: “Conquiste. Cace. Traga a sua presa pra casa” (ANDOLINI, 2017, p. 117). Em sua concepção, são inúmeras as pressões sofridas por um homem para se comportar como um “predador”, sendo essas dinâmicas que podem lhe causar sentimentos como “timidez, medo, pressão, ansiedade de performance” (ANDOLINI, 2017, p. 118). De maneira categórica, ele afirma: “é estranho que isso precise ser dito, mas ninguém precisa pegar ninguém” (ANDOLINI, 2017, p. 119). A partir dessa compreensão, é reforçada a construção de uma identidade masculina que tem como pressuposto o respeito aos desejos e afetos de outras “pessoas”<sup>39</sup>:

(...) não há como saber, de antemão se a conversa vai fluir, se vai haver encaixe, se vocês vão se beijar e vai funcionar.

A pessoa pode simplesmente não gostar de você pelos motivos mais banais imaginados. E tudo bem (ANDOLINI, 2017, p 120).

Cabe destacar que narrativas similares são notadas no próprio PdH, como na publicação *Como podemos nos comunicar (e paquerar) melhor*<sup>40</sup>. Escrito pela gestora ambiental Giovana Camargo, o texto data de 2015 e é sugerido ao final do capítulo *Tenho medo de dar em cima de alguém*, devido às dicas para “situações de paquera” apresentadas, indicadas aos homens para “chegar de maneira mais efetiva sem ser invasivo” (ANDOLINI, 2017, p. 122). Posicionando-se contrariamente à perspectiva de “homem-caçador e mulher-caça”, Camargo (2015) chama a atenção para situações de assédio vivenciadas por mulheres em múltiplas situações, salientando a importância de uma comunicação entre homens e mulheres baseada na “observação

---

<sup>39</sup> Vale dizer que os enunciados da “crise” em questão, em consonância com as análises apresentadas no capítulo anterior, mostram-se inconsistentes com relação à linguagem utilizada para designar o/a parceiro/a de um homem. Embora o termo “pessoa” seja por vezes empregado nesse sentido, é frequente a presunção de interações românticas e/ou sexuais entre um homem e uma mulher como na seguinte afirmação: “na escola, quando nossos primeiros interesses afetivos aparecem, essa dinâmica entre os meninos toma a forma de empurrões pra cima das meninas” (ANDOLINI, 2017, p. 118).

<sup>40</sup> Disponível em: <https://papodehomem.com.br/percursos/admiravel-xaveco-novo/como-podemos-nos-comunicar-e-paquerar-melhor>

dos sinais” compartilhados por elas, como uma forma de estabelecer diálogos “empáticos” e “honestos”.

Contudo, ainda que os enunciados da publicação mencionada se mostrem relevantes quando contextualizados em uma trajetória mais ampla do portal, sobretudo em comparação com os discursos que antecederam o compartilhamento do texto *Somos assim tão pretensiosos?*, em 2011, por Guilherme Valadares, há limitações que devem ser consideradas. Como explicado anteriormente, embora representações de masculinidades e de feminilidades mais variadas, dissonantes em alguma medida de pressupostos restritivos de gênero, tenham paulatinamente passado a figurar nos posts do site, tais mudanças não implicaram o desaparecimento completo de discursos alinhados a essas mesmas prescrições no PdH.

Tal fato pode ser percebido na própria publicação *Como podemos nos comunicar (e paquerar) melhor*. Apesar de dar início ao texto criticando estereótipos de gênero, Giovana Camargo (2015) se baseia em uma concepção essencialista das categorias “homem” e “mulher”, algo perceptível por meio de frases como “vou te contar um pouco do que nós, mulheres, curtimos ou abominamos em determinadas situações de xaveco” ou, ainda, “se tem uma coisa que nós mulheres fazemos bem é compartilhar nossos sentimentos”. Há, nessas afirmações, a pressuposição de uma identidade feminina universal, que desconsidera os múltiplos processos de subjetivação através dos quais os indivíduos se constituem como homens e mulheres, como indicado por Teresa de Lauretis (1994). Ademais, vale apontar que a publicação integra um dos “percursos” do site, denominado *Admirável Xaveco Novo*<sup>41</sup>, criado a partir de uma parceria comercial firmada entre o PdH e a marca de cosméticos e perfumes O Boticário, sendo ofertados, ao final do texto, produtos da empresa para que os homens aumentem suas chances de “se destacar entre as mulheres”.

Retomando os discursos apresentados no *e-book*, outro elemento constante nas narrativas dos capítulos *Fui traído*, *Traí minha parceira e me sinto culpado*, *Tenho medo de dar em cima de alguém*, *Me divorciei* e *Não consigo esquecer minha (ou meu) ex*, mais diretamente relacionados à temática de relacionamentos românticos, é a negociação com relação à expressão de sentimentos por parte daqueles que se identificam como homens.

---

<sup>41</sup> Disponível em: <https://papodehomem.com.br/percursos/admiravel-xaveco-novo/>.

Como mencionado no capítulo anterior, esse é um aspecto problematizado por bell hooks (2004), que ressalta como, em um regime binário de gênero, os homens costumam ser incentivados a se distanciarem de seus sentimentos, sobretudo aqueles que poderiam denotar algum tipo de vulnerabilidade, aprendendo, desde pequenos, a se conformarem a essa normativa. A esse respeito, é possível estabelecer um diálogo com as formulações de Valeska Zanello (2018) quanto ao dispositivo da eficácia, uma vez que a pesquisadora brasileira, em suas discussões sobre os valores e as práticas que dão forma à virilidade sexual, apresenta a concepção de “impenetrabilidade”, que pode ser compreendida de duas formas.

A primeira delas se trata de um entendimento literal, referindo-se diretamente aos comportamentos sexuais a serem apresentados por um homem, que deveriam incluir a interdição do prazer anal para esse sujeito; já a segunda compreensão possui um sentido metafórico e é definida como “uma interpelação para o embrutecimento afetivo” (ZANELLO, 2018, p. 255), relacionando-se ao controle que esses indivíduos deveriam demonstrar sobre suas ações e emoções, sendo a livre expressão de sentimentos associada à feminilidade e, portanto, também interdita para a masculinidade.

As afirmações das autoras conferem relevância a alguns dos discursos identificados nas “crises” analisadas, uma vez que é legitimada, em distintos momentos, a dificuldade de homens em lidarem com as questões tratadas. O momento em que se descobre uma traição, por exemplo, é assim descrito:

Quando você percebe que a pessoa com quem construiu uma relação cruza essa barreira, o peito aperta, a boca seca, as pupilas dilatam, falta o ar, mil memórias vêm à cabeça, você sente que perdeu tempo, que foi enganado. A dor costuma ser grande (ANDOLINI, 2017, p. 25).

De modo similar, no capítulo *Não consigo esquecer minha (ou meu) ex*, Andolini (2017, p. 200) discorre sobre o “limbo emocional” vivenciado após uma situação de término, caracterizada como uma “bomba de sofrimento” em potencial. Já na “crise” *Estou me divorciando*, assinada pelo mesmo autor, a “autocompaixão” é ressaltada como uma das estratégias a serem adotadas pelos homens para que essa situação seja atravessada de forma saudável, reconhecendo os sentimentos que compõem o “turbilhão emocional” vivenciado, tais como culpa e ressentimento, além de uma

sensação de fracasso frente à relação terminada. Ainda nesse capítulo, o contato com amigos é destacado como uma forma de “alento”, “segurança” e “acolhimento” ao longo do processo de separação (ANDOLINI, 2017, p. 195).

São notáveis, por conseguinte, representações que não apenas se distanciam do valor pejorativo usualmente associado à exibição de características consideradas femininas (dentre as quais estão incluídas demonstrações de “fragilidade”) por parte de homens, mas que também descentralizam expressões de dominação e de controle (tanto com relação a si mesmo quanto com relação a outros indivíduos) como referenciais indispensáveis para a formação de identidades masculinas, tal qual frisado por hooks (2004), Seffner (2016) e Zanello (2018). Também extraído da “crise” *Estou me divorciando*, o trecho a seguir ajuda a situar esse tensionamento:

Talvez seja interessante viver esse período de luto, como já você já deve ter vivenciado inúmeros outros, em suas relações anteriores. Respeitar sua dor, distanciar-se um pouco para recobrar a calma e, então, lidar com as etapas burocráticas sem entrar na frente, sem tentar obstruir (ANDOLINI, 2017, p. 195).

Tendo em vista a “metodologia do olhar” proposta por Teresa de Lauretis (1994), entretanto, também convém chamar a atenção para potenciais limites dessas interpelações. De fato, a própria concepção da obra analisada como uma tecnologia de gênero oportuniza reflexões nesse sentido, uma vez que, conforme a pesquisadora italiana, as representações de gênero exercem efeitos distintos sobre os indivíduos, sendo necessário atentar-se à maneira como os sujeitos interpretam esses discursos e se relacionam com eles, comprometendo-se com posições identitárias específicas.

Lauretis (1994) utiliza o termo “investimentos” para se referir a esse processo, explicando, com base nas proposições da feminista britânica Wendy Hollway (1988), que ele se relaciona às possíveis vantagens e recompensas (ou, em outros termos, ao “poder relativo”) oferecidas pelas múltiplas representações de gênero existentes em um mesmo período histórico. Embora esta pesquisa não se configure como um estudo de recepção, cabe indagar, de maneira a salientar a constituição diferenciada das masculinidades, quem são os homens que se sentiriam mais interpelados a realizar investimentos em posições de sujeito fundamentadas na validação de emoções com frequência rechaçadas entre seus pares. Para ilustrar algumas perspectivas quanto a essa provocação, podem ser utilizados, mais uma vez, os

estudos de hooks (2004) e de Zanello (2018), desta vez em diálogo com as investigações da antropóloga Miriam Pillar Grossi (2004) e da socióloga Juliana do Prado (2015), ambas brasileiras.

Sendo os sistemas de raça e classe tão centrais nas discussões de hooks (2004) quanto o próprio gênero, é esclarecido por ela que, ainda que a violência seja um elemento chave na criação de uma identidade masculina idealizada, esse recurso não apresenta o mesmo valor para todos os homens. Considerando a influência de diferentes marcadores identitários sobre as experiências dos indivíduos, a autora acrescenta que homens negros, em comparação com homens brancos, costumam se engajar mais em atos de violência, enxergando-os como uma forma de ter sua identidade masculina ratificada. Tal concepção é vinculada por ela às possibilidades de exercício de poder e ascensão social limitadas desses sujeitos, majoritariamente pertencentes às classes trabalhadoras e historicamente alvos de processos de discriminação.

Comentários similares são feitos por Zanello (2018), que indica os investimentos feitos por esses mesmos indivíduos em uma hipersexualidade ativa, cristalizados na figura pejorativa do “negão”, difundida no senso comum brasileiro e indicativa da fetichização sofrida por eles. Para explicar esse fenômeno, a autora retoma os pilares identitários específicos sobre os quais o dispositivo da eficácia se assenta (a branquitude, privilégios burgueses e a heterossexualidade), indicando que idealizações de masculinidades não se constroem da mesma forma para todos os homens. Diante da impossibilidade de acesso a um desses atributos (como no caso de homens negros, com suas oportunidades de mobilidade social e econômica habitualmente restritas), tende a ser observado o hiperinvestimento em outros dos pilares listados, tendo como finalidade a busca por aceitação e legitimidade entre seus semelhantes, bem como entre as mulheres. Vale dizer que Zanello (2018) estende seus exemplos para os hiperinvestimentos na virilidade laborativa por parte de homens que mantêm relações homoeróticas, algo que se faz notar através da categorização e exploração de homens gays, pelo sistema capitalista, como um nicho lucrativo de consumo.

Tais considerações ajudam a contextualizar por que a compreensão do gênero como uma categoria restrita às diferenças sexuais acaba por limitar, em última instância, o próprio potencial de ação e investigação das críticas feministas, como

pontua Lauretis (1994) ao defender que os indivíduos sejam pensados de maneira mais abrangente, sendo reconhecida a heterogeneidade discursiva e material através da qual sua subjetividade é construída:

(...) um sujeito constituído no gênero, sem dúvida, mas não apenas pela diferença sexual; e sim por meio de códigos linguísticos e representações culturais; um sujeito “engendrado” não só na experiência de relações de sexo, mas também nas de raça e classe: um sujeito, portanto, múltiplo em vez de único, e contraditório em vez de simplesmente dividido (LAURETIS, 1994, p. 208).

Alinhada a esse entendimento, Miriam Pillar Grossi (2004) observa, contemporaneamente, a emergência de novas identidades masculinas, realçando os contextos nos quais se dá sua (re)produção. Assim, ela se refere ao “homem sensível”, um sujeito que se distinguiria de homens “tradicionais” por seu apreço às artes, pela utilização de espaços domésticos costumeiramente associados às mulheres, como a cozinha, e por não se constranger ao expressar os próprios sentimentos. É frisado por Grossi (2004) que essa categoria identitária se faz presente sobretudo entre indivíduos de camadas médias urbanas. Ela ressalta, ainda, que a despeito de certa “atualização” em seus comportamentos, esses indivíduos não deixariam de se pautar por uma hierarquia binária de gênero, algo notável, por exemplo, em suas tentativas de conferir ao ato de cozinhar um aspecto distintivo e mais “masculino”, afastando-se de traços de “feminilidade”, como por meio do emprego de ingredientes importados nas receitas preparadas.

No que tange à reflexão proposta, mostra-se pertinente o recorte identificado pela autora, que é indicativo não apenas dos homens que possivelmente investiriam em uma masculinidade dissociada da “impenetrabilidade” (em seu sentido emocional) e do “embrutecimento afetivo” apontados por Zanello (2018), mas, ainda, das condições necessárias para tanto. Nesse sentido, é significativo pontuar que os marcadores sociais listados por Grossi (2004) são constatados em enunciados do livro *As 25 maiores crises do homem (e como superá-las)*, tanto em capítulos que se encaixam no recorte estabelecido para este trabalho, como será discutido no próximo item, como em narrativas que extrapolam a seleção feita. A título de exemplo, é possível citar o capítulo *Não sei controlar minhas finanças*.



Redigido pelo consultor financeiro Eduardo Amuri (2017), o texto é baseado em um sujeito fictício, chamado Francisco, cujas características foram delimitadas com base em uma pesquisa<sup>42</sup> que, conforme o autor, teria sido realizada entre leitores do PdH, além de terem sido utilizadas, em sua construção, questões similares àquelas vivenciadas pelas pessoas atendidas por Amuri (2017). A partir dessas considerações, o personagem é apresentado:

Francisco tem 31 anos e mora em São Paulo, capital. Recém-saído de um relacionamento longo, agora está solteiro e divide apartamento com um amigo em um prédio antigo, porém confortável, perto da importadora onde trabalha como analista desde que saiu da faculdade já há alguns anos (AMURI, 2017, p. 56).

Os hábitos de Francisco incluem a aquisição de novas roupas todos os meses, a realização de “uma ou outra viagem” e a prática de exercícios em uma academia. Dispondo de uma renda mensal líquida de R\$ 4.500, além de jantar fora com frequência, ele também sai para se divertir todos os fins de semana. Nessas situações, ao invés de utilizar seu carro, recorre a aplicativos de transporte, sendo esses gastos contabilizados à parte do dinheiro gastos nos locais que frequenta. Compõem seu orçamento, ainda, despesas com assistência médica privada. O personagem é assim resumido pelo autor: “não é um cara de grandes luxos” (AMURI, 2017, p. 56).

Apesar dessa última observação, que sugere que o estilo descrito não apresentaria hábitos fora do padrão de vida de outros indivíduos, os comportamentos listados denotam condições financeiras privilegiadas, historicamente associadas, em nosso país, a um recorte racial branco (ZANELLO, 2018). As narrativas de Amuri (2017), aliás, dialogam com os discursos de Guilherme Valadares (2006) na publicação “Lifestyle Magazine: um novo conceito”, discutida no primeiro capítulo desta dissertação, uma vez que os enunciados de ambos os autores promovem, sem qualquer problematização, a idealização de masculinidades fundamentadas em hábitos de consumo acessíveis apenas a camadas sociais restritas.

---

<sup>42</sup> Com relação à pesquisa mencionada, resalto não ter encontrado, em minhas consultas ao acervo do *PapodeHomem*, qualquer referência a um questionário que tivesse como intuito delimitar características socioeconômicas de leitores do portal. Ao longo do processo de construção deste trabalho, tentei contato via e-mail com a equipe do PdH para verificar a possibilidade de acesso a esses dados, mas não obtive qualquer resposta.

A esse propósito, cabe, ainda, estabelecer um paralelo com a tese de doutorado de Juliana do Prado (2015). Intitulada *Dos consultórios sentimentais à rede: apoio emocional pelas mídias digitais*, a pesquisa foi realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) e versa sobre a utilização de mídias digitais por sujeitos que desejam lidar com demandas emocionais, especialmente aquelas ligadas às relações afetivo-sexuais.

Tendo o gênero como uma categoria norteadora de análise, e compreendendo a tecnologia como um “elemento constituinte de relações de sociabilidade” (PRADO, 2015, p. 191), cuja influência sobre as construções identitárias não deve ser ignorada, a autora busca se concentrar sobre as implicações subjetivas e sociais dessas mídias nas sociedades contemporâneas, levando em consideração os sentidos construídos tanto por elas, quanto pelos sujeitos que as utilizam. O *PapodeHomem* figura como uma das mídias escolhidas para o desenvolvimento dessa problemática, interessando à pesquisadora, de modo específico, os grupos *a Cabana* e *o Lugar*, desdobramentos do portal caracterizados como “comunidades”, definidas da seguinte forma:

A primeira delas trata-se de um grupo masculino fechado que promove atividades como interações online e encontros presenciais, cujo objetivo é auxiliar homens a avançarem em determinadas áreas da vida, que incluem relações com o corpo, sexualidade, trabalho e relações afetivas e a comunidade. O LUGAR incorpora a presença de mulheres no grupo que compunha a Cabana, com a finalidade de se constituir como um espaço online de partilha de emoções e proposta de práticas consideradas como ‘transformação pessoal’, como meditação, *taketina*<sup>43</sup>, dança de salão e artes marciais (PRADO, 2015, p. 21).

Conforme a autora, ainda que os objetivos formulados para cada um desses grupos fossem diferentes, não foram notadas diferenças no perfil dos homens que os integravam. Brancos, moradores de centros urbanos e heterossexuais, eles pertenciam majoritariamente às classes médias, com idades que variavam entre 21 e 34 anos, sendo portadores de diplomas de ensino superior ou, então, estudantes de universidades renomadas (públicas e particulares). Prado (2015) ressalta que os

---

<sup>43</sup> Conforme Juliana do Prado (2015, p. 21), “*taketina* é um método criado nos anos 1970 pelo músico austríaco Reinhard Flatischler para usar o ritmo desenvolvido através da musicalidade como ferramenta para trabalhar habilidades com o corpo e com a mente”.

discursos apresentados em ambas as comunidades dialogavam com esse recorte, que se mostra em consonância com os marcadores elencados por Amuri (2017) e contribui, desse modo, para um delineamento mais claro acerca dos sujeitos à margem dos regimes discursivos do *e-book* e do próprio *PapodeHomem*.

Retomando as discussões acerca das “crises” analisadas, o que se percebe, por conseguinte, é que os enunciados destacados, ainda que com representações heterocentradas, enfatizam a formulação de uma masculinidade na qual prescrições androcêntricas de gênero são deslocadas. Sob essa perspectiva, a identidade masculina formulada pelas narrativas apresentadas adquire relevância, uma vez que ela se distancia, ao menos parcialmente, dos comportamentos que dão forma à chamada “virilidade sexual” (ZANELLO, 2018), embora tal deslocamento não se dê sem potenciais limitações. Expandindo o olhar para as representações analisadas, o tópico a seguir apresentará a problematização de contradições presentes nos capítulos selecionados, sendo evidenciadas reiterações de pressupostos normativos de masculinidades nas prescrições de sexualidade do livro.

#### **4.2 “Leia com voz de pinto”: o dispositivo da eficácia associado ao “marketing na hora da paquera”**

Constituem o enfoque principal deste tópico as narrativas do *e-book* mais diretamente associadas às práticas sexuais. Os enunciados privilegiados são de autoria, em sua maioria, do psicólogo Frederico Mattos (2017), que assina os seguintes capítulos: *Sou virgem*; *Não tenho mais ereções (estou ficando brocha)*; *Tenho ejaculação precoce*; e *Tenho pinto pequeno*. Também será discutida a “crise” *Não sei fazer minha namorada gozar (ou: sou ruim de cama)*, redigida por Luciano Andolini (2017).

Continuará a ser acionada, nas análises feitas, a concepção do dispositivo da eficácia de Valeska Zanello (2018), que ajuda a problematizar as concepções acerca da sexualidade que dão forma aos regimes discursivos observados. Dentre essas concepções, destaca-se, de início, a pressuposição de uma forma “correta” ou “verdadeira” de sexo, implicando a classificação de atos sexuais conforme uma lógica binária. Nesse sentido, vale destacar o emprego da expressão “sexo britadeira”,

utilizada pejorativamente tanto por Andolini (2017) quanto por Mattos (2017) em referência a comportamentos sexuais tidos como problemáticos.

No que tange aos comportamentos assim categorizados, tal expressão é associada sobretudo às representações de masculinidades presentes em obras pornográficas, que indubitavelmente reiterariam prescrições normativas de gênero, tratando-se, conforme Mattos (2017, p. 94), de uma fonte de “frustração” e de “dependência” para os homens. Esse entendimento é reforçado em diferentes narrativas. O capítulo *Sou virgem*, por exemplo, traz o “alerta” de que “pornografia é uma coisa, sexo é outra totalmente diferente” (MATTOS, 2017, p. 194); já na “crise” *Tenho ejaculação precoce*, é afirmado que os filmes pornô são “quase sempre mecanizados” (MATTOS, 2017, p. 115), não correspondendo ao sexo “real”. Mesmo em discursos do livro que excedem o escopo desta dissertação, como é o caso do capítulo *Não consigo largar o vício (em álcool, games, pornografia...)*, assinado por Luciano Andolini (2017), é constatada uma compreensão essencialmente negativa da indústria pornográfica.

Levando em consideração a inserção desta pesquisa no campo de estudos das masculinidades, faz-se importante salientar que considerações críticas a respeito das representações de gênero postas em circulação em obras pornográficas podem ser encontradas nos estudos de bell hooks (2004), Fernando Seffner (2016) e Miriam Pillar Grossi (2004), que ressaltam ser usual, nessas representações, o estímulo a um olhar masculino reducionista, através do qual é promovida a dominação dos homens sobre as mulheres, posicionando-as unicamente como objetos de seu desejo.

Considerando os objetivos propostos para este trabalho, tais críticas à indústria pornográfica não serão aprofundadas, cabendo reforçar, antes, a compreensão do gênero e da sexualidade como construções resultantes de práticas situadas, sendo esse um entendimento oposto às perspectivas essencialistas identificadas no *e-book*. Especialmente com relação à sexualidade, mostram-se pertinentes as proposições de Michel Foucault (1988). Opondo-se àquilo que denominou de “hipótese repressiva do sexo”, o filósofo francês sugeriu que a sexualidade fosse concebida como o produto de discursos que há séculos circulavam sobre ela, enxergando-os não sob uma ótica repressiva, mas como *produtores* daquilo que enunciavam. Em suas investigações, portanto, ele se propôs a desvelar os regimes de “poder-saber-prazer” que sustentavam tais discursos, afirmando:

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 1988, p. 100).

O autor indica que uma das consequências do desenvolvimento desse dispositivo é justamente a construção e valorização do sexo como um segredo a ser desvendado. Sua formulação como um tema simultaneamente importante, perigoso e proibido constitui um elemento fundamental para a incitação das inúmeras narrativas que circulam a seu respeito, configurando uma “fábula indispensável à economia infinitamente proliferante do discurso sobre o sexo” (FOUCAULT, 1988, p. 36).

Com efeito, é constatado, nos enunciados do *e-book*, o compartilhamento de representações alinhadas ao regime discursivo problematizado por Foucault (1988). Isso se faz notar não apenas a partir dos discursos anteriormente apresentados, mas também por meio da seguinte afirmação de Frederico Mattos (2017, p. 112): “o desejo sexual, base de uma das maiores fixações e aflições masculinas, ainda é um grande desconhecido”. Sob a perspectiva do *space-off*, contudo, torna-se possível perceber a centralidade de sujeitos e práticas particulares nos enquadramentos privilegiados por Andolini (2017) e Mattos (2017).

Antes de discorrer sobre tais enquadramentos, vale salientar o uso constante, nas narrativas de ambos os autores, de substantivos e adjetivos de natureza abstrata para qualificar comportamentos associados ao sexo. Para exemplificar, no capítulo *Sou Virgem*, é apontado que “o ‘poder pessoal’ que gera a atração vem da vitalidade, do brilho, da energia que você manifesta”, sendo necessário, portanto, investir no “‘marketing’ na hora da paquera” (MATTOS, 2017, p. 96). Já na “crise” *Não tenho mais ereções (estou ficando brocha)*, o sexo é definido como uma interação para a qual não existem roteiros previamente definidos: “é uma jornada em que cada um começa com seu kit básico de sobrevivência, mas vai aprendendo a improvisar movimentos criativos à medida que as necessidades e oportunidades aparecem” (MATTOS, 2017, p. 106). De modo similar, o capítulo *Tenho ejaculação precoce* traz a seguinte afirmação: “o desejo é fluido, imprevisível, indomável. Quanto mais tentamos colocar sua trama sob controle, mais ele vai descompassar. O tesão, acima de tudo, é honesto” (MATTOS, 2017, p. 114).

É pertinente, ainda, chamar a atenção para os variados termos relacionados às experiências que os homens devem proporcionar a uma mulher por quem se sentem sexualmente atraídos. A título de exemplo, no capítulo *Tenho medo de dar em cima de alguém*, Andolini (2017, p. 121) indica que “a atração surge pela arte de criar boas experiências”, acrescentando que, para descobrirem o que isso quer dizer, é necessário que os homens pratiquem seu “poder de observação” e “sua habilidade em tornar isso real”. Ainda que tais enunciados, vistos isoladamente, mostrem-se vagos quanto a seus significados, sua análise conjunta possibilita a compreensão dos valores e atributos acionados para a construção de uma identidade masculina bem definida.

A respeito dessa identidade, são observadas, mais uma vez, contradições nas narrativas do livro. Nesse sentido, vale retomar as críticas apresentadas por Andolini (2017) e Mattos (2017) ao chamado “sexo britadeira” e às representações pornográficas, tidas como parte da cultura “falocêntrica” vigente em nossa sociedade, a partir da qual os homens seriam encorajados a se afirmarem por meio de uma “sexualidade viril e de transas intermináveis” (MATTOS, 2017, p. 106). Apesar de determinados deslocamentos nos discursos do *e-book* com relação aos atributos que compõem a virilidade sexual, discutidos no tópico anterior, em múltiplos enunciados essas mesmas qualidades são enfatizadas, reforçando a inserção da obra em um regime discursivo de gênero de caráter androcêntrico.

Os enunciados de Frederico Mattos (2017) nos capítulos *Tenho pinto pequeno e Não tenho mais ereções (estou ficando brocha)*, ao naturalizarem a potência sexual como um elemento fundamental para a constituição das masculinidades, oportunizam discussões nesse sentido. A primeira “crise” é iniciada com apontamentos quanto ao “peso simbólico” atribuído, tanto numa esfera individual quanto social, ao tamanho do pênis. Na concepção do autor, tal importância resulta em uma “cultura masculina focada na performance”, assim explicada:

O pênis grande é associado ao desejo, potência, vigor, capacidade de realização. Quando você imagina um homem maduro, completo, é possível que venha como parte do pacote a imagem de alguém bem dotado.

Por outro lado, o pinto pequeno é visto em representações infantis, emasculantes, é ingrediente pra comédia. Basta ver, muita gente tem vontade de rir, diminuindo quem elas sabem que possui um falo pequeno (MATTOS, 2017, p. 146).

De modo similar, na segunda “crise” mencionada, o psicólogo discorre, em um primeiro momento, sobre preocupações com o desempenho sexual e o medo da ejaculação precoce. Tais preocupações estariam ligadas ao “suposto ideal de homem garanhão” socialmente difundido, sendo esse ideal relacionado, por conseguinte, à dificuldade em apresentar uma ereção (MATTOS, 2017, p. 105).

Há, inicialmente, um diálogo entre esses discursos e os apontamentos de Zanello (2018) acerca das consequências da manutenção do dispositivo da eficácia. Para a pesquisadora brasileira, ainda que os sentidos atribuídos ao pênis ereto tenham se modificado substancialmente no decorrer da história ocidental, esse elemento se manteve, de forma constante, como “uma metáfora consistente e resistente do sinônimo de virilidade” (ZANELLO, 2018, p. 255), contribuindo para a consolidação, no século XX, de “uma visão atlética da sexualidade” (ZANELLO, 2018, p. 216). A seu ver, tal visão se faz expressar não apenas por meio da contínua “redução da experiência sexual e da subjetividade dos homens à norma anatômico-fisiológica da ereção” (ZANELLO, 2018, p. 265), mas também pelos processos de interpelação que, sob a hipótese de quaisquer “falhas” com relação ao ideal de “potência fálica” (cujos atributos incluem um pênis considerado grande) ao qual os homens deveriam corresponder, provocam constrangimentos a esses indivíduos.

Entretanto, não obstante o aparente alinhamento entre os discursos de Mattos (2017) e Zanello (2018), conforme o autor do *PapodeHomem* prossegue em suas narrativas, torna-se evidente sua filiação ao regime discursivo que havia inicialmente criticado. Embora aponte, a princípio, nos enunciados da “crise” *Tenho pinto pequeno*, que “não é verdade que apenas um pênis grande consegue dar prazer” (MATTOS, 2017, p. 149), ele destaca em seguida como os sujeitos que não correspondem à “fantasia latino-brasileira do homem quente e pintado” deveriam aprender a executar “manobras compensatórias”, sobretudo pela “situação desafiadora” que esses indivíduos estariam apresentando a suas parceiras. A propósito dessas colocações, vale relembrar a crítica de Teresa de Lauretis (1994) quanto à tradicional percepção da sexualidade enquanto um atributo exclusivamente masculino, a partir da qual são formulados pressupostos normativos e universalizantes, conforme destacado no segundo capítulo desta pesquisa.

Se em outras narrativas do livro, como nas de Danilo Gonçalves (2017), é observado um senso excessivo de individualismo, no capítulo aqui discutido a

capacidade de questionamento dos sujeitos frente às prescrições normativas de gênero é ignorada em sua totalidade, a despeito dos tensionamentos notados no decorrer da própria trajetória do *PapodeHomem*, como visto na publicação *Somos mesmo tão pretensiosos?* (2014). Referindo-se aos sentidos tradicionalmente atribuídos aos homens a partir do tamanho de seu pênis, Mattos (2017, p. 147) afirma que, “criadas na mesma sociedade, as mulheres incorporam esses valores em relação ao pinto” (MATTOS, 2017, p. 147). É necessário, em seu entendimento, que os homens saibam respeitar as “objeções” que elas terão caso o tamanho de seu pênis não corresponda a um desejo que se faria indubitavelmente presente:

Na prática, você terá que descobrir sua força para além do pênis, ajudar a parceira a não ter medo de um pinto pequeno. Existem garotas que conseguirão passar por cima disso e encarar outra proposta de sexo para além da rola grande e carnuda. E outras que acharão o desafio muito perturbador (MATTOS, 2017, p. 148).

Tal enunciado pode ser associado aos discursos presentes no capítulo *Não tenho mais ereções*, no qual são feitas críticas à “mentalidade brasileira” com relação ao sexo, considerada problemática por se pautar no que Mattos (2017) denomina de “coitocentrismo”, definido como a desconsideração pelo fato de que “penetrar a parceira não é o acontecimento principal, e o pinto não é a estrela exclusiva do show” (MATTOS, 2017, p. 106). Apesar da indicação de que os homens tendem a colocar uma “ênfase exagerada no pinto duro”, ignorando a possibilidade de obter prazer a partir de outras partes de seu corpo, a centralidade desse órgão, de maneira paradoxal, acaba sendo exaltada pelo autor. Com o suposto intuito de problematizar a preocupação “excessiva” dos homens com relação ao seu desempenho sexual, o seguinte diálogo imaginário é proposto:

(Leia com voz de pinto)

*“Ei. Amigo. Olhe para a garota, cara. Pare de imaginar e sinta a alegria, o toque, o cheiro e o gosto dela. Se você não sair da sua mente e se voltar ao corpo, eu é que caio fora. Vacilão. (MATTOS, 2017, p. 105, grifos do autor)”*

Os discursos destacados ajudam a perceber o livro *As 25 maiores crises do homem (e como superá-las)* como uma tecnologia de gênero cujas representações se



fundamentam, primariamente, nos próprios referenciais androcêntricos teoricamente rechaçados por seus autores. Para além do contexto privilegiado de representação das relações heterossexuais, a ansiedade de performance decorrente da formulação de identidades masculinas baseadas no ideal da virilidade sexual não é debatida em profundidade em qualquer momento, de modo que os capítulos do *e-book* com frequência se limitam a afirmações imprecisas, como esta: “ereção tem muito a ver com desejo, relaxamento, criatividade, presença, paixão e, por que não dizer, humildade” (MATTOS, 2017, p. 103).

Contradições similares também são percebidas na crise *Não sei fazer minha namorada gozar (ou: sou ruim de cama)*. O texto é iniciado com a indicação de que a equipe do *PapodeHomem* receberia uma grande quantidade de mensagens a respeito de tópicos ligados à performance sexual masculina, incluindo questões sobre “brochadas, ejaculação precoce, tamanho do pênis, mas principalmente sobre como transar bem” (ANDOLINI, 2017, p. 123).

Fazem-se comuns entre os homens, sob o ponto de vista de Andolini (2017, p. 123), comportamentos como “a competitividade masculina, o senso de posse, a fantasia de ser tão bom na cama quanto um ator pornô, as manias de grandeza”. Para o autor, tais atitudes contribuem para a romantização do sexo, tido por ele como algo “ótimo, mas trivial” (ANDOLINI, 2017, p. 124). Tal opinião é justificada pela concepção de que o desejo sexual, em sua forma “verdadeira”, diferiria indiscutivelmente dos “padrões fantasiosos” difundidos tanto para homens quanto para mulheres:

O sexo real é imperfeito, sujo, cheio de paradas, com brochadas, risadas, sons estranhos. Mas ao mesmo tempo é delicioso, pois é uma das formas mais profundas de carinho e intimidade entre duas pessoas (ANDOLINI, 2017, p. 124).

A partir desse entendimento, é sugerido aos leitores que almejem não apenas a sua satisfação sexual, mas também a das mulheres com quem se relacionam, posicionando-se como “parceiros” delas, isto é: como indivíduos que refutam serem reconhecidos como “o garanhão que satisfaz qualquer mulher”, guiando-se por uma “conquista egocêntrica, autocentrada” (ANDOLINI, 2017, p. 126). Tal perspectiva é estendida à discussão trazida acerca da “dificuldade” ou “incapacidade” das mulheres em atingir o orgasmo. Pensada unicamente no âmbito de relações heterossexuais,

trata-se de uma questão abordada de maneira limitada pelo autor, que a relaciona a motivações de ordem biológica, cultural ou pessoal, frisando que, independentemente dos fatores em questão, os homens devem aprender a oferecer a suas parceiras um “espaço confortável”, ouvindo-as e prestando atenção a seus sentimentos e necessidades, a fim de que ambos possam ter uma experiência sexual “positiva” (ANDOLINI, 2017, p. 126).

Embora se possa argumentar que tais discursos trazem questionamentos à extrema valorização da conquista sexual, comumente designada como uma das qualidades a serem apresentadas pelos sujeitos que se identificam como homens (hooks, 2004; SEFFNER, 2016; ZANELLO, 2018), cabe apontar que, à medida em que o capítulo é desenvolvido, torna-se perceptível a incitação ao exercício de uma sexualidade ativa, que pode ser remetida à concepção de “sexo britadeira” e é decorrente das mesmas prescrições essencialistas a princípio reprovadas por Andolini (2017).

A esse respeito, mostram-se úteis, novamente, as investigações de Valeska Zanello (2018), que, ao discorrer sobre a progressiva associação entre virilidade e desempenho sexual, salienta como a capacidade dos homens de provocarem orgasmos em suas parceiras gradualmente passou a ser considerada tão importante quanto o próprio prazer desses indivíduos, uma vez que comprovava o quanto eles eram “bons de cama” e, portanto, sexualmente potentes. Para as mulheres, acrescenta ela, essa normativa implicou um novo tipo de coerção, posto que aquelas “incapazes” de experimentar um orgasmo passaram a ser classificadas como “frígidas” (ZANELLO, 2018, p. 215). Retomando os enunciados do capítulo discutido, é possível relacionar as considerações de Zanello (2018) à menção de Andolini (2017, p. 126) a uma experiência sexual “positiva”, que pode ser contraposta à ideia de ser “ruim de cama”, expressa no próprio título da “crise”.

Efetivamente, apesar de ressaltar que um homem, em uma relação de “parceria”, deveria “deixar surgir, fluir, ficar confortável com o não-tesão do momento”, o autor apresenta, ao final do capítulo, uma lista com “dicas práticas para melhorar suas habilidades sexuais” (ANDOLINI, 2017, p. 127). Tal lista é composta por cinco textos que, a exemplo de outras indicações presentes no *e-book*, tratam-se de posts compartilhados no *PapodeHomem*. Quatro deles são assinados por uma autora

identificada como “Lasciva”<sup>44</sup>, a saber: *Fantasia sexuais: a foda começa na sua mente*<sup>45</sup>, publicado em 2012 e patrocinado pela marca de preservativos Prudence; *Manual da masturbação feminina*<sup>46</sup> (2013); *Guia do sexo oral em meninas*<sup>47</sup> (2012); e *Guia ilustrado do sexo anal*<sup>48</sup> (2013). Já o quinto post, intitulado *Guia do sexo virtual para homens*<sup>49</sup> (2016), é de autoria da jornalista e pesquisadora Gabriella Feola.

No que tange à indicação desses textos, cabem alguns comentários. Em primeiro lugar, a associação com uma empresa privada de grande porte, como a Prudence, reforça o caráter comercial do *PapodeHomem*, frequentemente apagado dos discursos difundidos quanto às motivações por trás da criação do portal e dos projetos dele derivados, como explicado nos capítulos anteriores desta pesquisa. Ademais, os títulos das publicações sugeridas, por meio da utilização de termos como “guia” e “manual”, ajudam a compreender a sexualidade como “uma atividade lúdica, inventada e reinventada todos os dias, com diferentes nomes e possibilidades”, como aponta Fernando Seffner (2016, p. 151).

A esse respeito, ainda que se verifique, em distintas narrativas do *e-book*, tentativas de atribuir sentidos fixos às práticas sexuais, a própria proposta de trazer “melhorias” a essas práticas já coloca em evidência o caráter cultural da sexualidade, como uma tecnologia sujeita a práticas de regulação variadas (FOUCAULT, 1988). Sob essa perspectiva, aliás, é possível indagar se os enunciados expostos não contribuiriam, ao menos em alguma medida, para “a pressão gigante de ser uma fonte de prazer” experimentada pelos homens, conforme descrito por Frederico Mattos (2017, p. 111) no capítulo *Tenho ejaculação precoce*. De fato, Valeska Zanello (2018), em seus estudos, refere-se à interpelação sofrida por esses sujeitos “não apenas para melhorar o que está ‘ruim’, mas para tornar ótimo, e cada vez melhor, o que já é bom” (ZANELLO, 2018, p. 216). Denominado por ela de “*enhancement*”, esse processo é apontado como mais uma das consequências da expansão das exigências da virilidade sexual para os homens.

---

<sup>44</sup> A autora possui um blog de mesmo nome, disponível para acesso em: <http://lasciva.blog.br/>.

<sup>45</sup> Disponível em: <https://papodehomem.com.br/fantasia-sexuais-a-foda-comeca-na-sua-mente>.

<sup>46</sup> Disponível em: <https://papodehomem.com.br/18-manual-da-masturbacao-feminina>.

<sup>47</sup> Disponível em: <https://papodehomem.com.br/18-guia-ilustrado-do-sexo-oral-em-meninas>. Vale chamar a atenção para as representações problemáticas de feminilidades apresentadas na publicação, associadas, como sugere seu título, a termos infantilizados, como “garota” e “pequena”.

<sup>48</sup> Disponível em: <https://papodehomem.com.br/guia-ilustrado-do-sexo-anal>.

<sup>49</sup> Disponível em: <https://papodehomem.com.br/guia-do-sexo-virtual-para-homens/>.

Finalmente, também merecem destaque as narrativas que compõem o capítulo *Sou virgem*, no qual Frederico Mattos (2017) inicialmente relata ter vivido, durante sua juventude, um extenso “período de seca”, referindo-se à quantidade de tempo que levou para começar a se relacionar com mulheres. Em suas palavras: “passei um longo tempo me debatendo com minhas virgindades” (MATTOS, 2017, p. 93). Em seguida, ele afirma considerar “perturbadora” a sensação de “ser o último da fila”, sem experiências sexuais para compartilhar com outros homens.

Embora breves, esses primeiros discursos da “crise” em questão já dão margem para alguns apontamentos quanto aos atributos acionados pelo livro na formulação de uma identidade masculina. É possível depreender, a partir deles, a valorização de uma vida sexual ativa como um elemento primordial para a felicidade dos homens, sendo esse um atributo chave na constituição de uma masculinidade androcêntrica (hooks, 2004; GROSSI, 2004; SEFFNER, 2016; ZANELLO, 2018). Além disso, é frisada por Zanello (2018) a importância da partilha das conquistas sexuais dos homens como uma forma de validação de sua virilidade entre seus semelhantes. Como explica a autora:

Não se trata apenas de penetrar a maior quantidade possível de mulheres, mas de partilhar estas performances entre os amigos, visando com isso ao reconhecimento dos pares (fraternidades masculinas) (ZANELLO, 2018, p. 188).

De fato, a inserção das narrativas de Mattos (2017) em um regime discursivo normativo se torna mais clara ao longo do capítulo. Vale destacar a reiteração de duas prescrições de gênero já problematizadas em outros momentos desta pesquisa: a marginalização de homens que se relacionam com outros homens, implicando sua invisibilização e conseqüente classificação como “desviantes”, e a reprovação a representações pornográficas, classificadas como “um retrato caricato da realidade” (MATTOS, 2017, p. 94).

Para além desses dois aspectos, contudo, convém salientar o caráter individualista dos enunciados apresentados. Além de encontrar correspondência em outros discursos do *e-book*, trata-se de um elemento que permite retomar as reflexões sobre a centralidade de outros marcadores identitários, para além do gênero, nas representações compartilhadas. Nesse sentido, cabe resgatar os apontamentos

apresentados ao final do tópico anterior com relação ao diálogo de determinadas narrativas do livro *As 25 maiores crises do homem (e como superá-las)* com um recorte de classe privilegiado, que também se faz notar na “crise” *Sou virgem*.

Apoiando-se na premissa de que “sexo é enredo e contexto”, bem como na ideia de que a sexualidade se relaciona ao estilo de vida de cada indivíduo, o psicólogo apresenta algumas “dicas” para o momento da primeira transa de um homem. Em sua concepção, para despertar o desejo de uma mulher, deixando-a “acesa”, é necessário que esse sujeito saiba trabalhar seu “poder pessoal”, de modo a manifestar “vitalidade”, “brilho” e “energia” (MATTOS, 2017, p. 95). A exemplo do que ocorre em discursos anteriormente mencionados, tais termos, inicialmente abstratos, passam a ser associados a experiências concretas em seguida, sendo encorajado que os homens demonstrem um caráter “ousado” em suas ações:

Portanto, deixe qualquer palidez de lado, pegue sua vida nas mãos e faça algo com ela. Comece buscando atividades que deixem você feliz e façam correr o sangue nas veias. Gosta de música? Matricule-se em alguma aula de violão ou canto. Gosta de escrever? Que tal um curso de escrita criativa? Que tal uma aula de dança? Ou, talvez, tentar comprar uma bicicleta e fazer umas trilhas no meio do mato. Considere sair do seu lugar comum, desafie-se (MATTOS, 2017, p. 95).

Para o autor, não se deve esperar “respostas mágicas” para os problemas enfrentados. É imprescindível que os homens se disponham a “encarar o desconhecido”, pois somente assim seriam capazes de enfrentar suas inseguranças e tornar-se atrativos para outras pessoas, podendo, dessa forma, ter experiências sexuais (MATTOS, 2017, p. 96).

São notáveis, por conseguinte, interpelações a um desenvolvimento pessoal cujo foco reside em experiências particulares, autocentradas. Esse é um elemento identificado também por Juliana do Prado (2015) em suas análises sobre os discursos compartilhados na comunidade *A Cabana*, sendo destacada por ela a relação entre esses enunciados e a conquista de mulheres como um fim a ser alcançado, objetivo também presente nos discursos de Frederico Mattos (2017). Ainda, a pesquisadora salienta que tais processos de interpelação, por meio de sua ênfase na ação, reforçam a atividade como uma característica essencialmente masculina, interpretação que pode ser associada com a indicação de Miriam Pillar Grossi (2014, p. 6) de que “uma

das principais definições da masculinidade na cultura ocidental para o gênero é que o masculino é ativo”, e estendida às prescrições de Mattos (2017).

Os enunciados destacados também oportunizam algumas inferências acerca do estilo de vida pressuposto pelo autor. Ao sugerir aos homens que o estiverem lendo que se matriculem em cursos de atividades variadas (ou mesmo que comprem uma bicicleta) levando em conta unicamente o prazer experimentado na execução de tais atividades, Mattos (2017) demonstra desconsiderar os fatores econômicos que determinam o acesso a essas possibilidades de aprendizado e consumo. Com efeito, mesmo processos como uma mudança de casa são tratados tão somente sob uma ótica individual, sem qualquer menção aos recursos monetários necessários para realizá-los. Assim, é acrescentado, ainda com relação aos investimentos necessários para que um homem se torne sexualmente atraente: “em especial vale pensar, se você ainda mora com seus pais, em morar sozinho ou dividir um lugar com um amigo” (MATTOS, 2017, p. 96).

Cabe ressaltar, a propósito, que ao comentar a relação entre “habilidades sexuais” e “operações mentais” (MATTOS, 2017, p. 101), o autor faz a indicação de uma publicação compartilhada em seu site, denominado *Sobre a Vida – Psicologia e Relacionamentos Amorosos*. Datado de 2013, o post, por sua vez, intitula-se *Personalidade rígida (obsessiva)*<sup>50</sup>, e traz a divulgação do workshop *Construindo Maturidade emocional*, ministrado pelo próprio Frederico Mattos e realizado em novembro daquele ano. Embora aberto a todas as pessoas que desejassem “conhecer mais sobre si mesmas”, o evento era pago, sendo necessário desembolsar R\$ 480,00 para participar dele.

Não obstante a indicação de que, para obter “uma bela trepada”, faz-se suficiente “desenvolver um coração simples e sonhos incríveis, sempre se dando uma segunda chance para cada tropeço” (MATTOS, 2017, p. 102), os discursos expostos dão margem para a observação de uma masculinidade assentada em marcadores identitários e comportamentos bem delimitados. Dissociados de qualquer problematização quanto a circunstâncias externas aos próprios sujeitos, torna-se possível remetê-los tanto à identidade masculina idealizada por Eduardo Amuri (2017) nas representações do capítulo *Não sei controlar minhas finanças*, por meio do

---

<sup>50</sup> Disponível em: <https://www.sobreavida.com.br/2013/08/13/obsessivo/>.

personagem Francisco, quanto à categoria do “homem sensível” proposta por Grossi (2004).

Por fim, também é observada a construção de uma corporalidade específica nas representações postas em circulação. Afirmando que “sexo é corpo relaxado e vivo”, Mattos (2017, p. 99) diz:

Prepare-se para isso, cuide de sua alimentação, durma com qualidade e faça algum exercício para ter fôlego, força e ritmo. Na hora, lembre que precisará ter força nos braços, pernas e abdômen para fazer os movimentos e sustentar posições, mesmo as mais básicas. Sem nenhum preparo aeróbico, perderá o fôlego na primeira chacoalhada e não conseguirá seguir em frente (MATTOS, 2017, p. 99).

Tais discursos merecem alguns comentários. São úteis, em primeiro lugar, os apontamentos de Stuart Hall (2016), para quem o corpo deve ser compreendido como “uma espécie de superfície na qual diferentes regimes de poder/conhecimento escrevem seus sentidos e efeitos” (HALL, 2016, p. 92). Consoante a essa perspectiva, Richard Miskolci (2006, p. 682) afirma que “o espaço de problematização das relações entre corpo e identidade é maior do que parece à primeira vista”, salientando que os processos de disciplinamento e normalização dos corpos encontram-se intrinsecamente relacionados à produção das subjetividades e, conseqüentemente, à forma como enxergamos tanto os outros indivíduos quanto nós mesmos.

Dito de outro modo, é necessário entender a corporalidade também sob uma perspectiva cultural e histórica, tendo em vista as múltiplas formações discursivas em voga em cada período, dentre as quais se encontram as prescrições de gênero. Vale dizer, sob esse entendimento, que investimentos sobre o corpo como parte fundamental da construção de masculinidades e de feminilidades são destacados por Fernando Seffner (2016), Miriam Pillar Grossi (2004) e Valeska Zanello (2018). De fato, cabe lembrar a indicação de Zanello (2018) quanto à proibição ao erotismo anal como uma das bases para a virilidade sexual, fato que pode ser relacionado à observação de Seffner (2016) de que, sob um viés essencialista, “a materialidade do gênero parece estar posta no corpo”, embora seja explicado pelo pesquisador que não se trata de entendê-lo como “um continente seguro, de onde podem derivar definições acabadas sobre o pertencimento do sujeito” (SEFFNER, 2016, p. 193).

Retornando à “crise” *Sou virgem*, o que se percebe é a valorização de uma corporalidade musculosa, forte, e ativa, características que, conforme Seffner (2016), costumam pautar representações de masculinidades normativas. Vale frisar, nesse sentido, a indicação de Miskolci (2006) de que a produção de uma masculinidade assentada em contornos físicos definidos denota, com frequência, a conformação dos homens a ideais de dominação e agressividade. Com efeito, essas mesmas características corporais são enaltecidas também no capítulo *Estou insatisfeito com meu corpo*, assinado pela educadora física Debora Navarro (2017). Embora não façam menção à sexualidade ou a relacionamentos românticos, os enunciados da autora, sobretudo quando associados aos de Mattos (2017), mostram-se relevantes para o delineamento da masculinidade a ser exercida a partir das representações discutidas, posto que ajudam a perceber a repetição de práticas e figuras particulares no decorrer do livro.

Apesar de recomendar aos homens que cultivem “expectativas realistas” com relação ao seu corpo, criticando o “ideal estético histórico” vigente em nossa sociedade, cuja base seriam exercícios e dietas restritivas, Navarro (2017, p. 228) exalta qualidades como “disposição”, “habilidades físicas” e “um corpo mais musculoso”, associando-as à beleza. A autora sugere, além disso, algumas publicações do PapodeHomem para os indivíduos que desejam apresentar esses atributos, a saber: *Malhando sem academia: como se exercitar em qualquer lugar*<sup>51</sup>; *Quer voltar a praticar esporte? 10 exercícios pra deixar o corpo ativo novamente*<sup>52</sup>; *Como acompanhar direito o seu desempenho em exercícios físicos: Um guia prático*<sup>53</sup>; e *Seis equipamentos para montar sua própria academia em casa*<sup>54</sup>.

Essas narrativas ajudam a contextualizar o “ethos ascético do culto contemporâneo ao corpo” ao qual Miskolci (2006) se refere de maneira crítica. Em seu entendimento, os parâmetros corporais idealizados operam, fundamentalmente, com base em uma dicotomia de inclusão e exclusão dos indivíduos, bem como em marcadores identitários particulares, dentre os quais se destacam ideais de juventude,

---

<sup>51</sup> Disponível em: <https://papodehomem.com.br/malhando-sem-academia-como-se-exercitar-em-qualquer-lugar/>

<sup>52</sup> Disponível em: <https://papodehomem.com.br/quer-voltar-a-praticar-esporte-10-exercicios-pra-deixar-o-corpo-ativo-novamente/>

<sup>53</sup> Disponível em: <https://papodehomem.com.br/como-acompanhar-direito-o-seu-desempenho-em-exercicios-fisicos-um-guia-pratico/>

<sup>54</sup> Disponível em: <https://papodehomem.com.br/seis-equipamentos-pra-montar-sua-propria-academia-em-casa>



masculinidade, poder aquisitivo elevado e, ainda, o status normativo de um recorte racial branco. Tais marcadores são, contudo, ocultados, de modo que as concepções de “belo” e “feio” se tornam atreladas unicamente à autodisciplina que os sujeitos são encorajados a demonstrar para se integrar aos estilos de vida dominantes. Nas palavras do pesquisador:

Diferenças de classe, raça/etnia, gênero e geração, historicamente criadas, tendem a ser percebidas como naturais, corporalmente visíveis, mas, por isso mesmo, modificáveis por técnicas de adequação corporal. É como se alguém pudesse deixar de ser pobre, “negro” ou feminino apenas por meio de técnicas, cosméticos, drogas e cirurgia (MISKOLCI, 2006, p.686).

Por esse motivo, são consideradas problemáticas as interpelações presentes em diferentes tecnologias sociais para que os sujeitos se conformem aos padrões corporais elegidos como norma, fazendo-se necessário, então, questionar esses padrões e as desigualdades sociais sobre as quais eles se apoiam (MISKOLCI, 2006).

Efetivamente, ao retomar os enunciados de Frederico Mattos (2017) e de Debora Navarro (2017), o que se percebe é a evocação de certos comportamentos e características unicamente a partir de uma perspectiva autocentrada, a exemplo do que ocorre em outras narrativas já citadas do *e-book*. Apesar da relevância de marcadores como sexualidade, classe e raça na constituição das subjetividades e no acesso dos sujeitos a privilégios relacionados à mobilidade social, como visto anteriormente, hábitos como uma boa alimentação, um sono de qualidade e a prática regular de exercícios são apresentados como possibilidades acessíveis a todos os homens, que, para conquistá-las, dependeriam apenas de sua própria disposição. Trata-se de um enquadramento que reforça o individualismo decorrente do “culto ao corpo” mencionado por Miskolci (2006), que, ao discorrer sobre a marginalização dos indivíduos destoantes dos padrões corporais idealizados, ressalta o status de “fracasso” que lhes é atribuído devido a sua inadequação.

Tal entendimento se faz notar nas próprias narrativas destacadas, uma vez que os atributos listados são indicados como mandatórios não apenas para a inclusão dos leitores dentre os homens considerados atraentes, mas, ainda, para a validação de sua potência sexual. Logo, torna-se evidente o favorecimento de uma identidade masculina particular, cuja subjetividade (em especial no que tange a suas

experiências sexuais) se torna limitada não apenas pelas reiterações da heteronorma, mas, ainda, pelo extenso conjunto de prescrições bem delimitadas às quais os sujeitos deveriam obedecer.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta dissertação, tive como objetivo analisar os pressupostos de gênero e sexualidade que balizam as representações de masculinidades apresentadas nas narrativas sobre relacionamentos românticos e sexuais do *e-book As 25 maiores crises do homem (e como superá-las)*, publicado em 2017 pelo site *PapodeHomem*.

Para tanto, busquei dialogar com autoras/es associadas/os às críticas feministas, compreendendo, conforme Benedito Medrado e Jorge Lyra (2008; 2018) e Pedro Paulo Oliveira (1998), que o campo de estudos das masculinidades não pode ser dissociado das reflexões sobre relações de gênero de modo mais amplo, que decorrem, por sua vez, desses movimentos. Nesse sentido, as análises feitas foram guiadas pela perspectiva de que embora as identidades masculinas possam ser caracterizadas de múltiplas formas, essas caracterizações se inscrevem em hierarquias bem definidas, pautadas por prescrições normativas.

Em alinhamento com a definição do gênero como uma tecnologia política, como proposto por Teresa de Lauretis (1994), tais prescrições foram, aqui, tratadas como androcêntricas. Como indicado na introdução do trabalho, já em leituras iniciais do *e-book* foi notada, em seus enunciados, a reiteração de atributos e valores associados a essas normativas. Tendo por base também as considerações de Stuart Hall (2016) sobre as práticas de representação e sua relevância para a constituição das subjetividades, as narrativas do livro foram consideradas profícuas para a proposição de questionamentos a concepções naturalizadas de gênero. Sob essa perspectiva, busquei não apenas identificar a frequente (re)produção de oposições binárias nos enunciados destacados, mas também problematizar as estruturas de poder que fundamentam essas oposições, engendrando assimetrias entre as masculinidades.

Desse modo, três objetivos específicos, complementares ao principal, foram estabelecidos. O primeiro deles consistia em apresentar, além do próprio *e-book*, o portal *PapodeHomem*, delineando aspectos dos regimes discursivos de ambos em termos das relações de gênero. Vale lembrar que esse objetivo se mostrou pertinente tanto pelo fato de o livro se tratar de uma coletânea de posts do site, quanto devido às recorrentes referências a outras publicações do PdH ao longo de toda a obra. Dessa maneira, foi apresentado, no segundo capítulo da pesquisa, um breve

panorama das representações de masculinidades compartilhadas no site no decorrer de sua primeira década. Tendo em vista o recorte de análise proposto com relação ao *e-book*, tive, como foco principal para a construção desse panorama, publicações que versavam sobre as temáticas de *sexo* e *sexualidade*, conforme classificação do próprio portal. Mostrou-se útil, para essa caracterização, a “metodologia do olhar” sugerida por Lauretis (1994), a partir da qual foi possível estabelecer relações entre os enquadramentos privilegiados nas narrativas selecionadas e o seu *space-off*, isto é: aquilo que ficava de fora desses enquadramentos, possibilitando tensionamentos com relação aos sujeitos e práticas em destaque.

No que tange às prescrições de gênero, foi possível perceber que as representações do portal se fundamentavam, inicialmente, na adoção de oposições binárias entre masculinidades e feminilidades como estratégia discursiva. Sobretudo entre os anos de 2006 e 2011, ganhou relevo a produção de uma figura masculina pautada por elementos androcêntricos, tais como: a valorização da heterossexualidade, acentuada pela inferiorização de relações homoafetivas entre homens; a incitação a conquistas sexuais; e, por fim, demonstrações de dominação, tanto sobre outros homens, quanto sobre suas parceiras. A classificação do PdH como uma mídia de estilo de vida, a partir de Marinês Ribeiro dos Santos (2017), contribuiu para ressaltar a potencial influência dos discursos compartilhados sobre o público leitor do portal, que, como apontado em diferentes momentos, excede a idealização masculina verificada em seu próprio título e é integrado também por mulheres. A esse respeito, é pertinente recordar os tensionamentos observados com relação ao *Blogueiras Feministas* em 2011, por meio de uma publicação que, em consonância com os fundamentos teóricos utilizados, colocou em evidência as masculinidades e as feminilidades como categorias contingentes, sempre atravessadas por disputas de sentidos.

Em relação a esse ponto, cabe, aqui, uma primeira indicação de possíveis desdobramentos desta pesquisa: estudos que tenham por objetivo contextualizar, em termos sócio-históricos, os cenários nos quais esses discursos circulavam. Sobretudo tendo em vista as mudanças notadas, em maior ou menor medida, nas narrativas do *PapodeHomem* a partir das críticas de Nessa Guedes (2011), é relevante questionar, por exemplo, quais fenômenos culturais podem ser associados às transformações sofridas pelo site ao longo de sua existência, dentre as quais chama a atenção o

abandono do mote de “*lifestyle magazine*” voltada para “homens sem frescura”, sob o qual o PdH foi lançado por Guilherme Valadares em 2006, e a autodescrição, nos dias de hoje, como “um espaço de formação e transformação para homens”. De fato, investigações nesse sentido poderiam contribuir para o aprofundamento de um elemento que foi aqui destacado repetidas vezes, embora não tenha sido explorado detalhadamente: as narrativas contraditórias com relação às motivações por trás do portal, nas quais questões de cunho econômico relacionadas à criação e manutenção do PdH e de seus projetos costumam ser obliteradas (ainda que figure em destaque, seja em publicações específicas ou em algumas seções do site, sua associação a empresas privadas).

Retornando ao panorama traçado, mesmo que as publicações compartilhadas após 2011 tenham se distanciado paulatinamente de representações binárias de gênero, sendo inclusive propostos por Valadares (2015, 2016) questionamentos quanto a definições restritivas de masculinidades, tais questionamentos, pensados sob as concepções de agenciamento e autorrepresentação de Fernando Seffner (2016) e Teresa de Lauretis (1994), foram considerados problemáticos devido a seu caráter autocentrado. Efetivamente, esse foi um aspecto de continuidade notado ao deslocar o olhar para as representações do *e-book*. Limitações similares foram percebidas, em primeiro lugar, a partir da definição de “crise” sobre a qual o livro se fundamenta. Já nos capítulos introdutórios da obra, ações individuais foram exaltadas como o principal meio de resolução para as situações debatidas e como uma suposta forma de desenvolvimento dos sujeitos, sem maiores considerações sobre os contextos sociais nos quais essas ações deveriam ser postas em prática. De fato, busquei indicar como a formulação de narrativas assentadas em pressupostos universalistas se mantém como uma constante ao longo das “crises” apresentadas, tendo por efeito paradoxal o reforço de desigualdades entre as masculinidades, mesmo quando essas disparidades são contestadas.

Essa foi uma constatação que ficou mais evidente à medida em que as representações do *e-book* foram situadas com relação a prescrições androcêntricas associadas aos relacionamentos românticos e sexuais, como indicado no segundo objetivo específico do trabalho. Considero que as análises propostas nesse sentido, distribuídas entre o terceiro e o quarto capítulo da pesquisa, contribuíram para o desenvolvimento de perspectivas críticas quanto à continuidade histórica de

conceituações excludentes de gênero e sexualidade, localizando o livro como parte de uma rede mais ampla de tecnologias através das quais essas normas passam a ser vistas como “naturais”.

As reflexões feitas tiveram como elemento inicial a problematização dos enquadramentos privilegiados com relação às experiências de homens heterossexuais nos discursos de Luciano Andolini (2017) e Frederico Mattos (2017). Embora relações homoafetivas não tenham sido abordadas sob um viés claramente pejorativo em qualquer momento (ao contrário do que se verificou em algumas narrativas do PdH, conforme o panorama elaborado no segundo capítulo), busquei demonstrar como os discursos do *e-book*, em última instância, são balizados pelo “regime de verdade da heterossexualidade” criticado por Richard Miskolci (2003, 2005), associado à fixação de diferenças binárias e à invisibilização de sujeitos dissidentes à heteronorma. Os diálogos com os estudos de Eve Sedgwick (2007) e Joice Berth (2020) permitiram problematizar a utilização da figura simbólica do “armário” nos capítulos redigidos por Danilo Gonçalves (2017), evidenciando a caracterização a-histórica da identidade heterossexual nesses enunciados, a partir da qual as representações de outras identidades sexuais se limitaram a concepções controversas de “respeito” e “empoderamento”. Ao ressaltar o caráter individualista dessas concepções, indiquei seu potencial limitado de ação por meio da apresentação de dados que salientam os efeitos concretos do regime de verdade da heterossexualidade em nosso país, sinalizando a recorrência de situações de preconceito e violência vividas pelos indivíduos tidos como “desviantes” dessa normativa.

Com base nesses apontamentos, foi possível estabelecer a heterossexualidade como um marcador que informa de maneira fundamental a masculinidade privilegiada pelas representações do *e-book*. Com o intuito de delinear em maiores detalhes essa identidade idealizada, dei início às análises dos demais capítulos selecionados.

Nesse processo, chamou a atenção, a partir das indicações de bell hooks (2004) e Valeska Zanello (2018), o deslocamento notado com relação às tradicionais interpelações para que os homens se comportem de modo violento e demonstrem domínio sobre suas emoções, de modo a terem sua masculinidade socialmente ratificada. Foi notável, em diferentes “crises”, a formulação de uma identidade

masculina cujo repertório emocional excedia essa prescrição, destacando-se pelo encorajamento a demonstrações de vulnerabilidade e pelos tensionamentos ao pressuposto da “honra masculina”, sobretudo ao serem debatidos términos de relacionamentos e situações de traição. Vale frisar, contudo, as possíveis limitações desses enunciados, que se encontram relacionadas, mais uma vez, à sua formulação essencialista.

As reflexões desenvolvidas a esse respeito estiveram relacionadas ao terceiro objetivo específico da pesquisa, que consistia em destacar quais outros marcadores sociais podiam ser observados nos enunciados do *e-book*. Assim, mostraram-se pertinentes, em primeiro lugar, os apontamentos de hooks (2004) e Zanello (2018) quanto à influência das clivagens de raça e classe sobre a construção das masculinidades. Postos em diálogo com as considerações de Miriam Pillar Grossi (2004) quanto ao “homem sensível” e com as discussões de Juliana do Prado (2015) sobre duas comunidades virtuais originadas do PdH, esses apontamentos ajudaram a perceber os investimentos diferenciados dos homens nos atributos socialmente idealizados, que são influenciados, dentre outros fatores, por suas condições materiais. A análise pontual de um capítulo do *e-book* que versa sobre questões financeiras permitiu contextualizar esses debates no próprio livro, evidenciando a centralidade de privilégios econômicos nessas narrativas que reverberam nos tensionamentos que haviam sido ressaltados e que se encontram relacionados à produção de uma masculinidade específica, que se constitui como normativa.

Efetivamente, a constituição dessa identidade se fez notar de maneira mais acentuada ao direcionar o olhar para os elementos em destaque nas “crises” voltadas a práticas sexuais, cujas representações, para além de sua filiação a um marco discursivo heterocentrado, distinguiram-se por seu caráter contraditório. Busquei demonstrar como esses enunciados reforçam uma forma específica de sexualidade, aqui associada ao “dispositivo da eficácia”, conforme Zanello (2018). Apesar das críticas de Frederico Mattos (2017) e Luciano Andolini (2017) ao chamado “sexo britadeira” – termo que designaria, segundo os autores, noções problemáticas de sexualidade, estritamente relacionadas a representações pornográficas e focadas unicamente no prazer dos homens, incitando-os constantemente a demonstrações de potência sexual –, em última instância foi constatado, em suas narrativas, a reiteração dessas concepções, reduzindo as experiências sexuais dos homens a um conjunto

bem delimitado de preceitos, que incluem a construção de uma corporalidade musculosa e ativa. Cabe recordar que essa mesma corporalidade, associada por Richard Miskolci (2006) a ideais normativos, é exaltada em outras narrativas do *e-book*, figurando como mais um dos elementos acionados na produção de uma masculinidade particular.

Tendo retomado o percurso desenvolvido ao longo desta dissertação, é possível afirmar que por meio de suas representações, o *e-book As 25 maiores crises do homem (e como superá-las)*, aqui discutido como uma tecnologia de gênero, contribui com a construção e afirmação de uma identidade masculina, privilegiada em seus enunciados, que é pautada pelos ideais de heterossexualidade e virilidade, assentada em normas naturalizadas de gênero e sexualidade. Logo, a centralidade dessa figura nos capítulos do livro é indicativa da manutenção de hierarquias historicamente construídas, marcadas pela subalternização de sujeitos e práticas particulares.

Antes de finalizar este trabalho, contudo, é pertinente lembrar que o gênero, como já apontado, é construído a todo tempo, mesmo por discursos que buscam desconstruí-lo (LAURETIS, 1994). Coloco esse apontamento em diálogo a afirmação de Fernando Seffner (2016, p. 174) de que “caracterizar – e mesmo definir – o que se entende por masculinidade não é tarefa que experimente unanimidade”, para salientar que as análises apresentadas, embora formuladas com o intento de tensionar prescrições androcêntricas, também se deram a partir de escolhas por enquadramentos específicos, sendo importante prestar atenção ao que compõe o *space-off* desta própria pesquisa.

Sob esse entendimento, chamo a atenção para a ausência de problematizações, nas reflexões feitas, quanto ao caráter cisnormativo<sup>55</sup> das narrativas destacadas. Esse é um elemento que poderia ser acrescentado, por exemplo, às discussões sobre corporalidade realizadas ao final do quarto capítulo,

---

<sup>55</sup> Este termo se relaciona ao conceito de *cisgeneridade*, categoria analítica empregada pelos movimentos transfeministas para questionar o padrão binário de correspondência entre características sexuais particulares e as categorias de “masculino” e “feminino”. Letícia Nascimento (2021) ressalta as hierarquias decorrentes desse padrão, também culturalmente construído e reforçado por aparatos discursivos variados, uma vez que, a partir dele, a associação “pênis/gênero masculino” e “vagina/gênero feminino” passa a ser vista como “natural”, de modo que indivíduos trans (isto é: aqueles cujos corpos não se mostram em conformidade com essa norma) sofrem processos de patologização, sendo classificados como “desviantes”. Para mais informações, conferir: NASCIMENTO, 2021.



uma vez que diferentes enunciados, em especial aqueles da “crise” *Tenho pinto pequeno*, tornam perceptível a pressuposição restritiva de que todos os homens possuíam um pênis, sendo a cisnorma, por conseguinte, outra prescrição que informa as representações de masculinidades do livro. Cabe destacar, além disso, que as discussões sobre os marcadores de raça e classe podem ser aprofundadas, de modo a colocar em evidência as imbricações entre o gênero e outros sistemas de classificação dos sujeitos. São consideradas especialmente significativas, nesse sentido, as “crises” que versam sobre emprego e dinheiro, conforme a classificação proposta (ver quadro 1).

De fato, acredito que a continuidade de análises quanto às representações de masculinidades do *e-book*, bem como de outros projetos do *PapodeHomem*, principalmente ao se considerar a longevidade do portal e das mudanças em seus regimes discursivos, mostra-se como um caminho pertinente para a proposição de debates acerca das identidades masculinas e das relações de poder implicadas em sua construção.

## REFERÊNCIAS

ACONTECE ARTE E POLÍTICA LGBTI+; GRUPO GAY DA BAHIA. **Relatório de Mortes Violentas de LGBTI+ 2021**. 2022. Disponível em:

<<https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2022/02/mortes-violentas-de-lgbt-2021-versao-final.pdf>>. Acesso em: 29 mai. 2022.

AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIAS. **Projeto de lei reitera proibição da tese de legítima defesa da honra em crimes de feminicídio**. 10 mai. 2021. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/753198-projeto-de-lei-reitera-proibicao-da-tese-de-legitima-defesa-da-honra-em-crimes-de-feminicidio/>>. Acesso em: 23 mai. 2022.

AMURI, Eduardo. Não sei controlar minhas finanças. In: ANDOLINI, LUCIANO (Org.). **As 25 maiores crises do homem (e como superá-las)**. São Paulo: publicação eletrônica, 2017, pp. 55-70.

ANDOLINI, Luciano. Fui traído. In: ANDOLINI, LUCIANO (Org.). **As 25 maiores crises do homem (e como superá-las)**. São Paulo: publicação eletrônica, 2017, pp. 25-31.

ANDOLINI, Luciano. Me divorciei. In: ANDOLINI, LUCIANO (Org.). **As 25 maiores crises do homem (e como superá-las)**. São Paulo: publicação eletrônica, 2017, pp. 191-198.

ANDOLINI, Luciano. Não consigo esquecer minha (ou meu) ex. In: ANDOLINI, LUCIANO (Org.). **As 25 maiores crises do homem (e como superá-las)**. São Paulo: publicação eletrônica, 2017, pp. 199-205.

ANDOLINI, Luciano. Não sei fazer minha namorada gozar (ou: sou ruim de cama). In: ANDOLINI, LUCIANO (Org.). **As 25 maiores crises do homem (e como superá-las)**. São Paulo: publicação eletrônica, 2017, pp. 123-128.

ANDOLINI, Luciano. Tenho medo de dar em cima de alguém. In: ANDOLINI, LUCIANO (Org.). **As 25 maiores crises do homem (e como superá-las)**. São Paulo: publicação eletrônica, 2017, pp. 117-122.

BENDER, Daniel. Mulheres perguntam. **PapodeHomem**, 22 mai. 2009. Disponível em: <<https://papodehomem.com.br/mulheres-perguntam>>. Acesso em: 16 set. 2021.

BLOGUEIRAS FEMINISTAS. **Sobre o Blog**. Disponível em: <<https://blogueirasfeministas.com/sobre-o-blog/>>. Acesso em: 17 set. 2021.

CAMARGO, Giovana. Como podemos nos comunicar (e paquerar) melhor. **PapodeHomem**, 8 set. 2015. Disponível em: <<https://papodehomem.com.br/percursos/admiravel-xaveco-novo/como-podemos-nos-comunicar-e-paquerar-melhor>>. Acesso em: 23 mai. 2022.

CALLEGARI, Jeanne. O que é um homem? O que é uma mulher?. **PapodeHomem**, 7 mar. 2012. Disponível em: <<https://papodehomem.com.br/o-que-e-um-homem-o-que-e-uma-mulher/>>. Acesso em: 17 set. 2021.

**corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica,

DR. LOVE. "Amigo" fura-olho. **PapodeHomem**, 22 fev. 2007. Disponível em: <<https://papodehomem.com.br/amigo-fura-olho>>. Acesso em: 16 set. 2021.

FEOLA, Gabriella. [18+] Guia do sexo virtual para homens. **PapodeHomem**, 6 dez. 2016. Disponível em: <<https://papodehomem.com.br/guia-do-sexo-virtual-para-homens/>>. Acesso em: 23 mai. 2022.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GONÇALVES, Danilo. Não sou hétero e sofro preconceito. In: ANDOLINI, LUCIANO (Org.). *As 25 maiores crises do homem (e como superá-las)*. São Paulo: publicação eletrônica, 2017b, pp. 165-169.

GONÇALVES, Danilo. Será que sou gay?. In: ANDOLINI, LUCIANO (Org.). *As 25 maiores crises do homem (e como superá-las)*. São Paulo: publicação eletrônica, 2017a, pp. 161-164.

GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: Uma revisão teórica. **Antropologia em Primeira Mão**, v.75, p.1-37, 2004.

GUEDES, Nessa. Mulheres, machos e blogs de sucesso. **Blogueiras Feministas**, 22 mar. 2011. Disponível em: <<https://blogueirasfeministas.com/2011/03/22/mulheres-machos-e-blogs-de-sucesso/>>. Acesso em: 17 set. 2021.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

hooks, bell. **The Will to Change: Men, Masculinity, and Love**. New York: Atria Books, 2004.

LASCIVA. [18+] Fantasias sexuais: a foda começa na sua mente. **PapodeHomem**, 20 mar. 2012. Disponível em: <<https://papodehomem.com.br/fantasias-sexuais-a-foda-comeca-na-sua-mente>>. Acesso em: 23 mai. 2022.

LASCIVA. [18+] Guia ilustrado do sexo anal. **PapodeHomem**, 26 abr. 2013. Disponível em: <<https://papodehomem.com.br/guia-ilustrado-do-sexo-anal>>. Acesso em: 23 mai. 2022.

LASCIVA. [18+] Guia ilustrado do sexo oral em mulheres. **PapodeHomem**, 5 fev. 2012. Disponível em: <<https://papodehomem.com.br/18-guia-ilustrado-do-sexo-oral-em-meninas>>. Acesso em: 23 mai. 2022.

LASCIVA. [18+] Manual da masturbação feminina. **PapodeHomem**, 11 jul. 2013. Disponível em: <<https://papodehomem.com.br/18-manual-da-masturbacao-feminina>>. Acesso em: 23 mai. 2021.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: BUARQUE DE HOLLANDA, H. (Org.). **Tendências e Impasses**: O Feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, pp. 206-242.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.) **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. pp. 7-34.

MATTOS, Frederico. 13 sinais de que um menino se transformou em homem. **PapodeHomem**, 13 mai 2013. Disponível em: <<https://papodehomem.com.br/sinais-de-que-um-menino-se-transformou-em-homem/>>. Acesso em: 19 nov. 2021.

MATTOS, Frederico. Não tenho mais ereções (estou ficando brocha). In: ANDOLINI, LUCIANO (Org.). **As 25 maiores crises do homem (e como superá-las)**. São Paulo: publicação eletrônica, 2017, pp. 103-110.

MATTOS, Frederico. Personalidade rígida (obsessiva). **Sobre a vida**: psicologia e relacionamentos amorosos, 13 ago. 2013. Disponível em: <<https://www.sobreavida.com.br/2013/08/13/obsessivo/>>. Acesso em: 23 mai. 2022.

MATTOS, Frederico. Sou virgem. In: ANDOLINI, LUCIANO (Org.). **As 25 maiores crises do homem (e como superá-las)**. São Paulo: publicação eletrônica, 2017, pp. 93-102.

MATTOS, Frederico. Tenho ejaculação precoce. In: ANDOLINI, LUCIANO (Org.). **As 25 maiores crises do homem (e como superá-las)**. São Paulo: publicação eletrônica, 2017, pp. 111-116.

MATTOS, Frederico. Tenho pinto pequeno. In: ANDOLINI, LUCIANO (Org.). **As 25 maiores crises do homem (e como superá-las)**. São Paulo: publicação eletrônica, 2017, pp. 146-150.

MATTOS, Frederico. Traí minha parceira e me sinto culpado. In: ANDOLINI, LUCIANO (Org.). **As 25 maiores crises do homem (e como superá-las)**. São Paulo: publicação eletrônica, 2017, pp. 32-36.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Em tempos de masculinidades coloniais em relevo, um intento de prefácio. In: CAETANO, Marcio; SILVA JÚNIOR, Paulo Melgaço da (Orgs.). **De guri a cabra-macho**: masculinidades no Brasil. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018. Prefácio. p. 7-9.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Revista estudos feministas**, 2008; v. 16, pp. 809-840. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n3/05.pdf>> Acesso em: 18 mai. 2022.

MISKOLCI, Richard. *Corpos Elétricos: do assujeitamento à estética da existência*. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, p.681-693, set./dez. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2006000300006/7366>>. Acesso em: 5 mai. 2022

MISKOLCI, Richard. Do desvio às diferenças. **Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política**, v. 1, n. 47, 2005. Disponível em: <<http://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/view/43/36>>. Acesso em: 17 out. 2021.

MISKOLCI, Richard. Reflexões sobre normalidade e desvio social. **Estudos de Sociologia**, [S. l.], v. 7, n. 13, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/169>>. Acesso em: 17 out. 2021.

MOURA, Leonardo. A mulher que come homens. **PapodeHomem**, 25 mai. 2010. Disponível em: <<https://papodehomem.com.br/a-mulher-que-come-homens>>. Acesso em: 16 set. 2021.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

NAVARRO, Débora. Estou insatisfeito com meu corpo. In: ANDOLINI, LUCIANO (Org.). **As 25 maiores crises do homem (e como superá-las)**. São Paulo: publicação eletrônica, 2017, pp. 224-229.

OLIVEIRA, João Victor Gomes de; ESCUDERO, Regina Célia. A masculinidade em questão: a promoção de um debate na esfera pública. In: Sônia Caldas Pessoa; Nair Prata (Orgs.). **Fluxos comunicacionais e crise da democracia: olhares de jovens pesquisadores**. 1ed. São Paulo: Intercom, 2020, pp. 45-59.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. Discursos sobre a masculinidade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 1-22, 1998.

PAPODEHOMEM. A Higiene Como Diferencial Competitivo para Comer Mulher. **PapodeHomem**, 19 jul. 2008. Disponível em: <<https://papodehomem.com.br/a-higiene-como-diferencial-competitivo-para-comer-mulher/>>. Acesso em: 16 set. 2021.

PAPODEHOMEM. Admirável Xaveco Novo. **PapodeHomem**. Disponível em: <<https://papodehomem.com.br/percursos/admiravel-xaveco-novo/>>. Acesso em: 23 mai. 2022.

PASSOS, Bruno. Sangue, Suor e Tábuas | A caverna do homem #2. **PapodeHomem**, 7 abr. 2013. Disponível em: <<https://papodehomem.com.br/sangue-suor-e-tabuas-a-caverna-do-homem-2/>>. Acesso em: 17 set. 2021.

PISCITELLI, Adriana. **Recriando a (categoria) mulher?** In: Algranti, L. (Org.). A prática feminista e o conceito de gênero. *Textos Didáticos*, n. 48. Campinas: IFCH/Unicamp, 2002, pp. 7-42.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Um apartamento em Urano**: Crônicas da travessia. São Paulo: Editora Zahar, 2020.

SANTO CAOS. **Demitindo Preconceitos**: Por Que as Empresas Precisam Sair do Armário. 2015. Disponível em: <<https://ac-landing-pages-user-uploads-production.s3.amazonaws.com/0000061489/c6a8e4cc-8591-4e08-a0a4-8e17c2f95685.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2021.

SANTOS, Marinês Ribeiro dos. A historiografia do design na perspectiva das relações de gênero: alguns apontamentos com base na pesquisa interdisciplinar. In: CRESCÊNCIO, Cintia Lima; SILVA, Janine Gomes da; BRISTOT, Lidia Schneider (Orgs). **Histórias de Gênero**. São Paulo: Verona, 2017, pp. 58-67.

SEFFNER, Fernando. **Derivas da Masculinidade**: Representação, Identidade e Diferença no Âmbito da Masculinidade Bissexual. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

VALADARES, Guilherme. "Com uma pequena ajuda dos amigos," uma década de PapodeHomem!. **PapodeHomem**, 31 dez. 2016. Disponível em: <<https://papodehomem.com.br/com-uma-pequena-ajuda-dos-amigos-uma-decada-de-papodehomem>>. Acesso em: 16 set. 2021.

VALADARES, Guilherme. Lifestyle Magazine: um novo conceito. **PapodeHomem**, 4 dez. 2006. Disponível em: <<https://papodehomem.com.br/lifestyle-magazine-um-novo-conceito>>. Acesso em: 15 set. 2021.

VALADARES, Guilherme. Masculinidade tóxica: comportamentos que matam os homens. **PapodeHomem**, 29. set, 2015. Disponível em: <<https://papodehomem.com.br/masculinidade-toxica-comportamentos-que-matam-os-homens>>. Acesso em: 17 set. 2021.

VALADARES, Guilherme. O que é uma crise?. In: ANDOLINI, LUCIANO (Org.). **As 25 maiores crises do homem (e como superá-las)**. São Paulo: publicação eletrônica, 2017b, pp. 16-18.

VALADARES, Guilherme. Papo de homem não é papo de hétero. **PapodeHomem**, 9 jun. 2021. Disponível em: <<https://papodehomem.com.br/papo-de-homem-nao-e-papo-de-hetero/>>. Acesso em: 17 set. 2021.

VALADARES, Guilherme. Precisamos falar com os homens? [nosso primeiro documentário original]. **PapodeHomem**, 3 nov. 2016. Disponível em: <<https://papodehomem.com.br/documentario-precisamos-falar-com-os-homens/>>. Acesso em: 17 set. 2021.

VALADARES, Guilherme. Prefácio. In: ANDOLINI, LUCIANO (Org.). **As 25 maiores crises do homem (e como superá-las)**. São Paulo: publicação eletrônica, 2017a, pp. 6-10.

VALADARES, Guilherme. Somos assim tão pretensiosos? **PapodeHomem**, 23 mar. 2011a. Disponível em: <<https://papodehomem.com.br/somos-assim- tao-pretensiosos>>. Acesso em: 15 set. 2021.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos**: cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018.